

REVISTA DA SEMANA



BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



—cidadãos das Américas VIZINHOS TODOS!

Há 18 anos que a ligação
aérea internacional é uma realidade!

Quando seus negócios o levarem a Miami, Nova York ou Chicago... uma conferência no México... um congresso em Buenos Aires ou Santiago... ganho tempo... viaje comodamente pelas estradas sem-trilhos sulcadas pelos "Clippers" da Pan American World Airways. Aviões rápidos e modernos, os "Clippers" dominam distâncias... Amanhã, o mundo inteiro será seu vizinho, graças aos gigantes "Clippers" que estão sendo construídos. Para sua próxima viagem internacional, informe-se de como poderá fruir da rapidez, conforto, vantagens do sistema dos "Clippers." Procure o mais próximo representante da PAA, ou as agências de viagens.



Ouça AQUARELAS DO BRASIL

às 6as-feiras das 22,05 às 22,35 na Rádio Nacional, ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30.86 metros). Um programa oferecido pela Pan American World Airways, sob o comando de Almirante.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

O ÁTOMO, A MORTE E O MUNDO

— Por **BERILO NEVES** —

"La matière, jadis envisagée comme inerte et ne pouvant restituer que l'énergie qu'on lui a fournie, est au contraire un colossal réservoir d'énergie — l'énergie intra-atomique — qu'elle peut spontanément dépenser. C'est de l'énergie intra-atomique libérée pendant la dissociation de la matière que résultent la plupart des forces de l'Univers, l'électricité et la chaleur solaire notamment."

GUSTAVE LE BON

A lenda de Prometeu realiza-se, muitos séculos depois que germinou no cérebro fantasioso dos Gregos. Um grupo de sábios do nosso tempo, na sua maioria pertencentes à perseguida raça de Israel, transpôs as fronteiras do Céu e roubou, num instante inadvertido de Júpiter, o fogo sagrado, capaz de destruir cidades e subverter a ordem física do Universo. O Átomo, que a antiga filosofia cuidava indestrutível e inatingível, pode desintegrar-se de súbito e transformar-se na mais potente arma de quantas sonhou o instinto belicoso dos homens.

A bomba atômica estoura como um sol que explode, um mundo subitamente em chamas. É o espetáculo mais portentoso da História e a conquista mais ousada da Ciência! A Matéria desintegra-se, consoante Le Bon o anunciara há mais de cinquenta anos, contrariando as idéias que vinham do tempo de Lavoisier, sua longínqua — pôsto que errônea — confirmação. **Nada se cria, tudo se perde** — é o axioma novo, trazido às cogitações da Física e da Filosofia pelo genial sábio francês. No começo de 1897, Le Bon anunciava à Academia de Ciências de Paris o resultado de suas experiências decisivas, segundo as quais todos os corpos, feridos pela luz, emitem irradiações capazes de fazer do ar bom condutor de eletricidade. Estendia-se à matéria em geral uma propriedade que se supunha constrita aos sais de urânio.

Le Bon trabalhava simultaneamente com o grande Becquerel, a quem se devem as pesquisas que levariam o casal Curie ao descobrimento sensacional do radium. O éter e a matéria nada mais são que elementos da mesma natureza. As diversas formas da Energia — eletricidade, calor, luz, matéria, etc. — são como raios do mesmo sol. Antes de Le Bon, outros cientistas haviam pensado em demolir a cidadela da indestrutibilidade da Matéria — entre eles o ilustre Faraday. Acreditava-se que a Energia e a Matéria eram opostas entre si, e antagônicas. "Pareciam pertencer a dois mundos diferentes" — disse Le Bon ao historiar as crenças de que se tornou o iconoclasta au-

daz, no apagar das luzes do século XIX. Não só os filósofos, mas ainda os físicos assentavam na distinção dogmática e, nem por isso, menos mentirosa.

Sobre as ruínas das antigas teorias e após quase um século de esforços (segundo resume Le Bon) duas potências soberanas tinham surgido, do fundo silencioso das idades: a Matéria, como trama fundamental das coisas, e a Energia, sua grande animadora. E eis que, de um momento para outro, as duas divindades confundem suas faces aos olhos argutos da Ciência, e revelam-se uma só criatura, vivendo num mesmo Céu todo-poderoso e eterno!

Com efeito, um pugilo de cientistas, de raças diversas e pátrias diferentes, reunidos sob a ban-

deira acolhedora da América do Norte, leva às extremas consequências os velhos trabalhos de Becquerel, Crookes e outros, desintegrando o Átomo e fazendo com ele o mais mortífero instrumento da História Universal.

Travara-se, havia muito, o duelo dos sábios. Alemães, ingleses e norte-americanos diligenciavam dispartir o Átomo, para mudar o rumo dos acontecimentos mundiais e conquistar decisivamente a Vitória. As forças misteriosas que presidem à vida humana fizeram que esse descobrimento se reservasse aos Aliados, isto é, à causa da justiça internacional. O poder de destruir o mundo confina-se nas mãos que se ergueram para o salvar da ruína e da desolação.

A esta circunstância feliz devemos o encarar com relativa confiança os dias que se vão seguir no calendário da Humanidade.

Se um dia, por desgraça dos homens, semelhante arma cair em mãos criminosas, estará finda a missão da nossa espécie na face da Terra, porque nenhum vestígio de vida restará nos restos esfrangalhados de um mundo em pandarecos!

★

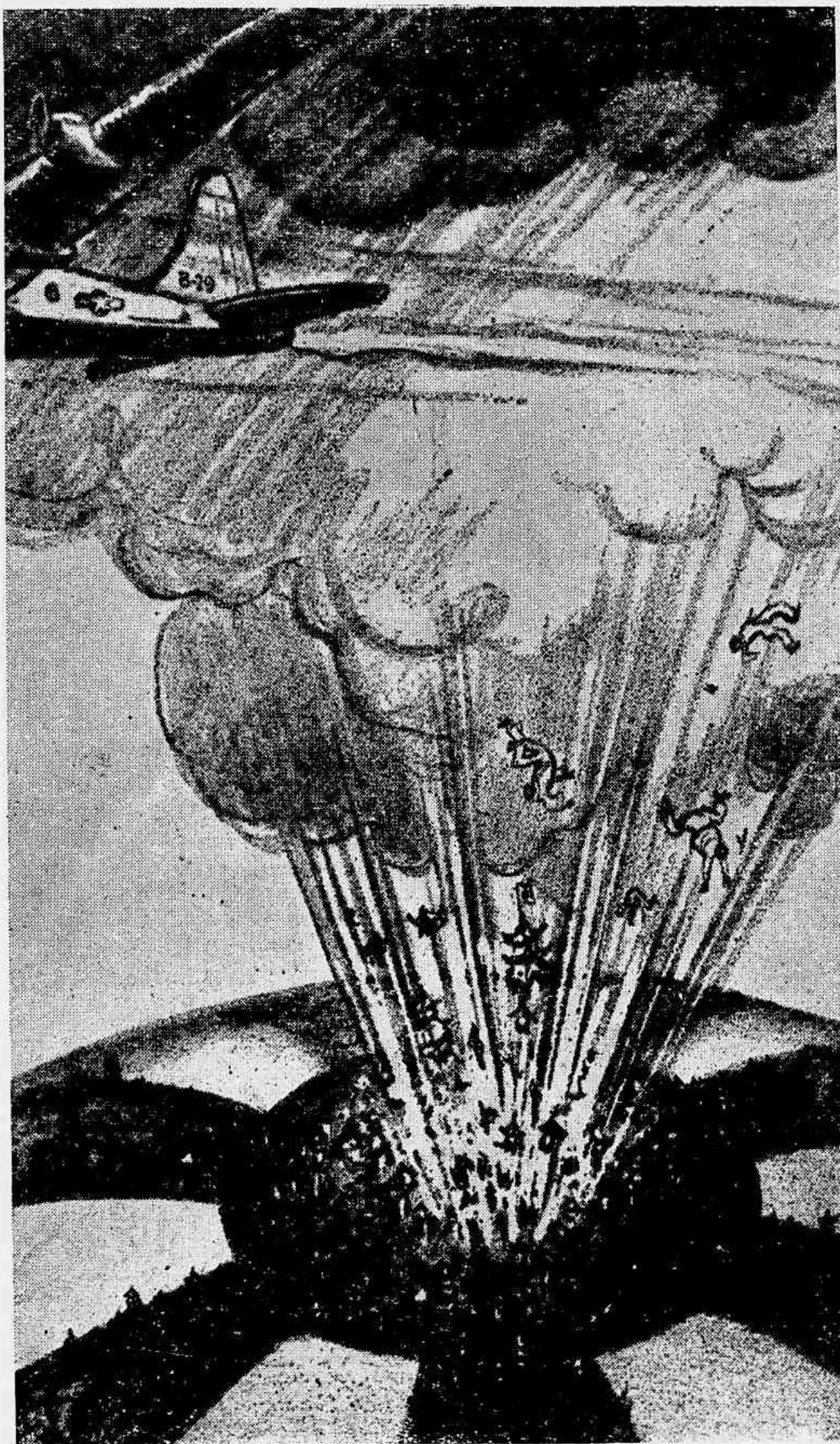
Espírito daninho, o Homem tem cultivado com maior constância as artes da destruição do que a ciência de edificar. Os reis belicosos, imperadores audazes e guerreiros bulhentos imortalizam-se no bronze das estátuas e no verso das epopéias, enquanto os biólogos, médicos, filantropos e outros benfeitores repousam no silêncio do olvido universal. Nenhum Francisco de Assis ou Anchieta logrou, jamais, a popularidade fácil de um César ou de um Bonaparte. A Glória argamassa-se com o sangue dos exércitos e a lágrima das mães, que se unem ao pó da terra, onde caem as vítimas mal feridas das batalhas.

O trabalho dos laboratórios é humilde como a oração dos verdadeiros crentes. O canhão é, por si mesmo, uma voz que se levanta, do fundo de um cenário de batalha, para proclamar as excelências de um homem e a superioridade de um general.

Eis por que os descobridores da **bomba atômica** vão ser coroados de todas as honras, enquanto a imagem dos Le Bon e Becquerel cada vez mais se apagará na palidez dos fatos mortos, no imenso cemitério do Passado. Aquêles acabam de dotar a Humanidade com uma arma capaz de destruir o próprio planeta que habitamos. Estão de parabéns os corvos e as corujas: vai começar a última cena da auto-destruição do gênero humano!

★

Mais tarde, quando a Terra nada mais for que um novelo de flamas a rolar pelos espaços lastreados de névoas pulverulentas, terá chegado a vez de outros corpos celestes sentirem os efeitos sísmicos da **bomba atômica**. É o cumprimento da velha profecia religiosa de que o fogo, e não mais a água, acabará o mundo, cancerado de erros e de crimes. E, então, a paz de Deus baixará, de novo, sobre os restos revoltos do Universo. O verme da Terra ter-se-á abrasado nas chamas da sua pavorosa loucura e ingênita maldade...



FALA O "TERTIUS"

OS OPERÁRIOS DEVERÃO PARTICIPAR DOS LUCROS DAS INDÚSTRIAS — PRODUÇÃO DIRIGIDA E ESTIMULADA PELAS PREFEITURAS — A "REVISTA DA SEMANA" ENTREVISTA O DR. STELIO GALVÃO BUENO, CANDIDATO DO PARTIDO SOCIALISTA CRISTÃO

JÁ existe o terceiro candidato à Presidência da República. Como se trata entretanto de um elemento até hoje afastado da política, são raros os que conhecem esse homem, cuja candidatura vem de ser lançada pelo presidente do Partido Socialista Cristão, D. Carlos Duarte da Costa, ex-bispo de Maura e atual chefe da Igreja Católica Apostólica Brasileira.

A REVISTA DA SEMANA, órgão independente e neutral, que acompanha, porém, passo a passo o desenrolar de todos os acontecimentos políticos do momento, noticiando-os sempre com isenção de ânimo e equidistância, não poderia deixar de registrar o lançamento da candidatura Stelio Galvão Bueno, apresentando ao mesmo tempo ao público o "tertius", tal como ele o é, em sua vida civil e profissional.

Embora completamente alheio à política como elemento militante, o dr. Stelio Galvão Bueno é um grande estudioso de qualquer assunto ligado à legislação trabalhista e à economia rural, já tendo mesmo um trabalho escrito em torno do problema agrícola que nos aflije.

PALAVRAS DE UM JOVEM

Atendeu-nos, à porta do palacete residencial do dr. Stelio, um garoto, que logo identificamos como filho do advogado. Esperámos em um "living-room" onde pouco depois entrava o "tertius".

A nossa entrevista foi rápida, mas durante a mesma o dr. Stelio Galvão Bueno expôs-nos, embora em síntese, os pontos principais de seu arrojado programa, relatado na plataforma lida no dia 15 do corrente, em São Paulo.

O candidato do Partido Socialista Cristão é ainda bem jovem, o mais moço mesmo de todos os que têm até hoje pleiteado o pôsto de mais alto magistrado da Nação.

Nascido em São Paulo, em 1906, contando portanto hoje 39 anos de idade, fez ele os seus estudos de humanidades no Colégio Pedro II, de onde saiu para a Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Desde o primeiro ano de estudos jurídicos, o universitário mostrou seu entusiasmo pelos casos criminais, estudando-os sempre com carinho e amor. Tornou-se por isto mesmo, mais tarde, um dos famosos advogados do nosso Fôro, tendo participado dos debates das mais rumorosas sessões do júri. Entre os seus brilhantes trabalhos de defesa, figura o caso Gabizo, que agitou os meios jurídicos do Estado do Rio. Baseando-se na lei de desaforamento, por ele redigida e apresentada ao Governo, que a aprovou, o jovem causídico conseguiu a vitória. Este e outros trabalhos de vulto levaram o dr. Stelio Galvão Bueno a figurar na galeria dos grandes advogados do Brasil, cujos retratos os promotores

do Rio inauguraram no Fôro em 1933. De então para cá continuou sempre em linha ascendente a brilhante carreira do illustre causídico.

Mais tarde, o dr. Stelio concebeu e organizou uma espécie de cooperativa agrícola, em caráter particular, contando com o apoio de algumas organizações já em funcionamento. Esta grande rede de estabelecimentos agrícolas, a que se deu o nome Lavradores Unidos S. A., iria pôr em prática um novo sistema de exploração dos campos, que viria, através um avançado programa, beneficiar trabalhadores e produtores. Entusiasmado com a reforma de nosso regime de trabalho agrícola, escreveu ele um livro intitulado "Reorganizemos a Lavoura no Brasil", que ainda se encontra no prelo.

Este é o homem que aos trinta e nove anos de idade foi procurado em sua casa pelo "leader" de um partido político, para que o representasse no próximo pleito presidencial.

Assim nos explica o "tertius" o lançamento de sua candidatura:

— Eu não pertencio ao Partido Socialista Cristão, apesar de minhas idéias políticas terem sido sempre análogas às daquelas que anima os seus membros. Há pouco tempo recebi a visita de D. Carlos, que, sem dizer ao que vinha, conversou longamente em torno do momento político nacional, fazendo-me perguntas sobre os mais intrincados problemas que enfrenta hoje a Nação Brasileira. O "leader" se retirou, sem que me revelasse o verdadeiro motivo de sua visita. Alguns dias depois, voltou à minha residência, acompanhado de vários outros próceres do Partido Socialista Cristão. Conversamos de novo demoradamente, tendo-me sido repetidas várias das perguntas anteriores. Terminada aquela sabatina, declarou-me o sacerdote o verdadeiro motivo da minha e indagou se eu aceitaria a minha candidatura. Não podia responder-lhe prontamente afirmativamente. Prometi pensar nos prós e contras da questão e dar-lhe mais tarde a minha decisão definitiva. E esta foi a aceitação.

Assim entrei na luta. Decidido a batê-lo num pleito democrático e livre, contra qualquer um dos outros candidatos. Os jornais quiseram, a princípio, tomar meu gesto como uma burla. E lançaram comentários jocosos e recheados de ironia mal feita em torno da minha candidatura. Ela é, entretanto, o resultado de uma decisão de um partido político nacional que congrega um eleitorado numeroso, que possam falar a respeito de mim e atingir o alvo. Todos os ataques que me têm sido feitos carecem de argumentos, revelando a má fé de seus autores.

Este fato é significativo: os comentaristas políticos propalaram a sua adesão ao meu programa, antes de eu mesmo dá-lo ao público, como se possuíssem qualidades de vidente.

PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS

O dr. Stelio Galvão Bueno nos falou em torno da legislação trabalhista. Quanto ao trabalho industrial, a

O dr. Stelio Galvão Bueno mostra ao seu caçula Marco Túlio uma revista de guerra, explicando-lhe da melhor maneira possível o que significam as fotografias dos fuzileiros americanos combatendo em Guadalcanal.



DAS
LAS
A O
IDO

33. De
linha
o ilus
e or
a agri
do com
já em
de es
se deu
ria por
explora
és um
abalha
o com
trabalho
titulado
il", que
e nove
ua caso
co, para
o pleito
o longo

o Socia
idéica
análogo
ros. Há
o. Carlo

unverso
no poli
as sobr
que er
"leader
e o ve
uns dic
a, acor
ceres o
versámi
-me sic
interiore
clarou-
da me
a mini
der-lhe
ti pens
e dar-l
definitiv

o a bale
vre, cor
dados. O
tomar
langar
os de i
ha can
sultado
nacion
numeroso.
e mim n
ques q
e argum
us autor
s comen
sua adv
les de
mo se f

NCROS

o nos
trabalho
ustrial,



pela participação dos operários nos lucros das empresas e pela aplicação de sanções para as faltas que venham a cometer como trabalhadores. O principal objetivo do meu partido, como o seu próprio nome indica, é objetivar uma legislação cristã, que facilite a todos os homens viverem decentemente, num ambiente de paz, solidariedade e confiança recíproca. Isto só se pode conseguir criando-se uma perfeita harmonia entre o capital e o trabalho. E esta harmonia, por sua vez, somente será compatível com um regime de perfeita compreensão de deveres e direitos entre patrões e empregados. Em primeiro lugar teremos que satisfazer os interesses econômicos e coibir os lucros extraordinários. Eis a solução do problema: participação dos operários nos lucros. Com ela teremos o estímulo do trabalho assalariado e o consequente aumento de produção.

— E o senhor tem como certo que isso acarretaria o barateamento da vida?

— A diminuição do custo seria logicamente uma das primeiras consequências desse regime. Com a produção aumentada e a mão de obra recompensada com a participação dos lucros, desapareceria por si mesmo o problema angustiante da carestia. Para tal concorreria ainda o aumento da produção agrícola, que seria estimulada pelas próprias municipalidades.

— Como assim?

— Por um sistema muito simples. As prefeituras criariam fazendas municipais, uma pelo menos em cada município. A esses institutos seria dado todo o auxílio necessário pelo Estado e pela União. Tais fazendas explorariam racionalmente a agricultura e a pecuária, com maquinaria moderna e emprego de técnicos.

— Essas fazendas seriam mais ou menos uma espécie de "comunidades agrícolas"?

— Não. A "comuna" tem sua função restrita aos seus terrenos. As fazendas municipais iriam além. A elas caberia dar auxílio às iniciativas particulares que se fizessem no sentido da exploração agrícola. Esse auxílio, em vez de ser prestado em espécie, seria dado em homens e material. Assim poderiam prosperar as fazendas particulares. E quanto maior fosse o seu grau de desenvolvimento técnico e econômico, tanto menos oneradas

estariam elas com relação às leis tributárias. Os impostos seriam pagos pelos fazendeiros na razão inversa do grau de adiantamento de suas fazendas. E a fiscalização se faria por intermédio dos estabelecimentos modelos a que me referi. A estes últimos caberia ainda amparar os camponeses e, para tal, todos eles seriam dotados de escolas técnicas e primárias, dispensários, enfermarias equipadas com material cirúrgico, creches e tudo o que se tornasse necessário ao bem-estar dos trabalhadores rurais.

Quando uma fazenda particular atingisse o mesmo padrão seguido pelo estabelecimento modelo, estaria nula a sua contribuição obrigatória para com o fisco.

O PRIMEIRO COMÍCIO

Assim falou o dr. Stelio Galvão Bueno, candidato à Presidência da República dos Estados Unidos do Brasil, pelo Partido Socialista Cristão. Estas foram as palavras do mais jovem dos três candidatos. Nelas se incluem vários pontos do seu programa básico.

A sua plataforma, contendo explanações minuciosas em torno do seu programa de ação foi lida entretanto em São Paulo, onde o jovem político estreante falou pela primeira vez ao povo, em comício realizado em praça pública. Ali se reuniram os "leaders" do novo partido, sob a presidência de D. Carlos Duarte, afim de falar ao povo paulista.

E o comício foi assinalado também pela leitura da plataforma do dr. Stelio, que assim ingressou na política nacional.

Até hoje, os jornais têm dado um cunho pitoresco à candidatura do conhecido advogado. Essa é, porém, uma linha que não se enquadra com perfeição nos métodos democráticos de propaganda eleitoral. De uma maneira ou de outra, o novo candidato representa um partido político que, embora novo, concorrerá ao pleito com o mesmo entusiasmo que as demais organizações.

Justo é portanto que se respeite a sua candidatura. Venga ou não, ele cumpriu o seu dever partidário, concorrendo nas eleições presidenciais apenas com o apoio de seus correligionários e de sua fé nos destinos do Brasil e na vitória de sua facção.

Ao alto — O "tertius" em palestra com o nosso redator, em sua residência em Botafogo. Esta entrevista foi concedida à REVISTA DA SEMANA no dia 10 do corrente, portanto antes da leitura da plataforma do candidato do Partido Socialista Cristão, feita em São Paulo no dia 15. Em baixo — Nos momentos que lhe deixam livres o seu trabalho árduo de advogado, o dr. Stelio Galvão Bueno entrega-se à leitura e aos estudos de economia política. A foto mostra-nos o terceiro candidato, em seu gabinete de trabalho, consultando um volume.



Touradas em São Januário

Eram bons tempos, aqueles... Jogávamos "pelada" na rua, entusiasmados com a vitória quando elas nos sorria, desesperados quando o "team" adversário nos dava um "banho". E aos domingos, metidos em nossas fatiolas de missa, de carona, ou pelo preço de três mil e pouco, víamos das gerais as "letras" e as "escapadas" sensacionais dos nossos ídolos.

Havia então no Brasil um futebol de classe, que não era bem futebol e sim "football". Não se sabe se a mudança ortográfica ou a degenerescência que se verificaram de então para cá nos costumes das grandes metrópoles, nos levaram a alegria de um velho domingo esportivo, e nos deixaram essa estupidez organizada que se chama o esporte brasileiro de hoje. Mas queremos crer que essa transformação se deva em grande parte ao profissionalismo. Antigamente o paradigma dos esportes era o velho Fried, aquele "El Tigre" quase genial, capaz de fazer com uma bola tudo o que queria, desafiando a própria física e a famosa lei da gravitação universal. Era de vê-lo evoluir no gramado, burlando sempre a vigilância dos mais hábeis defensores, para dirigir a linha do Paulistano no caminho da glória e da celebridade. Foi à Europa e venceu. Correu os Estados e entusiasmou a própria torcida dos clubes adversários, que nunca pouparam aplausos às suas fintas admiráveis e aos seus arremessos magistrais. Assim era o futebol. Escrito em inglês mas jogado braileiramente, com cavalheirismo, decência, dignidade. Fried punha toda a sua alma nos pés, quando pisava o gramado. Lutava pela vitória de seu clube, não decepcionava nunca os seus "fans".

Hoje, que diferença! A inteligência de Friedreich sucedeu a ganância dos Leonidas mercenários, capazes de abandonar o seu quadro em meio da pugna, se o "bicho" não lhes for bastante.

Esse triste estado de coisas culminou no domingo, com a tourada de São Januário, durante o decorrer da qual, não só os jogadores, como também os torcedores do clube cruzmaltino agiram com verdadeira selvageria, para impedir o triunfo do Botafogo. Com isenção de ânimo, analisemos os fatos: Heleno, o mais irritável dos "cracks" botafoguenses, vaiado na entrada, constituiu uma provocação premeditada. E depois a agressão feita a Spinelli, que resultou em ferimentos profundos na cabeça deste jogador, foi um atestado evidente de que o Vasco não quer perder, neste campeonato, nem uma partida. E os elementos adversários que paguem, à custa do próprio sangue, o preço de sua invencibilidade. E o público que assista, em vez de futebol, a uma corrida de touros...



A SEMANA EM REVISTA

Sete dias que abalaram o mundo

Explodiu sobre a cidade japonesa de Hiroshima uma bomba americana, lançada de avião em paraquedas. Explodiu a bomba? — Para estarmos em melhor harmonia com a moderna teoria atômica, e não arrebrantar os timpanos dos professores de química dos nossos ginásios, seria melhor dizermos que explodiu Hiroshima. Sim, pois o petardo, pela força da difusão iônica do urânio que continha, fez desagregar a própria estrutura atômica de toda a matéria que se encontrava num raio de muitas milhas. Mas a bomba não atingiu só a municipalidade nipônica; ela fez mais: seccionou em duas partes a própria História Universal, dividiu a vida planetária e talvez mesmo a existência do sistema solar em duas frações distintas. Sim, pois com o terrível invento o homem atingiu o ponto culminante dos conhecimentos e da experimentação. Pelo processo empregado na desintegração do átomo, pode-se agora evitar ou provocar um terremoto, transformar o oceano num deserto, mudar o Ceará numa lagoa, alterar as próprias rotas planetárias, impedir o caminho de todos os satélites de Júpiter.

Mas não foi apenas esse o grande acontecimento da semana. A própria bomba atômica determinou outros fatos de grande repercussão: o primeiro deles foi o pedido de paz do Mikado, que já está disposto a entregar-se aos Aliados. A notificação foi em termos às forças combatentes das quatro nações que se encontram em guerra contra o Império Nipônico. A rendição incondicional seria aceita, mas... com uma condição: o "deus" Hirohito continuaria no poder, com todas as suas prerrogativas mantidas e respeitadas.

Não viesse isso em telegramas encabeçados pelas iniciais das agências de notícias mais respeitáveis e insuspeitas, e seria tida por nós como uma boa piada.

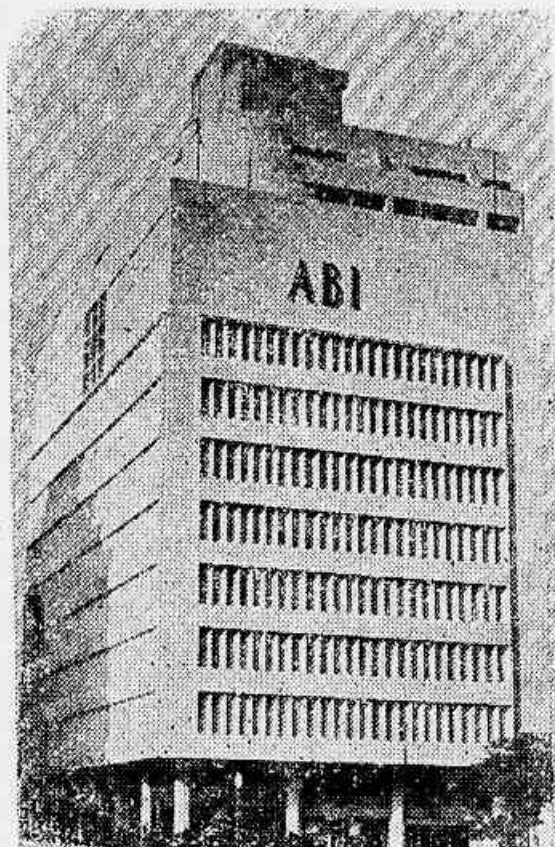
Sabeis, por acaso, leitor, quais são as prerrogativas do filho do Sol? Pois são nada mais que isto, mais ou menos: direito de vida e de morte sobre todos os seus súditos. Divindade respeitada por todos os que dele se acercam. Assim viveu Hirohito até hoje. Agora, reconhecendo a derrota como certa, quer continuar a viver assim, no seu palácio de Tóquio, recebendo as homenagens dos generais vitoriosos, que o viriam reverenciar todos os dias obrigatoriamente, mal o sol rompesse no horizonte. Mas o tiro saiu pela culatra. Os americanos não aceitaram a rendição. Os ingleses idem. E os russos, a segunda bomba atômica que os Aliados atiraram contra o Japão, riram-se da proposta.

E continuaram a avançar. A aviação voltou a atacar os centros industriais do Mikado, a baía de Tóquio foi novamente visitada. Os japoneses tornaram-se brancos de susto. Quão diferentes são esses pobre nipões de hoje, dos arrogantes militaristas de Pearl Harbour e de Shangai. O pânico foi tão grande que o próprio hara-kiri perdeu o prestígio. E o Japão terminou por entregar-se sem imperador e tudo.

Os japoneses tinham encontrado até agora pela frente apenas as populações indefesas das ilhas americanas e o heroísmo desarmado dos chineses. Hoje, a música mudou de tom. Os "tanks" russos e a bomba atômica são argumentos claros de mais para não serem compreendidos pelos amarelos.

Assim, os filhos de Nipon voltam a compreender que são, como todos os outros seres humanos, sujeitos ao medo e a todas as emoções próprias de animal racional. Já não são os mesmos os soldados de Hirohito. Ontem, deixavam-se rasgar pelas metralhadoras "yankees" antes de se darem por vencidos. Hoje, entregam-se em massa às forças libertadoras, conscientes da inutilidade da luta.

O mundo marcha. E o Japão evolui. A violência da guerra era necessária, para fazer a civilização chegar a Tóquio. A divindade do imperador, explorada habilmente pelos militaristas nipônicos, fizera das novas gerações japonesas um aglomerado de máquinas de guerra. Agora, jogado por terra o ídolo de barro, os japoneses perdem um deus e ganham a vida.



Herbert Moses, campeão da Paz

Só mesmo ele, Herbert Moses, poderia fazer isto: no saguão do edifício da A. B. I., separados apenas por um frágil biombo, estão instalados três "bureaux" eleitorais. A existência de três postos de alistamento não seria nada, se eles não pertencessem aos três partidos adversários que concorrerão nas urnas pela primazia política. Na entrada do grande prédio da rua Araújo Porto Alegre instalaram-se os "bureaux" — um do Partido Comunista do Brasil, um da União Democrática Nacional e o terceiro pertencente ao Partido Social Democrático. Ao lado do compartimento onde Mme. Maria Eugénia Alvaro Moreyra se encarrega de alistar todos os "tovaritchs" da cidade, está uma mocinha angariando votos para o Brigadeiro; e do outro lado do tabique fino aparece, de vez em quando, alguém para se incluir na lista dos eleitores do P. S. D.

Assim se faz pela primeira vez no Brasil uma coisa semelhante. Três partidos políticos angariando votos dentro do mesmo recinto, na mais perfeita harmonia, na mais completa paz. Já funcionam os "bureaux" há mais de uma semana e, até hoje, nem ao menos um tiro de revólver ecoou no saguão. Herbert Moses conseguiu mais uma vitória.

Acomodou três partidos dentro da A. B. I., serviu, como no restaurante da Associação, a todos os paladares, sem necessidade de discussão e de pancadaria. E continuou. Há mais de quinze anos que ele vem empregando essa técnica hábil e segura de política interna. Paz, muita paz... Enquanto houver harmonia em torno, o seu trono estará seguro. Pugnas políticas alheias aos destinos da A. B. I. lhe interessam apenas como jornalista. Para ele, portanto, tanto faz que vá ao catete este ou aquele candidato. Deixem eles a política da Associação Brasileira de Imprensa em suas mãos, e o resto que fique por conta dos eleitores. E, como presidente da A. B. I. ele sabe agradar a todos. Não lhe bastam Deus e o Diabo. E' preciso acender também uma vela ao Partido Comunista. E que funcionem os três "guichets" em perfeita harmonia, sem discussões e sem rusgas. Amanhã, talvez se instale no saguão da A. B. I. o "bureau" eleitoral do sr. Stelio Galvão Bueno.

E como continuam a aparecer em público as manifestações dos "Queremos", Herbert Moses já deve estar planejando uma ampliação no "hall". Que ali fiquem representados todos os partidos, é o desejo supremo do jornalista. Que ninguém se lembre de brigar na A. B. I., é a sua preocupação maior.

A poetisa Maria Eugénia Alvaro Moreyra continuará a alistar os camaradas da cidade, a mocinha eduardista poderá arranjar muitos eleitores mais. O encarregado do "guichet" do general Dutra matará as moscas que vierem ter à sua mesa, enquanto espera pelo próximo pedido de inscrição. Enquanto isto, um grupo de quemistas estará pensando em conseguir uma vaga no saguão da A. B. I. Quando o candidato do bispo de Maura voltar de São Paulo, talvez já tenha ali o seu espaço reservado. O sr. Herbert Moses comprará mais alguns metros de madeira e o biombo será ampliado.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; e número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro. Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knopee & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires

Propriedade da CIA, EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 33 --- 18-8-945

REPORTAGENS

Fala o "Tertius"	4/5
Aqui se nasce, aqui se morre (Celestino Silveira)	9/16
Santo Amaro	17
O desfile da F. E. B. em São Paulo	19
Sempre no coração de Gloria Warren (R. Lyra, F.º)	24/25
Figuras e Fatos	35
Jockey Club	38

LITERATURA

O átomo, a guerra e a morte (Berilo Neves)	3
Um lápis (William Mac Harg)	23
Vida social brasileira (Escragnolle Doria)	26
A última cena (Oscar Lopes)	28/29
Encontro (Marguery Thane)	34
Livros Novos	36/37

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	27
A arte de bem calçar	30/31
Modelos avulsos	40 e 50

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Teatro (C.) e Música (R.)	20/21
Artes Plásticas	32
A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano)	56/57

CARICATURAS

De Bom Humor	18
"Charge" de Luiz Sá	33
Raul	52

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	53/54
-------------------------------------	-------

EXTRA

Os concursos literários da REVISTA	3
--	---

NOSSA CAPA

A mais recente e sugestiva pose de Evelyn Keyes, "estrela" da Columbia, aparece na sobrecapa do presente número. Trata-se de uma conhecida e festejada artista cinematográfica, pertencente à categoria dos reais tipos de beleza, e cuja graciosidade mais se faz realçar nesse instantâneo. Aliás, a secção cinematográfica está, como sempre, amplamente desenvolvida neste número, permitindo ainda oferecer às leitoras outras páginas avulsas, com alguns recentes modelos de Hollywood, que nos remeteu nosso correspondente Luiz Serrano. São várias e palpitantes as entrevistas e reportagens incluídas nesta edição: a visita ao Hospital das Clínicas de São Paulo; uma palestra com Gloria Warren ora no Rio; a primeira reportagem com o terceiro candidato à Presidência da República; o desfile das Forças Expedicionárias Brasileiras na avenida São João, e as secções do costume, completam o sumário da presente edição, que traz ainda várias "charges", acontecimentos da semana, desenvolvida parte literária e, novamente, as bases dos três grandes concursos que vimos realizando: de teatro, de contos e de romances.



Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo a usar Regulador Gesteira

Aconteceu...

HÁ MUITO TEMPO

No "Calendario del Periodista", publicação americana, encontramos várias "pérolas", apostas à margem das datas desta semana. Entre outras, destacamos as seguintes:

AGOSTO

- 14 — Fundada a cidade de Berlim, em 1237.
- 15 — Aberto à navegação o canal de Suez, em 1869.
- 16 — Morre Eça de Queiroz, 1900.
- 17 — Completa-se a ocupação da Sicília, em 1943.
- 19 — Hitler assume o cargo de chanceler do Reich, em 1934.
- 19 — Data da malograda expedição aliada a Diepe.

Estas são pequenas folhas esparsas de um calendário, "souvenirs" de éras para sempre perdidas na distância do tempo. Para nós são tôdas coisas de um passado remoto, que parece não ter sido vivido por nós e do qual não guardamos mais que idéias vagas e apagadas.

Em 19 de agosto de 1237, cavaleiros e peões de armadura rebrilhante, lanças em riste, contemplavam o pavilhão do burgo de Berlim, que se erguia pela primeira vez no tópo do mastro rústico. Plantaram-se habitações em torno. Do pequeno brugo infante saíram cruzados, muitos cruzados. A cidade voltaram depois, heróis, poucos heróis. Assim viveu Berlim. Entre o fragor de uma batalha e outra, a cidade crescia e prosperava.

Das seis comemorações que acima descrevimos, apenas a morte de Eça de Queiroz não está intimamente ligada à história de Berlim. Senão, vejamos: em 1237 foi fundada a cidade. Em 1869 os ingleses abriam à navegação internacional o canal que corta o istmo de Suez. Tudo correria bem, se em 1934 não assumisse a chancelaria do Reich o sr. Adolf Hitler. Foi ele que se lançou à conquista do canal, chave-mestra das linhas de comunicação com o Extremo Oriente. E o chanceler investiu contra a África, na rota do Egito. Malograda que foi a sua tentativa, os Aliados apossaram-se da África Italiana e invadiram a Sicília, em fins de julho de 1943. Antes, já eles haviam tentado um desembarque contra o próprio coração do Reich, tentando ferir de morte a fera carniceira. Malogrado o desembarque de Diepe, prepararam-se com vagar e voltaram à carga. A Normandia e a Bretanha foram libertadas. A Alemanha foi invadida por todos os lados — por ingleses, franceses, americanos e russos. E chegou o fim de Berlim. De agosto de 1237 ao dia de hoje muitas coisas aconteceram. Mas nenhuma história tão trágica como a dessa cidade infeliz, sobre a qual parece pesar a maldição de um feiticeiro medieval.

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

Os grandes concursos literários da «Revista da Semana»

Um concurso de teatro com Cr\$ 10.000,00 de prêmio ao autor da peça classificada em 1.º lugar, oferecido pelo Clube Ginástico Português — Um concurso permanente de contos que a "REVISTA" publicará — Um concurso de romances — PRÊMIOS "APOLONIA PINTO", "AURELIANO MACHADO" e "REVISTA DA SEMANA" — As bases das três grandes provas — Outros detalhes.

Como temos noticiado amplamente, a REVISTA DA SEMANA instituiu um triplo concurso literário, destinado a estimular os valores novos das letras nacionais, oferecendo-lhes uma oportunidade para a consagração definitiva de seus trabalhos, através um certame de larga repercussão e altamente compensador para os concorrentes, mormente para aqueles que pretendam se iniciar na carreira das letras.

Esses concursos têm como objetivo primordial o enriquecimento das letras pátrias, com o aparecimento de novos valores aos quais sejam dadas possibilidades de aparecer e vencer, pondo assim a literatura brasileira em dia com a evolução das teorias e das idéias que hoje agitam os grandes centros industriais.

Dividimos assim o nosso certame em três concursos distintos: um destinado a selecionar peças teatrais, outro a contos, e

o terceiro, finalmente, a romances, compreendendo-se em princípio, que para concorrer aos prêmios relativos a qualquer dessas competições intelectuais os candidatos devem apresentar trabalhos inéditos.

Deve ficar ainda patente que de qualquer dos três concursos só poderão participar autores brasileiros natos, por isso que os mesmos têm o fim imediato de desenvolver valores patrióticos e amparar vocações artísticas das novas gerações do Brasil.

Repetimos abaixo as bases dos concursos, que têm como patronos o saudoso jornalista Aureliano Machado, que dirigiu durante longo tempo o nosso semanário, para os prêmios destinados aos contos; a atriz dramática Apolônia Pinto, para o concurso de peças teatrais; e a REVISTA DA SEMANA para o de romances.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

DE TRÊS EM TRÊS MESES, SELEÇÃO DE DOZE CONTOS LITERÁRIOS QUE SERÃO PUBLICADOS NAS PÁGINAS DA "REVISTA" — TEMAS DE PREFERÊNCIA BRASILEIROS MAS TAMBÉM GENERALIZADOS — UMA OPORTUNIDADE PARA OS NOVOS — CR\$ 100,00 PARA O AUTOR DE CADA CONTO PUBLICADO.

A REVISTA DA SEMANA institui também, neste número, um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

- 1) O prazo para o primeiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 30 de setembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dobr, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, ENREDO, ESTILO e UNIDADE DE AÇÃO no relato da história, podendo intervir-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos de autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remittentes na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, fará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que se serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLONIA PINTO"

CR\$ 10.000,00 PARA O PRIMEIRO CLASSIFICADO, OFERTA DO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS — REPRESENTAÇÃO DAS PEÇAS COLOCADAS EM 2.º E 3.º LUGARES PELA ESCOLA DRAMÁTICA DA MESMA INSTITUIÇÃO — AS PEÇAS CONTERÃO PERTENCENDO EXCLUSIVAMENTE AOS AUTORES.

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "PRÊMIO APOLONIA PINTO", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros que tenham ou não peças representadas.

- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.

- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.

- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.

- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.

- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.

- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.

- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora participar do concurso.

- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.

- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO PRÊMIO "APOLONIA PINTO"

A comissão julgadora do nosso concurso de peças teatrais está composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representando a REVISTA DA SEMANA; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Bandeira Duarte, como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal, pela Casa dos Artistas.

O CONCURSO DE CONTOS E OS ORIGINAIS RECEBIDOS

O concurso de contos tem caráter permanente, obedecendo os originais ao julgamento periódico, que se fará de três em três meses. Nessas apurações serão selecionados os originais a serem publicados nos três meses imediatamente posteriores. Cada trabalho premiado será remunerado com a quantia de Cr\$ 100,00.

Até o presente momento já nos chegaram vários originais de contos e o da peça teatral "A mulher que voltou", de autoria do sr. Homero Lobo.

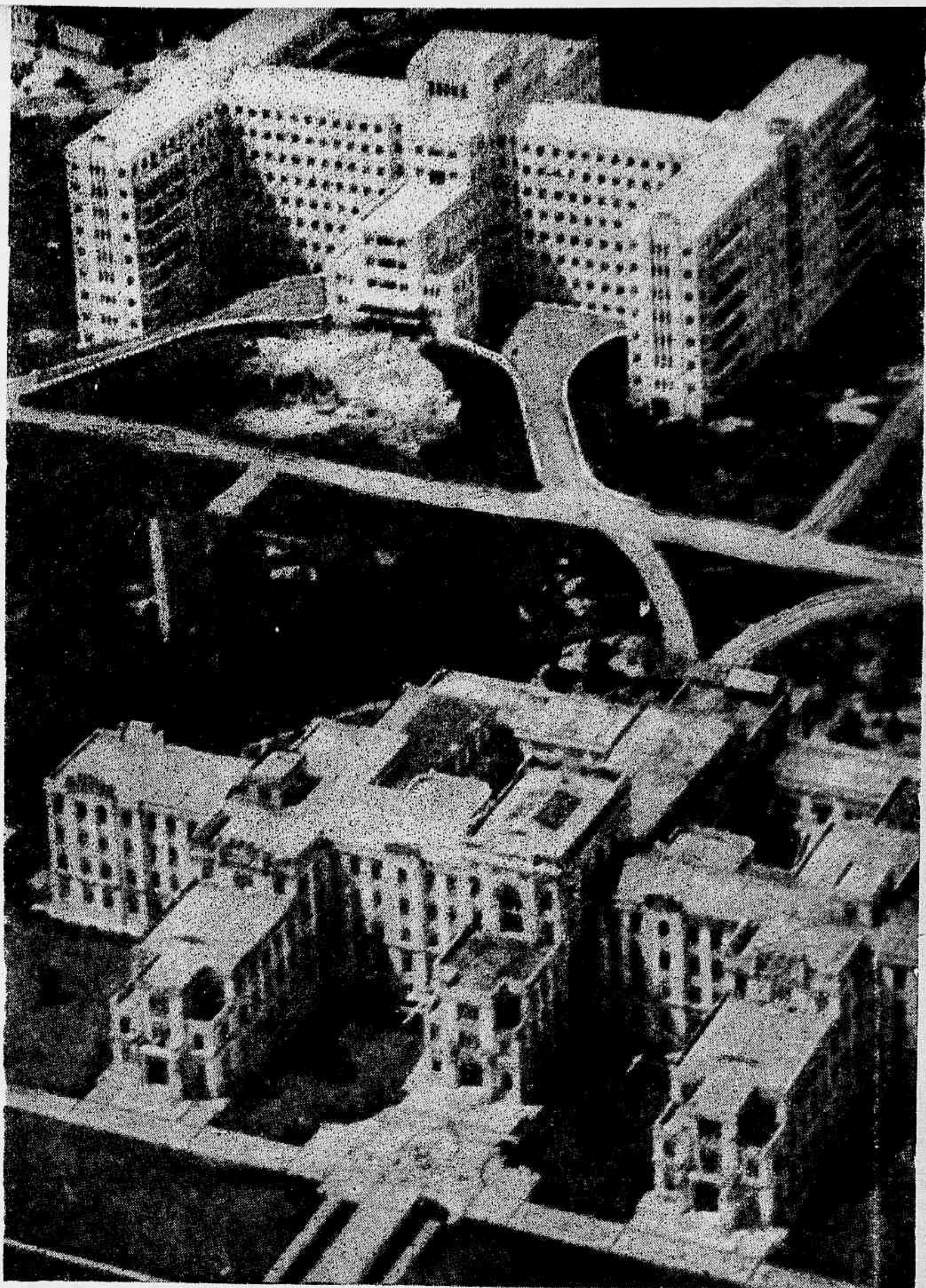
Os contos até agora recebidos são os seguintes: "A sentinela", de Valério Heffelt; "Feia", de Lucília Figueredo; "Ao crepitar da floresta", de Braz Mendonça; "O diário da morte", de Elora; "História em dois quadros", de Florzina; "Asceplades, julgador de contos", de Homero Lobo; "A desventura do Malquias", de Altino Bonfassi; "Copacabana", de Henrique Oscar; "O cheiro", de Plául de Souza; "Sinfonia inacabada", de Naylor Vilas Boas; "Como é triste recordar", de Violeta Benedetti; "Ainda não sei viver", de Alvaro Lourenço dos Santos; "Renúncia", de Odete Serpa Levy; "Fruto da Noqueira", por João de Queiroz; "A imagem perdida", de José Fagundes Parla; e "Sic transit", de Maria Laura Pereira de Queiroz.

OS
pelo
curso
- As

UM DIA NO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE SÃO PAULO — ONDE NÃO É PRECISO PAGAR NADA PARA RECEBER TÔDA E QUALQUER ASSISTÊNCIA MÉDICA — A MORTE E A VIDA SÃO VIZINHAS E TRABALHAM JUNTAS — UMA OBRA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL QUE PRECISA REPETIR-SE EM CADA ESTADO DO BRASIL

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA
Fotos de A. Vieira

A QUELA grande massa de edifícios, erguendo-se em um amplo terreno situado entre a avenida Rebouças e a rua Teodoro Sampaio, nos fundos da Faculdade de Medicina, chama a atenção, muito de longe. O mais indiferente tem, por força, que interessar-se em saber o que significam aqueles aglomerados de construções, algumas ainda inacabadas, servidos os prédios por uma ampla avenida. Mas há sempre um paulista prestativo, nem que seja o "chauffeur" do taxi, pronto a dar-nos a informação. Uma informação honrosa, de quem sabe que está transmitindo ao forasteiro outro atestado eloquente da grandeza de São Paulo: Trata-se do Hospital das Clínicas. Um hospital, apenas? Não Seria melhor denominá-lo uma verdadeira cidade hospitalar, pois é isso exatamente o que vamos encontrar nos domínios do doutor Enéas de Carvalho Aguiar, a quem está entregue a administração de toda aquela obra imensa, em pleno e regular funcionamento. De fato, o cargo de Diretor Clínico está entregue a um grande ortopedista brasileiro, o professor Godoy Moreira, uma das glórias da Medicina Nacional. É, porém, o administrador quem nos recebe, quem interrompe o ciclo de suas atividades naquele dia de trabalho igual aos outros e quem se põe inteiramente à nossa disposição. Trazemos do Rio, desta vez, entre outros projetos, o firme propósito de conhecer o Hospital das Clínicas, do qual tanto se fala em qualquer ponto do Brasil onde os assuntos sociais são examinados. E não queremos perder a viagem.



AQUI SE NASCE, AQUI SE MORRE

Para penetrar no berçário da Clínica Obstétrica, nossos companheiros têm de vestir o clássico avental dos médicos e enfermeiros, e usar a máscara obrigatoriamente. Ao centro, o dr. Enéas de Carvalho Aguiar, superintendente do Hospital das Clínicas. Na gravura ao alto, vista geral do Hospital, vendo-se no primeiro plano o edifício da Faculdade de Medicina.





Os enfermos, já em convalescença, podem aproximar-se e passar alguns instantes juntos, distraíndo-se reciprocamente. Esta criança, aguarda a hora do "lunch" folheando uma revista e conversando com "a moça". Dentro de mais alguns dias ambas terão alta e poderão recomeçar sua vida calma, sadia, fora do Hospital onde terão vivido momentos inesquecíveis, mas onde encontraram de novo a saúde.

Hora da refeição... Os doentes alegram-se. Se eles têm o apetite despertado, então é porque o pior já passou. A enfermeira, atenciosa e amável, é a fada amiga e serviçal que entra no quarto trazendo, em mãos, o tabuleiro com as guloseimas do dia. A comida é apetitosa. E à mesma hora, em todos os pavilhões, o sinal é o mesmo, permitindo que os doentes refaçam as energias e se alimentam bem...



Aqui estamos, então, com todas as portas franqueadas, todos os homens e mulheres de trabalho desta casa orientados a nosso respeito e prontos a nos fornecerem qualquer informação.

Como já foi dito, São Paulo vence gloriamente o velho espírito colonial que construía com o pensamento voltado apenas para o dia imediato e nunca para mais além. Quem visita hoje a terra bandeirante, tocada pela visão vanguardista de um povo ajustado ao poder de expansão da nossa raça, admira as construções gigantescas nascidas dessa fé inquebrantável no futuro. Mas um futuro mais avançado, mais longo, mais a perder de vista. E o Hospital das Clínicas pertence ao número dessas obras caracterizadoras da nova mentalidade brasileira em relação ao tempo.

É o administrador doutor Enéas, esse paulista de olhar firme e de passos largos, quem nos faz recordar o contraste das antigas organizações hospitalares onde os puxadinhos, as excrescências arquitetônicas iam remediando a falta de espaço numa percentagem sempre insatisfatória, com a imponência maciça desta organização que agora percorremos. Isto não é um hospital, mas uma cidade onde nada falta e tudo está sempre a postos.

Onze andares constituem o grande edifício, contando cerca de mil e seiscentas dependências, excluídas as áreas de trânsito interno e os solares dispostos nos andares vazios. A capacidade deste prédio é de mil e duzentos leitos, destinando-se:

1º.) a prestar assistência médica a indigentes;

2º.) a servir de campo para instrução de estudantes de medicina, médicos e enfermeiros;

3º.) a proporcionar meios para o desenvolvimento da pesquisa científica;

4º.) a contribuir para a educação sanitária do povo.

Como se vê, o Hospital das Clínicas é uma ampla escola de medicina prática e um vasto laboratório experimental de educação social.

Toda a parte prática do ensino médico da Faculdade foi transportada para o Hospital das Clínicas, onde encontra um campo ilimitado para o preparo dos futuros médicos, enfermeiros e técnicos que irão, no futuro, muito contribuir para o aperfeiçoamento da assistência aos enfermos.

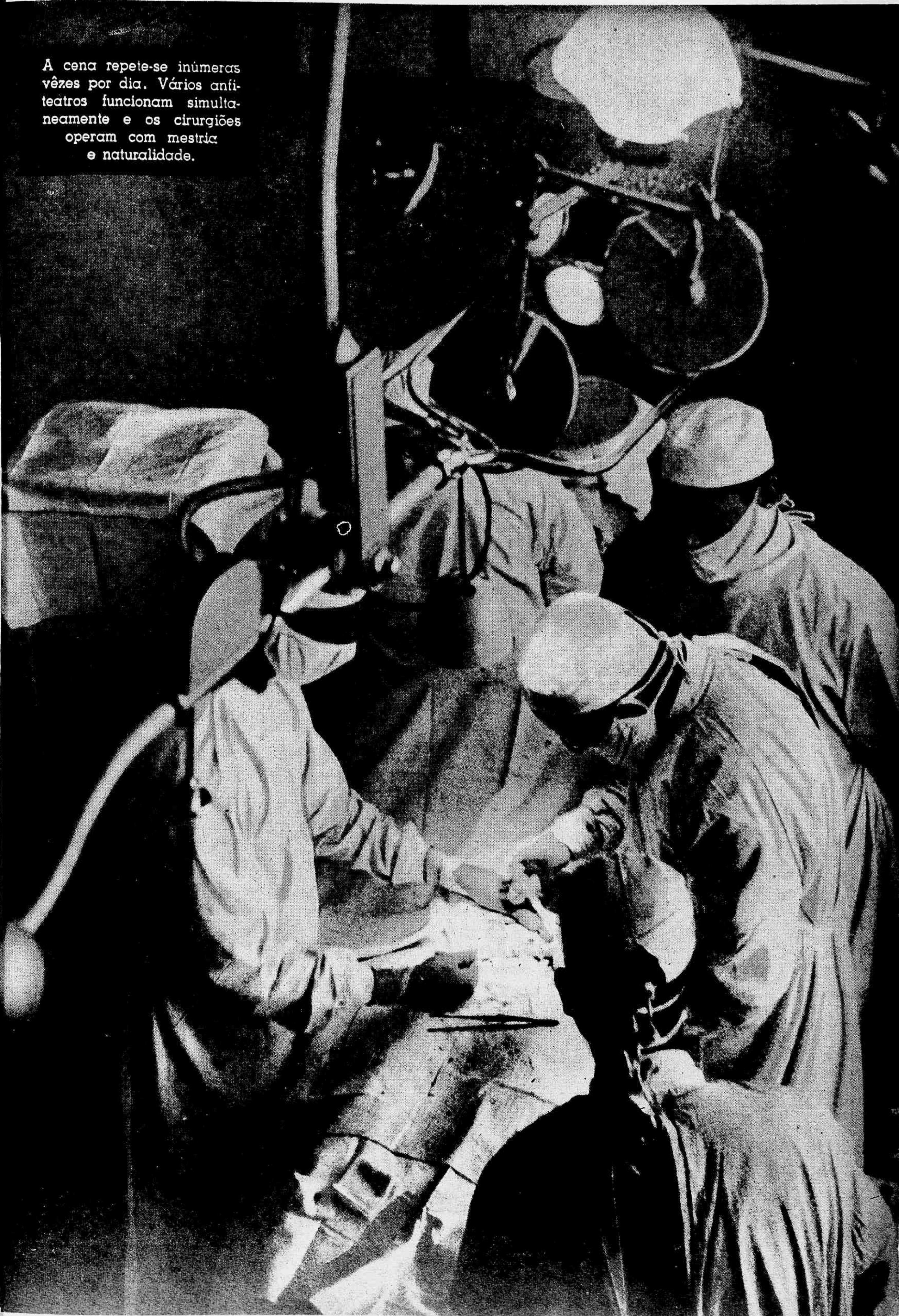
O Corpo Clínico do nosocômio é, por sua vez formado pelos professores da Faculdade e seus assistentes, e sua aparelhagem técnica a mais completa e aperfeiçoada do Brasil ou mesmo da América do Sul.

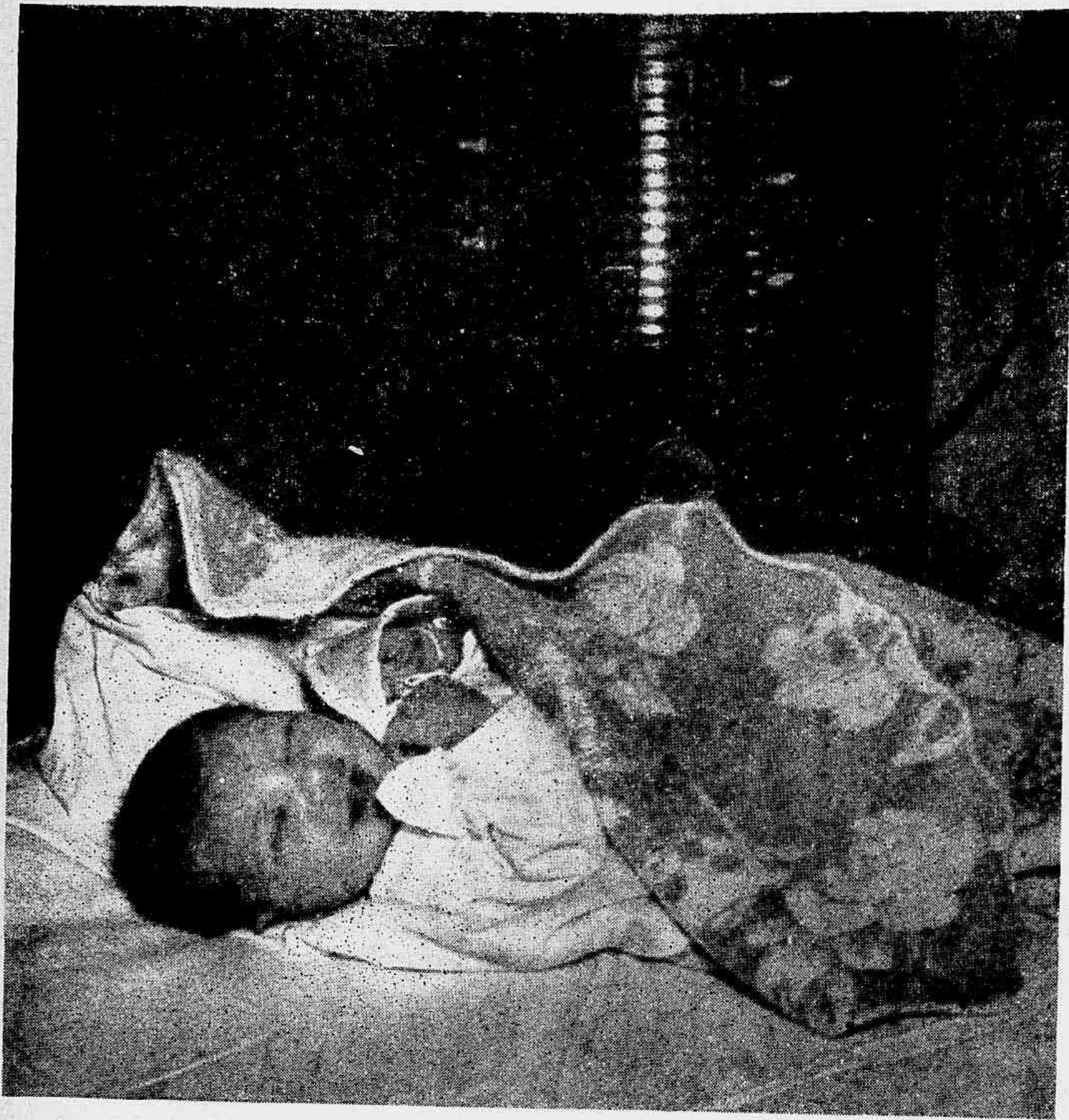
— Os que exercem a sua nobre profissão nesta casa — diz-nos o dr. Enéas — o fazem muito justamente compenetrados de estarem sendo honrados nesse particular. Porque só mesmo clínicos eminentes, médicos especializados de tirocínio e de abalizada capacidade profissional podem realmente dar o seu concurso ao Hospital de Clínicas...

FALAM OS ALGARISMOS

Esta peregrinação que agora fazemos a todas as dependências do Hospital, na companhia do seu chefe, é lenta e demorada. Aqui vimos de tudo, desde o nascimento à morte. Mas, na seção da estatística médica, um amplo escritório no qual o elemento feminino tem a sua melhor aplicação de atividade, é onde se prontificam a dar-nos todos os detalhes em algarismos. A vida de um hospital traduz-se em números. Eles falam com uma segurança indiscutível, do grau de eficiência de sua organização. Dizem os algarismos quantos nascem, quantos morrem, quantos se curaram, quantos não encontraram melhores destinos dentro desta casa. E todas as infor-

A cena repete-se inúmeras
vêzes por dia. Vários anti-
teatros funcionam simulta-
neamente e os cirurgiões
operam com mestria
e naturalidade.





O primeiro sorriso para o mundo. Esse garotinho, sadio e gorducho, está chorando por capricho, mas tem a faculdade de sorrir ao mesmo tempo que está gritando... Faz frio lá fora. A temperatura dentro do berçário, porém, é aquecida pelo aparelho que se vê em segundo plano. E' hora do banho. O garoto vai receber a sua primeira "toilette". Convém aprender todos os métodos de higiene desde cedo...

Eles estão convenientemente identificados por um número. Trazem no pulso uma pequena medalha com os respectivos algarismos e não há perigo de se misturarem. Quando nascem são separados da mãe, que possui um dístico com o número igual ao do filho. E só mais tarde a gestante recebe a visita do herdeiro, que ficou entregue a muito boas mãos. Aqui, no berçário, as crianças dormem o primeiro sono de seres vivos, com uma existência independente daquela que lhes permitiu virem ao mundo. E quando chora um, choram todos...

mações que solicitamos são-nos prestadas em rápidos instantes. Sabemos, assim, que inaugurado no dia 19 de abril de 1944, nada menos de 14.000 enfermos já foram aqui hospitalizados até meados de julho do corrente ano, quando se realiza a nossa visita.

No mesmo espaço de tempo, aqui nasceram 572 pessoas de ambos os sexos e faleceram 262. Há, portanto, um saldo favorável à natalidade, de 310 indivíduos, comprovando assim que nem tudo está ainda perdido neste mundo. E principalmente em São Paulo.

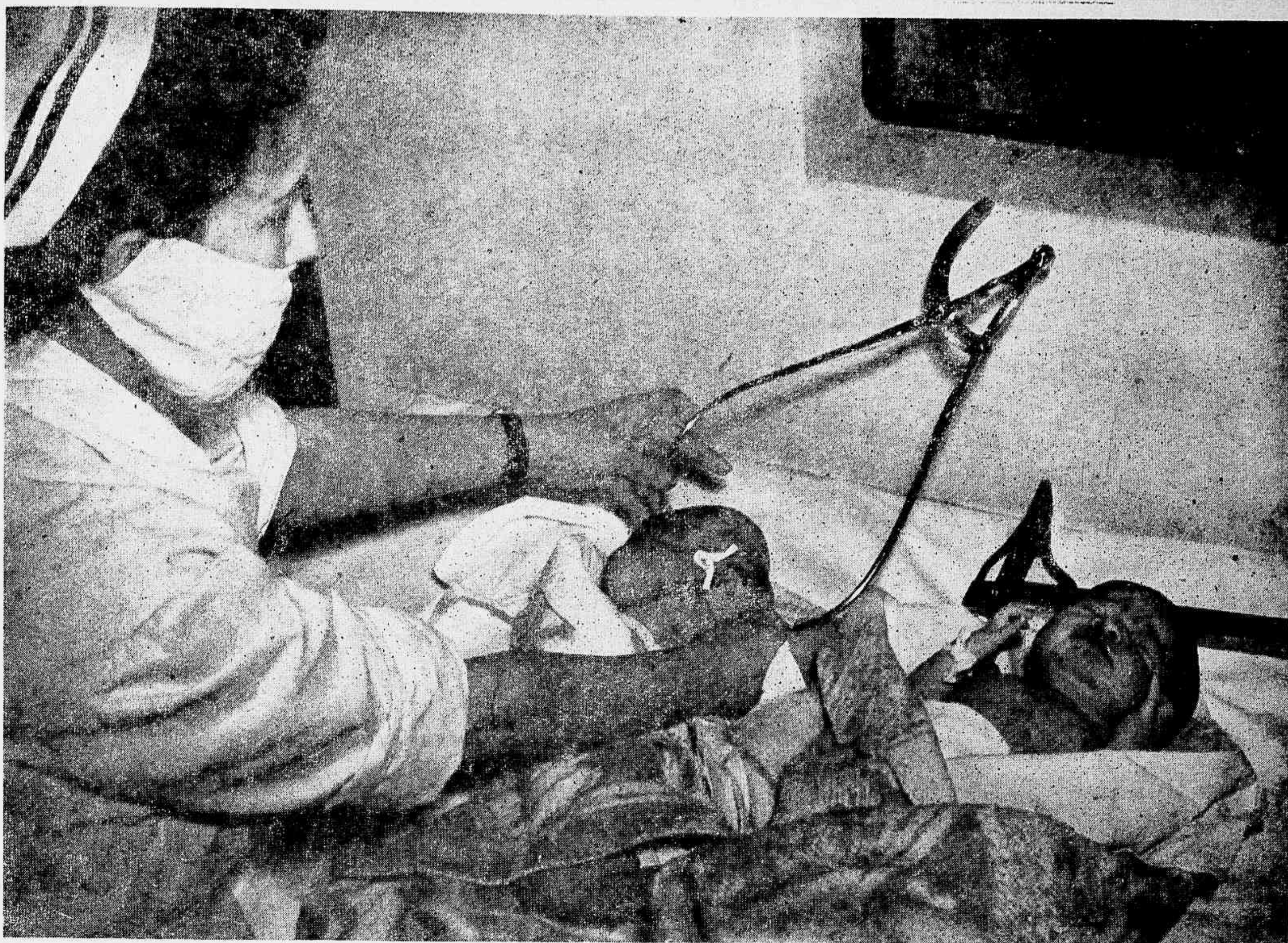
Mesmo nesse total de óbitos é mister observar que a maioria se constitui de acidentados cuja entrada no Hospital já se deu em estado desesperador. Os óbitos ocorridos antes de quarenta e oito horas da hospitalização assumem uma percentagem maior. Quer dizer que morre muito mais gente em consequência dos desastres em via-pública, e ainda mais agravados os casos fatais com a demora de socorro urgente:

— Quando o Hospital das Clínicas estiver aparelhado a suprir com a rapidez necessária os "casos" de rua — diz-nos o administrador — temos esperança de que morrerá muito menos gente.

Mas as moças da estatística continuam prestando-nos seus inestimáveis serviços. Agora uma delas alude ao nascimento de gêmeos. Eles fazem sentir-se numa proporção de um para oitenta gestantes. E os acidentados, em grande maioria, ocupam o primeiro lugar os homens; vêm a seguir as mulheres, em terceiro lugar os meninos e, por último, as crianças do sexo feminino.

Convém frisar que todos os serviços hospitalares são aqui prestados sem qualquer remuneração. E, quer se trate de um enfermo abastado, quer seja um indigente, o tratamento é perfeitamente igual. Aqui dentro todos se equiparam no mesmo nível social.





Estes dois acabaram de nascer. Mas não são gêmeos. Antes do primeiro sono precisam submeter-se ao exame antropométrico. Dimensões do crânio, do busto, das pernas. Tudo é convenientemente anotado. A enfermeira especializada prepara o fixário que, mais tarde, será o primeiro ponto de referência para a vida de mais um cidadão brasileiro. Que destino será o desses ilustres recém-nascidos? Em que mundo eles irão viver?

AQUI SE NASCE, AQUI SE MORRE...

Quando abandonou sua mesa de trabalho o administrador geral dr. Enéas de Carvalho Aguiar sabe que vai fazer-nos companhia por algumas horas. Hoje tiramos o dia para conviver com os enfermos, de igual modo que já em outras reportagens privávamos com os condenados às galés, com os mineiros de Morro Velho ou com os espíritos em transe. Certamente, não estamos dispostos a participar de tôdas as dores físicas, mas acompanhamos, exteriormente, a tragédia e a tristeza de cada hospitalizado. Aqui dentro a vida assume características diversas, e tudo se esquece que faça alegrar o pensamento. O Hospital das Clínicas é um mundo à parte, onde se nasce e se morre com a mesma naturalidade. Em dado momento atravessamos uma sala ampla, à hora das refeições. Os enfermos, alguns em adiantada convalescença, estão "fazendo bem ao estômago". Ingerem suas perfumadas chávenas de caldo de galinha ou mordiscam um pedaço de carne assada, mas não tomam conhecimento do que se estará passando por detrás daquele tênue biombo de pano branco instalado ali, em meio do aposento. O reporter é mais bisbilhoteiro. Ele atreve-se a dar uma espiada para dentro do biombo muito branco e o que vê, então, forma um contraste absoluto com o aspecto geral da enfermaria. Enquanto, aqui fora, alguns pares de doentes dão conta da refeição matinal, ali mesmo, junto a eles, apenas isolado por um biombo de pano branco, um velhote está agonizando. Um homem idoso, de semblante já cadavérico, cuja respiração vai se amortecendo, pouco a pouco... Chamamos a atenção do nosso guia. Talvez ele ignore que uma vida expira ali ao lado... Mas houve apenas

precipitação de nossa parte. Em uma clínica onde se aglomeram mil e duzentos enfermos, nada mais natural que um deles exalar o último suspiro. Para isso é que os doentes vão ter ali...

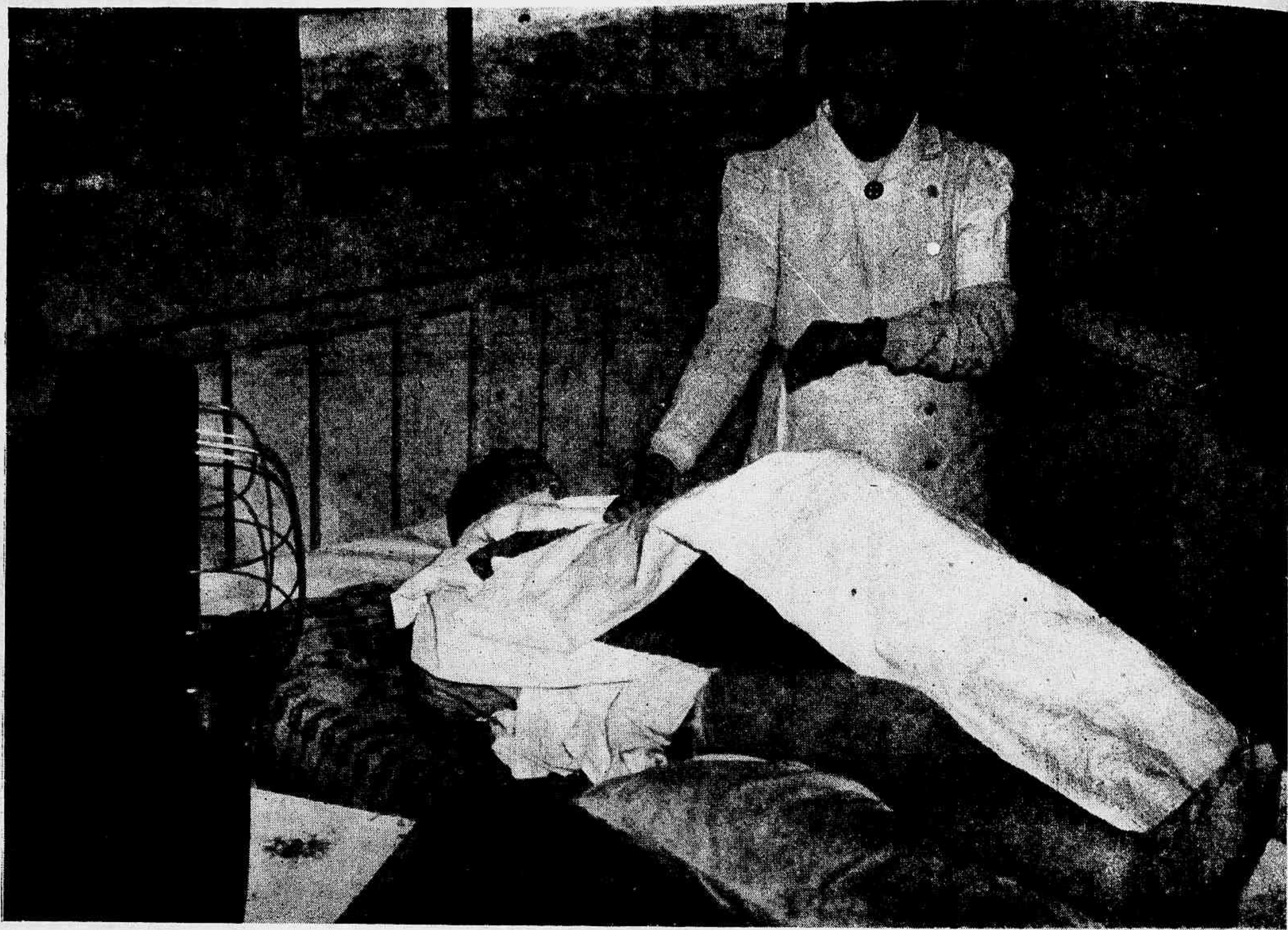
— Mas não se espante — diz-nos ainda o cicerone amável. — Aqui morre-se com a mesma facilidade com que se vem ao mundo. E para cada existência que cessou surgem logo três e quatro vidas novas, vidas que também começam aqui dentro... Quer ver?

E leva-nos à Maternidade. A Maternidade é, por enquanto, no mesmo prédio, mas a seu tempo ocupará um pavilhão independente, cujas obras estão muito adiantadas. E — senhores, como se nasce no Brasil!

Em poucos instantes, temos de esquecer o quadro melancólico do velhote que entregava a alma ao Criador, pois ali temos agora, à nossa frente, por detrás da vidraça do corredor, outro quadro empolgante, mas muito mais simpático e convidativo. É o berçário, tal como somente havíamos visto ainda em cinema. Berços "por atacado", berços que reúnem oito e dez crianças, berços onde a guriçada recém-nascida, muito limpa, muito bem alimentada, põe a boca no mundo, porque é preciso gritar a valer, para se ganhar um lugar ao sol... O berçário, com temperatura artificial, é onde mais depressa se refazem as energias morais, depois de presenciar o desenlace da outra sala. Para uma vida que acaba, outra que se inicia... E ali começam muito mais existências do que terminam. A percentagem continua favorável. Os gritos das crianças, o alarido dos recém-nascidos, principalmente aqueles que estão recebendo ainda a sua primeira "toilette", fazem bem

O filho está lá em cima, submetido ao exame antropométrico. E aqui a gestante, mal refeita da violenta emoção, permanece em repouso. Mas, pelas dúvidas, recebe uma transfusão de sangue. Ela precisa viver para cuidar, mais tarde, da educação do recém-nascido, que por enquanto pertence ao Hospital das Clínicas...





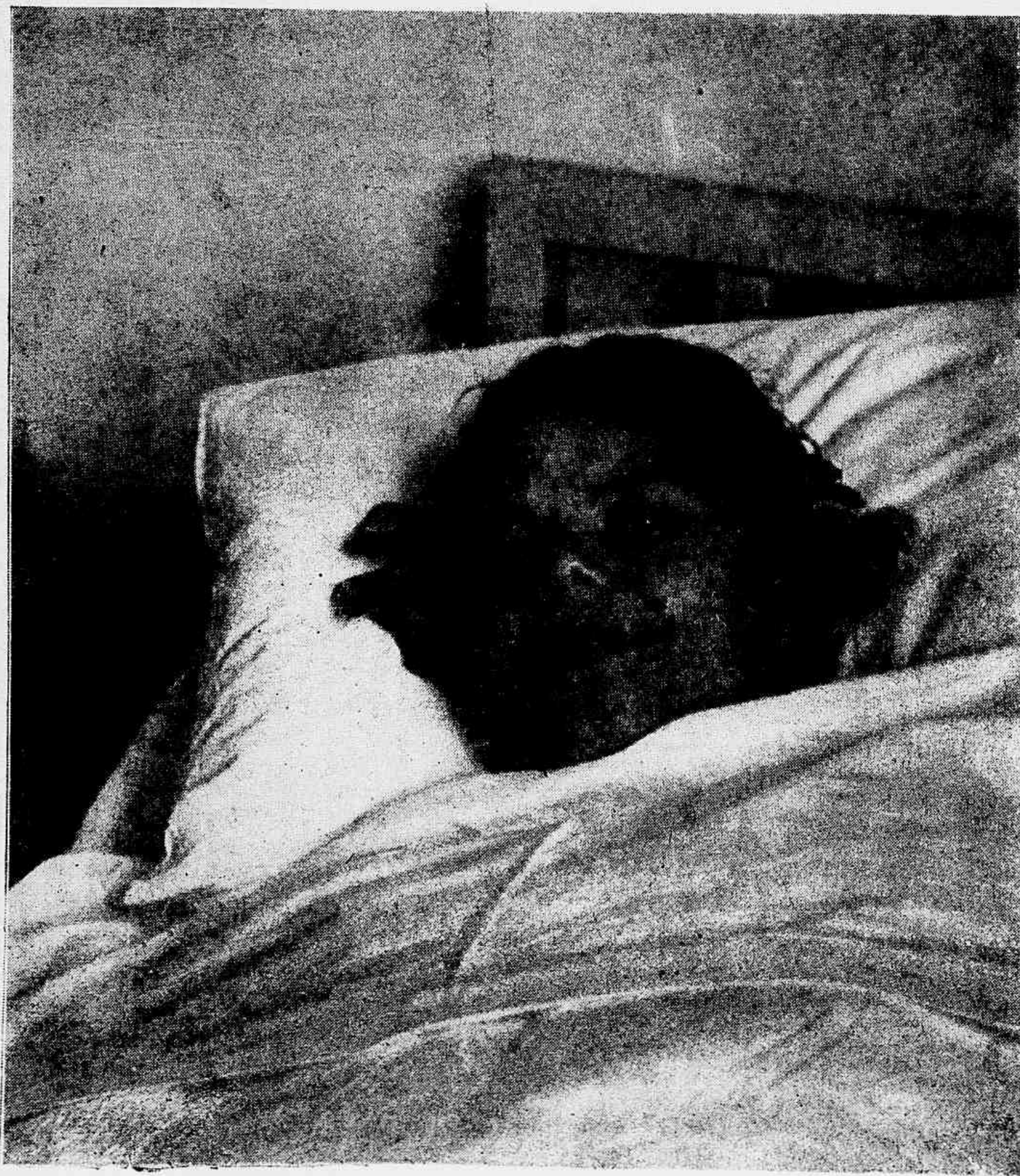
Este menino sofreu um sério acidente em via pública e teve de submeter-se a delicada intervenção cirúrgica em uma das pernas. Acabava de sair da sala de operações. Recuperava os sentidos. E as dores, bem fortes, o faziam derramar lágrimas de angústia. Mas a seu lado, a enfermeira, solícita, toma as pulsações e vai preparar um calmante. O garoto está salvo, é o principal. A perna ficará no aparelho por alguns meses...

à alma. E mandam para longe a lembrança trágica do humilde ancião, isolado pelo biombo de pano branco, expirando, expirando de mansinho enquanto os outros doentes, do lado de fora, mas na mesma sala, vão trincando gulosamente a sua asa de galinha...

UMA INTERVENÇÃO CIRÚRGICA NO CORAÇÃO

Nossa peregrinação continua. Aos poucos o repórter vai se habituando ao ambiente da casa. Já percorreu três anfiteatros e por eles assistiu a outras tantas operações cirúrgicas. Não deixa de ser desagradável observar, mesmo de longe e do alto, os preparativos para um anestesia em regra. O doente arrastado na maca rodante, a aplicação do éter, os médicos e enfermeiros com a sua indumentária apropriada — e instantes depois o pincel úmido de iodo que vai ensanguentando a região a ser operada, e por fim o golpe incisivo, já com o enfermo convenientemente adormecido... Tudo estranho e um tanto tétrico a princípio. Mas a segunda operação já não impressiona tanto, e a terceira ainda menos. Afinal, os golpes são aplicados em um terceiro corpo humano, e não deixamos de observar que o nosso organismo continua indiferente às dores alheias... Não admiramos que os profissionais acabem insensibilizados a ponto de se entregarem ao seu mister com o pensamento, talvez, dividido entre os afazeres da hora seguinte e alguma responsabi-

Ela chama-se Laura Oliva, tem dezesseis anos e foi operada de "ligadura de ducto arterioso persistente". Foi a segunda intervenção cirúrgica de igual importância, afetando o coração, que se realizou no Brasil. Houve quem duvidasse do êxito da operação. E a enferma aí está, inteiramente salva, sorrindo para o repórter, esperançosa de receber alta dentro de muito pouco tempo...

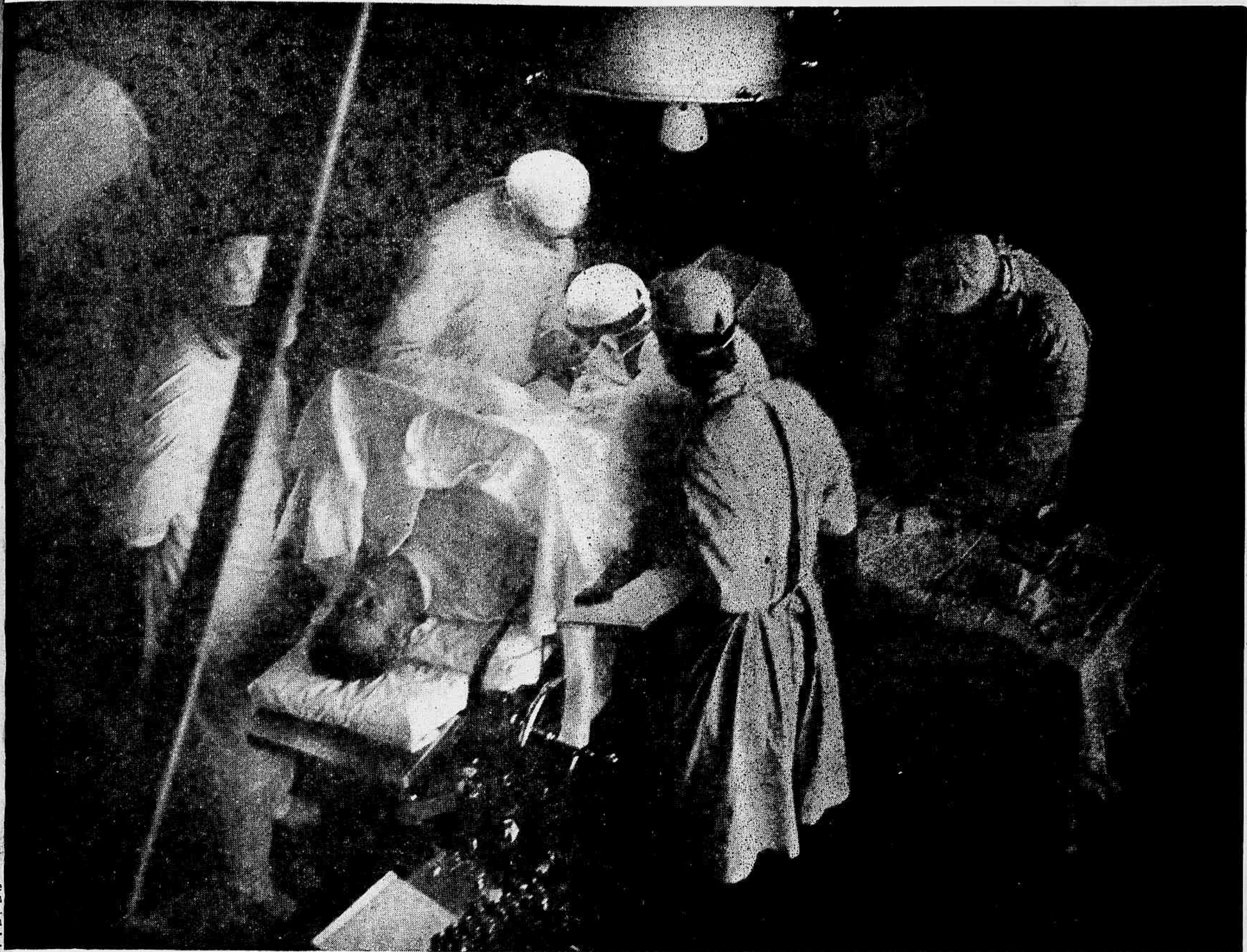


lica e
ca em
ações.
faziam
enfer-
n cal-
ficará

ança
iom-
o de
lado
ando

pou-
ente
por
irúr-
oser-
para-
ente
o do
a in-
pois
tan-
olpe
men-
anto
ação
inda
em
mos
inua
mira
ados
com
afa-
abi-

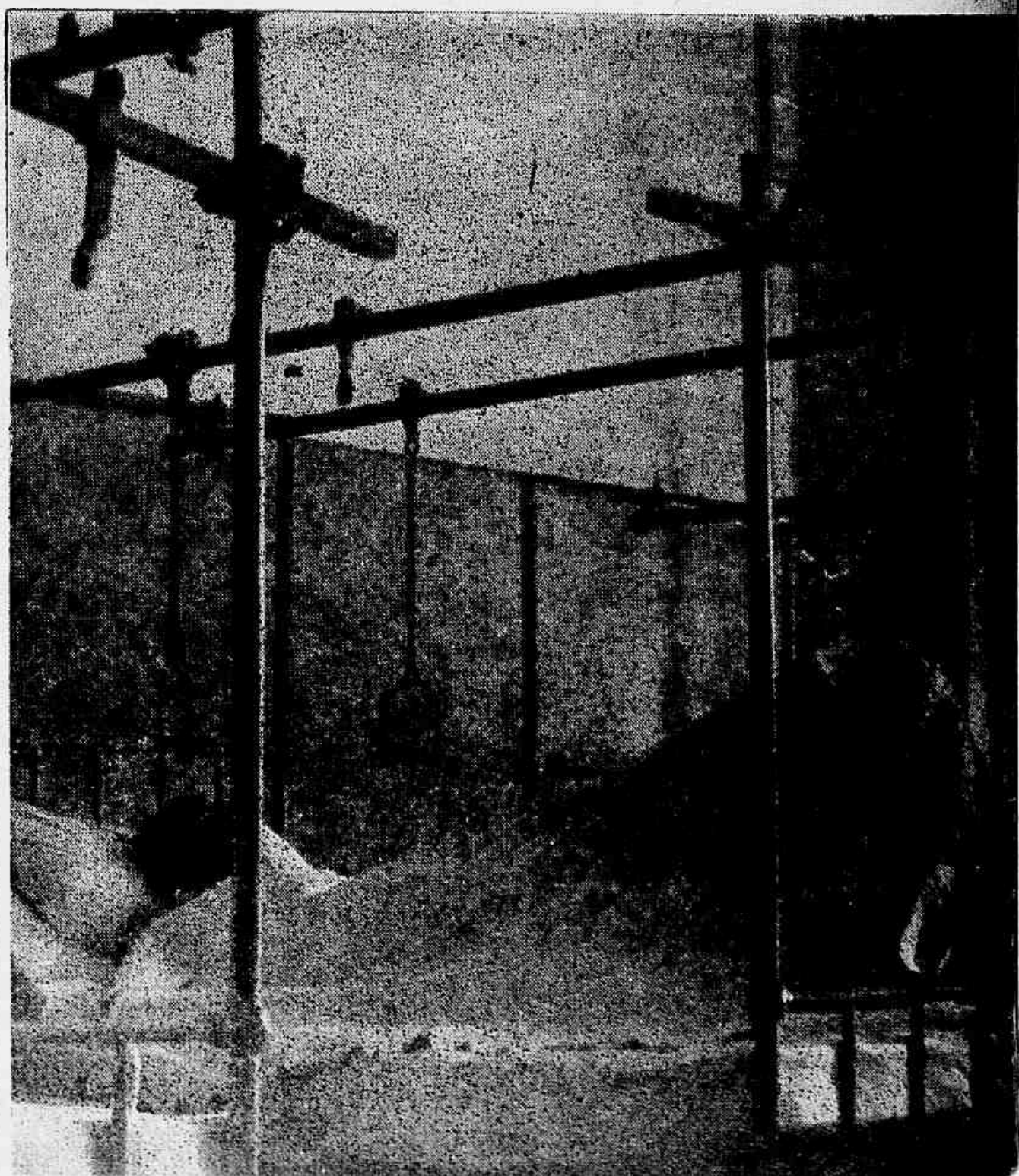
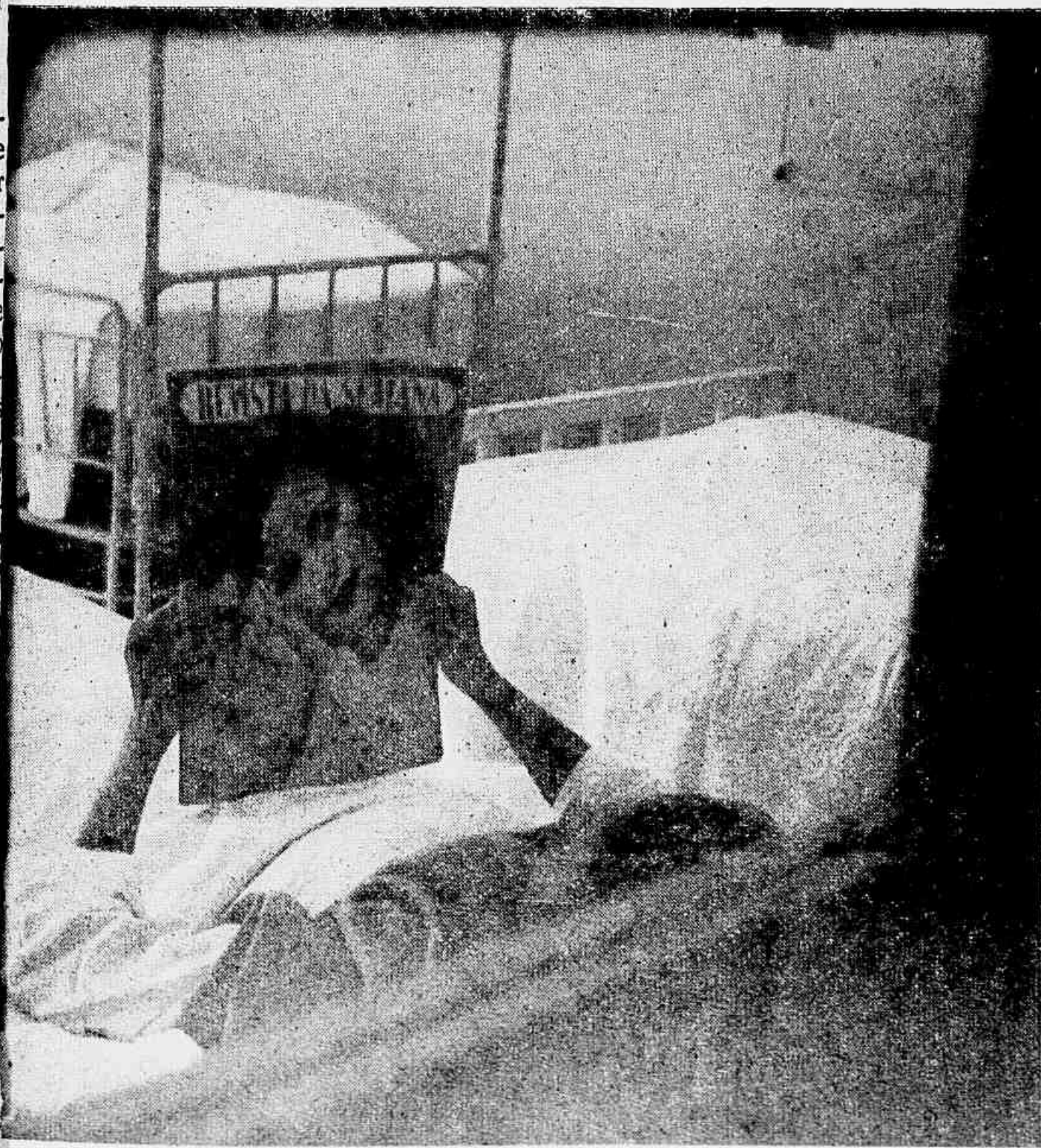
ope-
Foi a
afe-
quem
inter-
sa de



Nossa objetiva conseguiu fixar uma melindrosa intervenção cirúrgica, quando se realizava em um dos anfiteatros do Hospital. Mas essas operações repetem-se, em número elevado, durante cada dia, no Hospital das Clínicas. Elas fazem parte integrante do trabalho rotineiro da casa. Ali, salvam-se as vidas de muitos seres humanos, e tem-se apenas o orgulho de um dever cumprido. Se a medicina é realmente um sacerdócio, em poucos lugares o vemos exercido com esse alto propósito humanitário, como no Hospital das Clínicas de São Paulo, onde nada é cobrado dos pacientes por todo esse trabalho.

Pelo vidro da porta que dá comunicação para o corredor, nosso fotógrafo apanha um flagrante curioso. Uma enferma, já em período de convalescença, prepara-se para folhear um exemplar da REVISTA. Quando os doentes têm autorização para ler é porque está muito próximo o dia em que lhes será dada "alta". E "alta" quer dizer: "Volta para tua casa... Estás bom"...

A Clínica Ortopédica e Traumatológica exige todos esses complicados aparelhos. A enfermaria ortopédica tem de estar aparelhada com leitos nos quais os acidentados possam permanecer em posições as mais difíceis. Geralmente são as crianças que mais frequentam essa enfermaria e, quando sofrem um acidente delicado, é aqui que encontram o necessário tratamento.



Um pobre desnutrido, homem do campo, de regiões remotas, ali foi encontrado e trazido para o Hospital das Clínicas em verdadeira petição de miséria. Mais parecia um sacrificado em campo de concentração nazista... Faltavam-lhe as forças, sequer, para locomover-se. Agora, aqui está entregue a um tratamento rigoroso de super-alimentação. E o milagre começa a operar-se... Breve ele será um homem sadio. Mas o problema social da desnutrição não foi resolvido!

lidade de ordem econômica... Mas existem casos que fazem absorver as melhores atenções dos mais eminentes operadores. Aqui vimos encontrar a menina que foi operada no coração. Chama-se Laura Oliva, tem dezesseis anos de idade e está entregue aos cuidados do doutor José Maria de Freitas. Ele nos dá, por escrito, a definição técnica da delicada tarefa de que se desobrigou menos de uma semana antes da nossa visita: "Ligadura de ducto arterioso persistente".

Alguma coisa de muito delicado, sim. Mas a jovem Laura Oliva está passando admiravelmente bem, brinca com as suas bonecas e sorri, um sorriso meigo, para o reporter, para o médico e para a enfermeira.

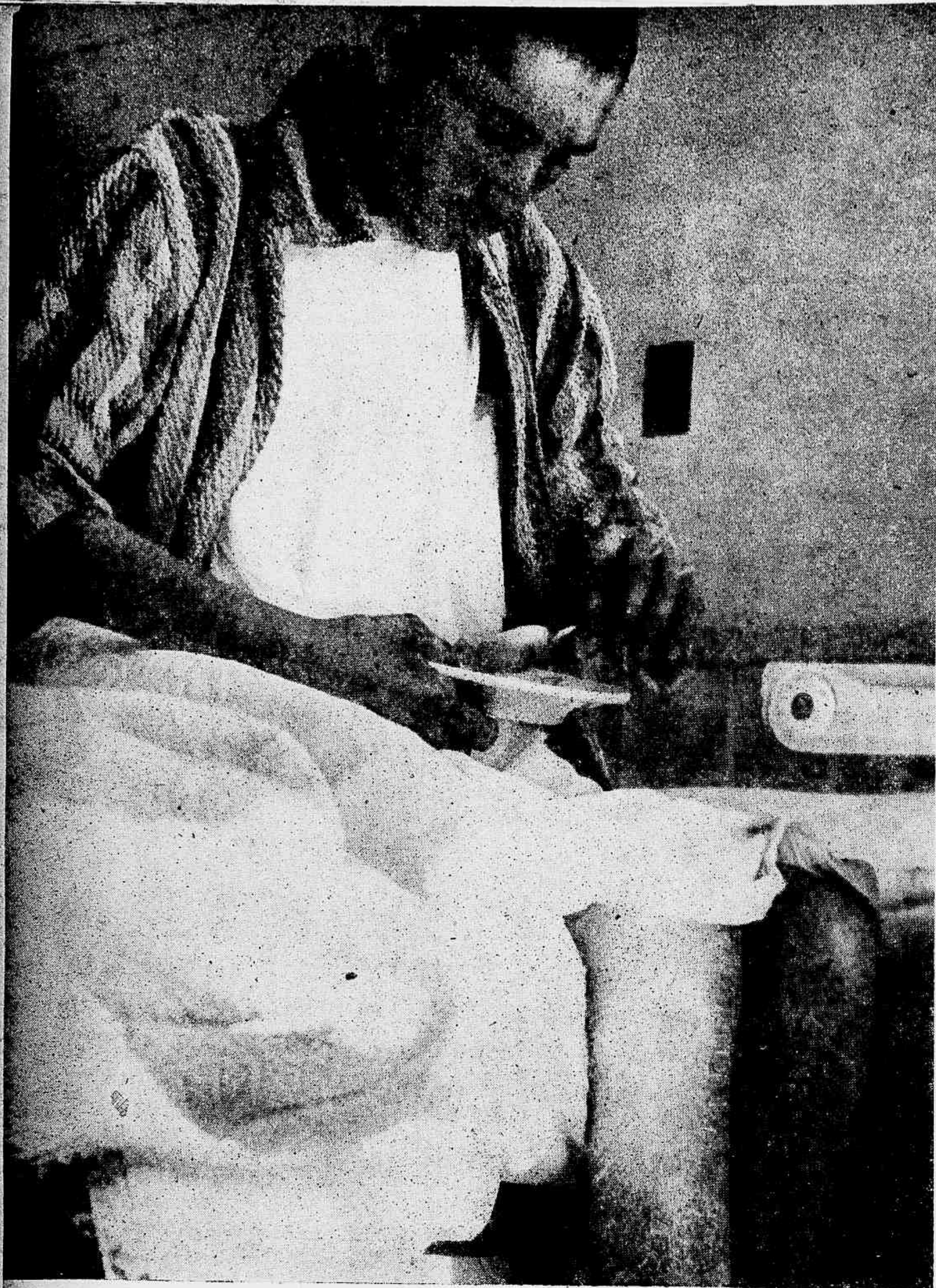
Há outros casos — interessante uns, pitorescos outros, quase sempre dolorosos. Uma indiazinha, no interior do Estado, resolveu tomar soda cáustica. Até agora não ficou apurado se foi de propósito, com a intenção de suicidar-se, ou por ignorância. Mas tomou alguns goles e aconteceu o inevitável: as paredes do aparelho digestivo ressecaram-se. O estômago deixou de funcionar. A criatura ficou ao abandono, em pleno mato, sem assistência médica, definhando, definhando sempre... Passou mais de um mês sem qualquer alimento, até quando a encontraram e a trouxeram para o Hospital. E' um verdadeiro "specimen" de vítima do campo de concentração nazista, dessas que o cinema tanto nos tem mostrado. Nem sequer tem forças para pronunciar uma palavra, e quando sorri é o sorriso da caveira que ela mostra, um rictus amargurado e trágico. Outro rapaz, procedente de regiões remotas, desnutrido e inteiramente abandonado em plenas matas, ali está também, entregue a um regime de super-alimentação. E' um resto de gente. Os olhos fundos, as pernas dois fios de linha, a epiderme recoberta de uma crôsta inexplicável, ele não fala, não entende, não age. Limita-se a ficar sentado ou deitado, horas seguidas, aguardando mais alimento. E quando o alimento vem, ataca-o com fúria... Está procurando recuperar o perdido em desnutrição de muitos meses.

E' assim o Hospital das Clínicas. Uma casa grande onde vivem algumas centenas de gente enfêrma, que se prepara para voltar à vida ativa, sem saudades desse tempo de pausa nas suas atividades comuns. As mulheres parturientes dão os filhos ao mundo e são devolvidas aos lares, reintegrando-se na existência rotineira da família. As crianças, que em melhorando já podem entregar-se à prática de seus exercícios mais favoritos, — vimos pequeninos enfermos jogando peteca, futebol ou basquete — olham para o nosso guia, o administrador, dr. Enéas, com olhos de gratidão e testemunhando o bem que lhe devotam. E todos, velhos e moços, mulheres e homens, crianças ou adultos, parecem radiantes de fé e de esperança. A fé de se restabelecerem bem depressa, a esperança de serem devolvidos à vida comum aqui de fora.

Deixando o Hospital das Clínicas, um pensamento único nos assalta:

— Por que não existe uma organização igual em cada Estado do Brasil?

Não há horas de folga para os enfermeiros. Eles estão a postos, de dia e de noite, divididos por todas as dependências do Hospital, prontos a atender a qualquer chamado. Gême um enfermo? Lá está, servicial e prestativo, o funcionário da casa, consultando a papeleta, vendo se convém ou não requisitar a presença do médico de plantão. E os doentes sabem que um gemido mais alto não ficará perdido no espaço. A ordem é socorrer sempre, acalmar as dores.



remo-
s Cl-
a um
avam-
está
tação.
a um
o não

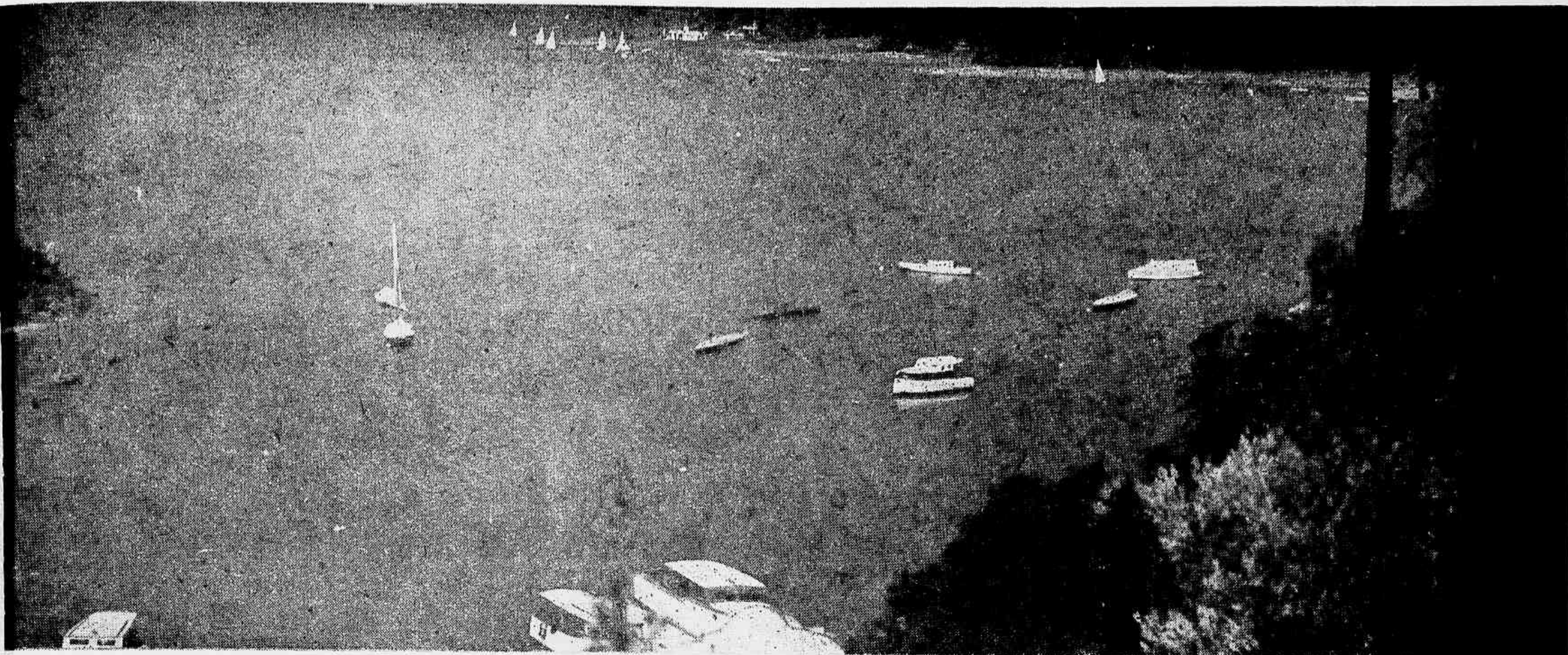
tem
ten-
Aqui
cada
de-
cui-
Ele
de-
s de
ura
sim.
ad-
one-
ter,

pi-
ma
veu
cou
ção
nou
pa-
e. O
ura
sis-
em-
uer
ou-
eiro
en-
nos
ara
é o
tus
ce-
tei-
ali
ber-
hos
epi-
vel,
a-se
das,
ali-
pro-
ção

ma
nas
vol-
po
nu-
ndo
na
ças,
e à
—
eca,
sso
hos
lhe
res
ra-
es-
de
ra.

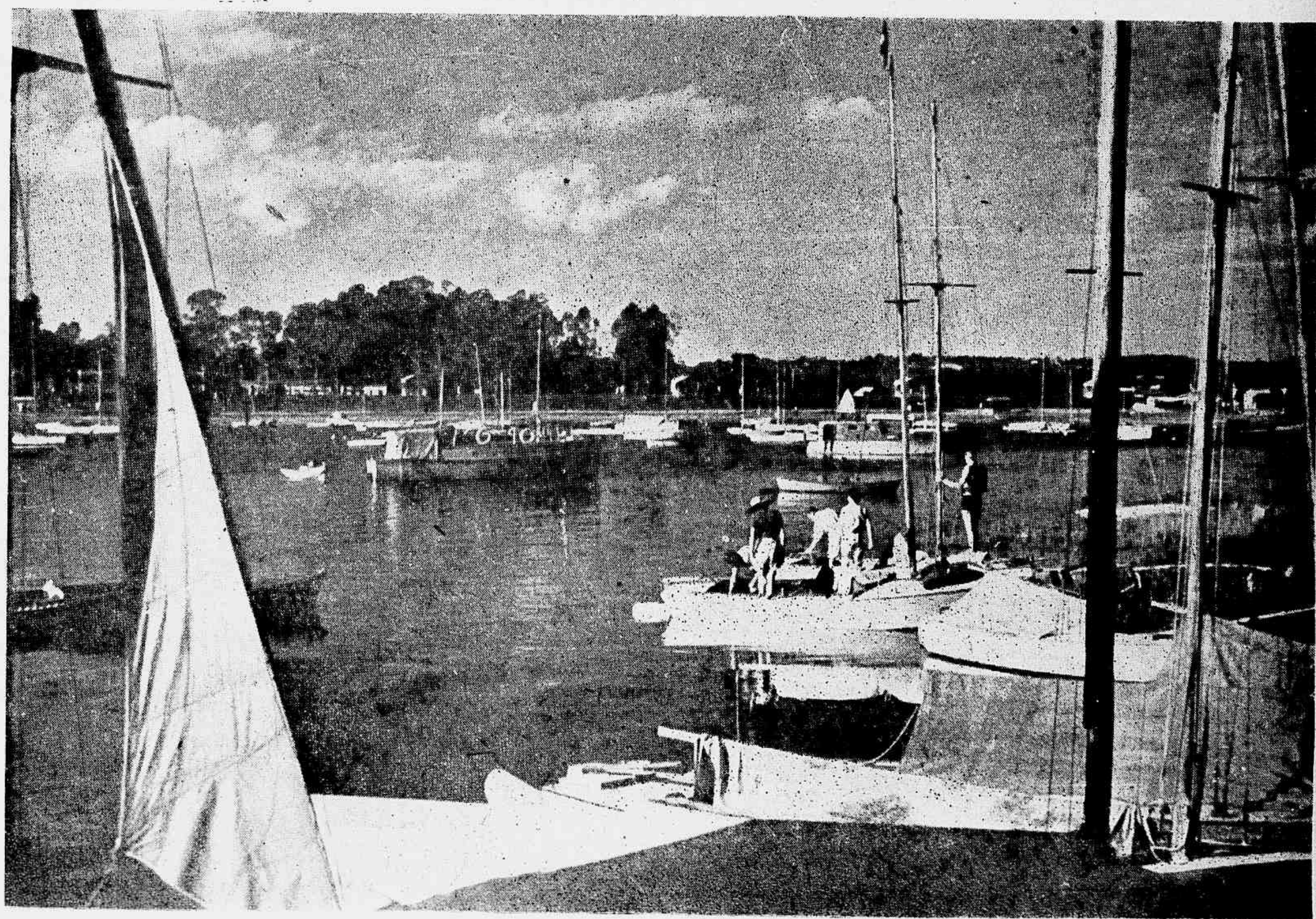
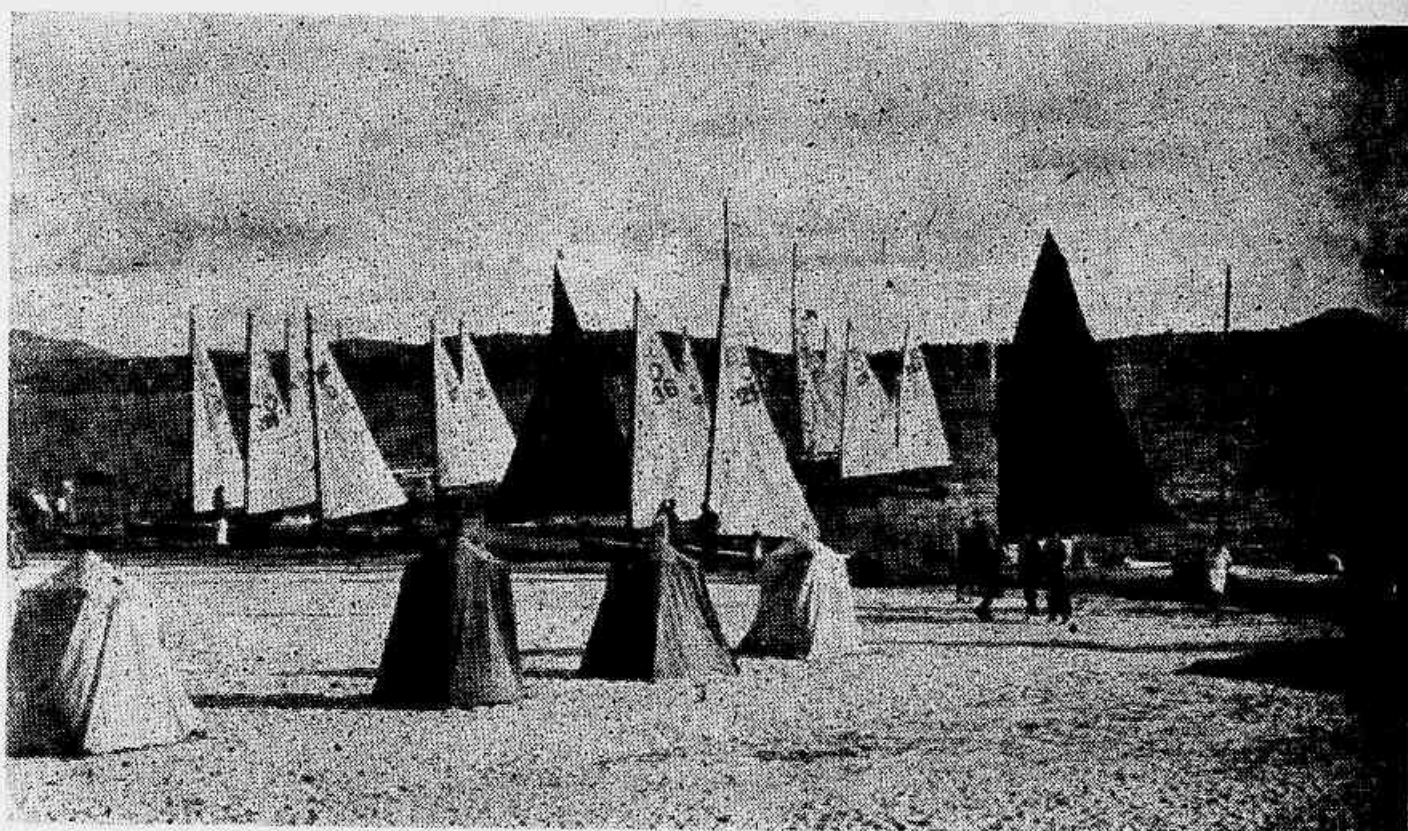
um
ção

o a
tên-
ado.
un-
vem
os
tido
ores



SANTO AMARO

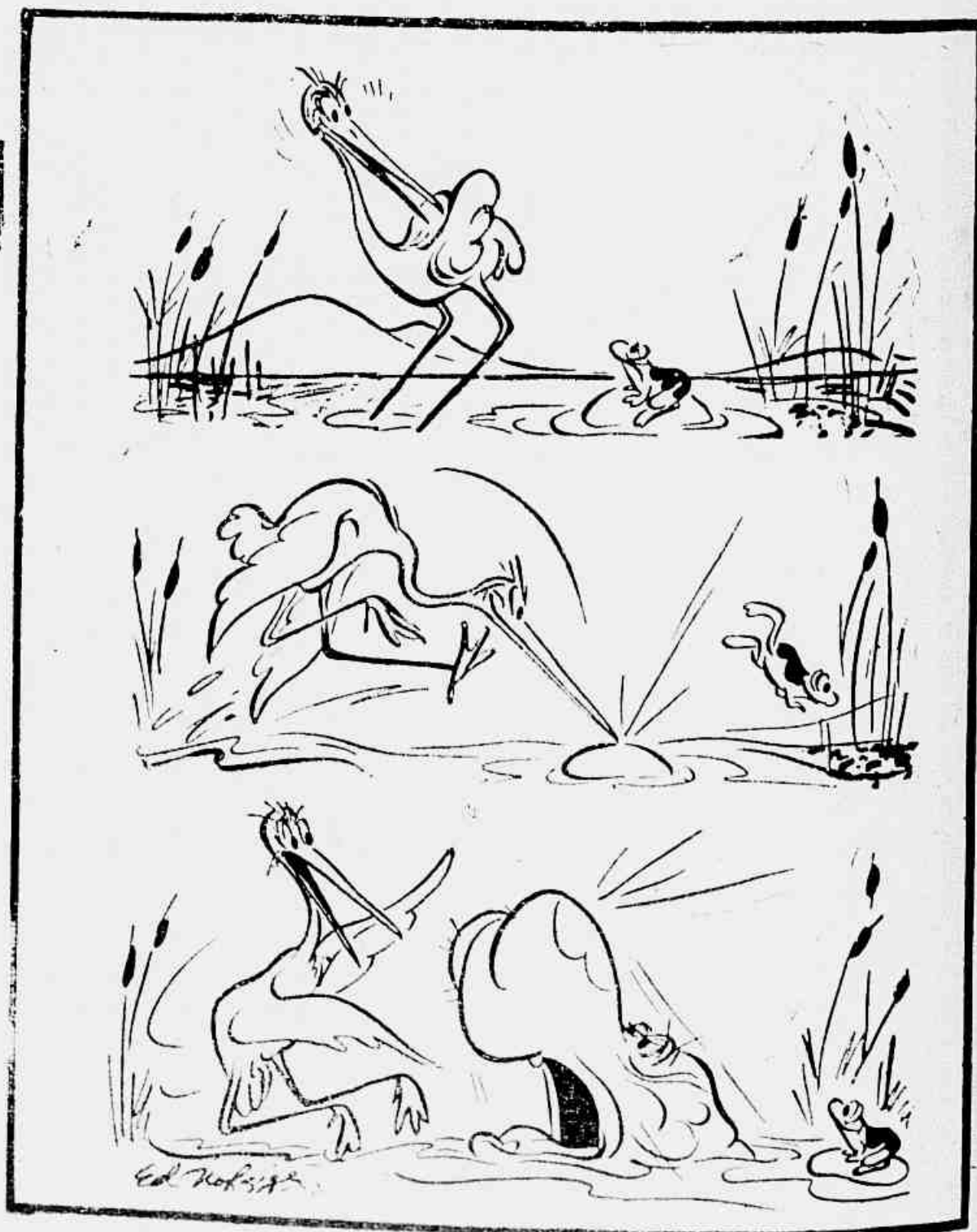
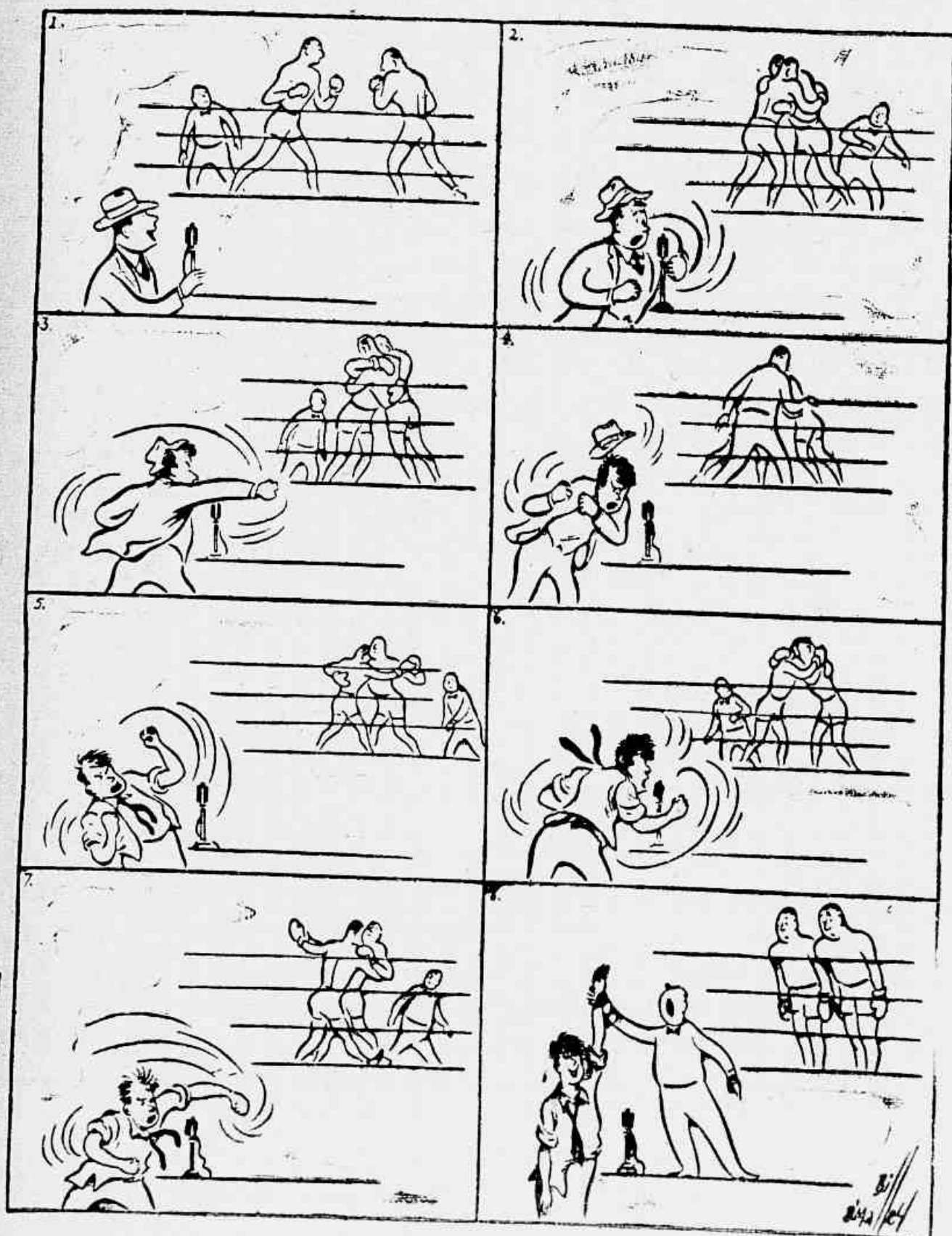
Não é preciso sair de São Paulo, nem sequer descer a serra, com destino a Santos ou ao Rio, para conhecer os prazeres de um passeio a vela ou de um delicioso banho marítimo. Não é propriamente o mar, que se encontra em Santo Amaro, nem poderia ser, naquela altitude, mas um aprazível trecho de água doce e mansa, onde os paulistas vão praticar o seu esporte, dar elasticidade aos músculos praticando o remo e a natação. E' a represa Santo Amaro, que nos fins-de-semana se transforma em um cenário maravilhoso e multicôr, com os "maillots" de côres vivas, os barcos de velas claras e luminosas esbatendo ao vento e os gritos, as exclamações, os entusiásticos hurras dos esportistas... Ali se esquecem as preocupações da semana inteira, se dão tréguas aos negócios gigantescos de que participam os cidadãos bandeirantes e se vive uma outra vida, cultuando a Natureza e retemperando as forças. Depois, na segunda-feira, enrolam-se as velas, desarmam-se as barracas, trocam-se os "maillots" pela roupa de todo-o-dia e a vida continua, com os negócios em curso. A Bolsa, o café, os novos "arranha-céus" em construção... Mas outros fins-de-semana se anunciam. E Santo Amaro espera...





— Eu pinto, sim senhor. Mas — com palavras.

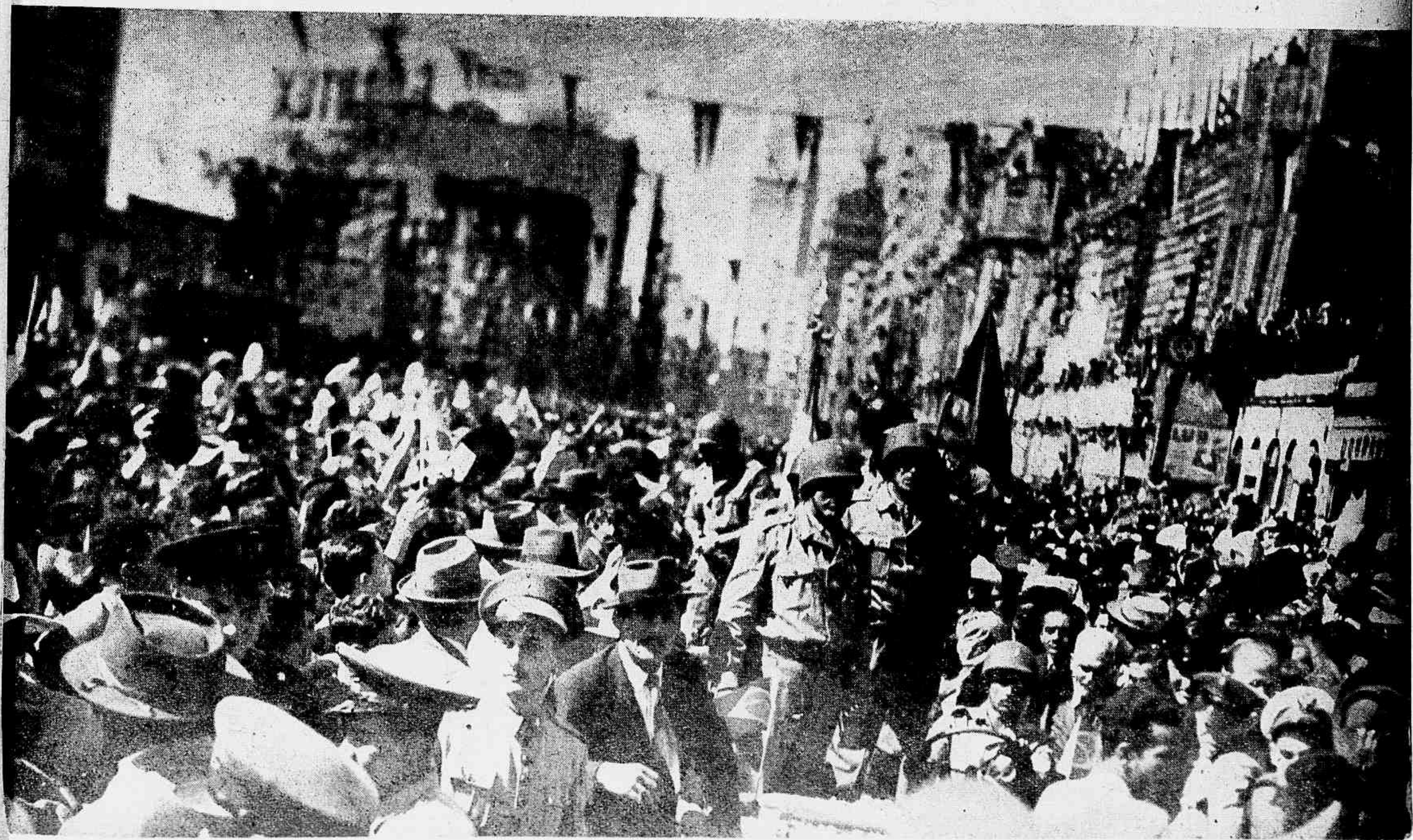
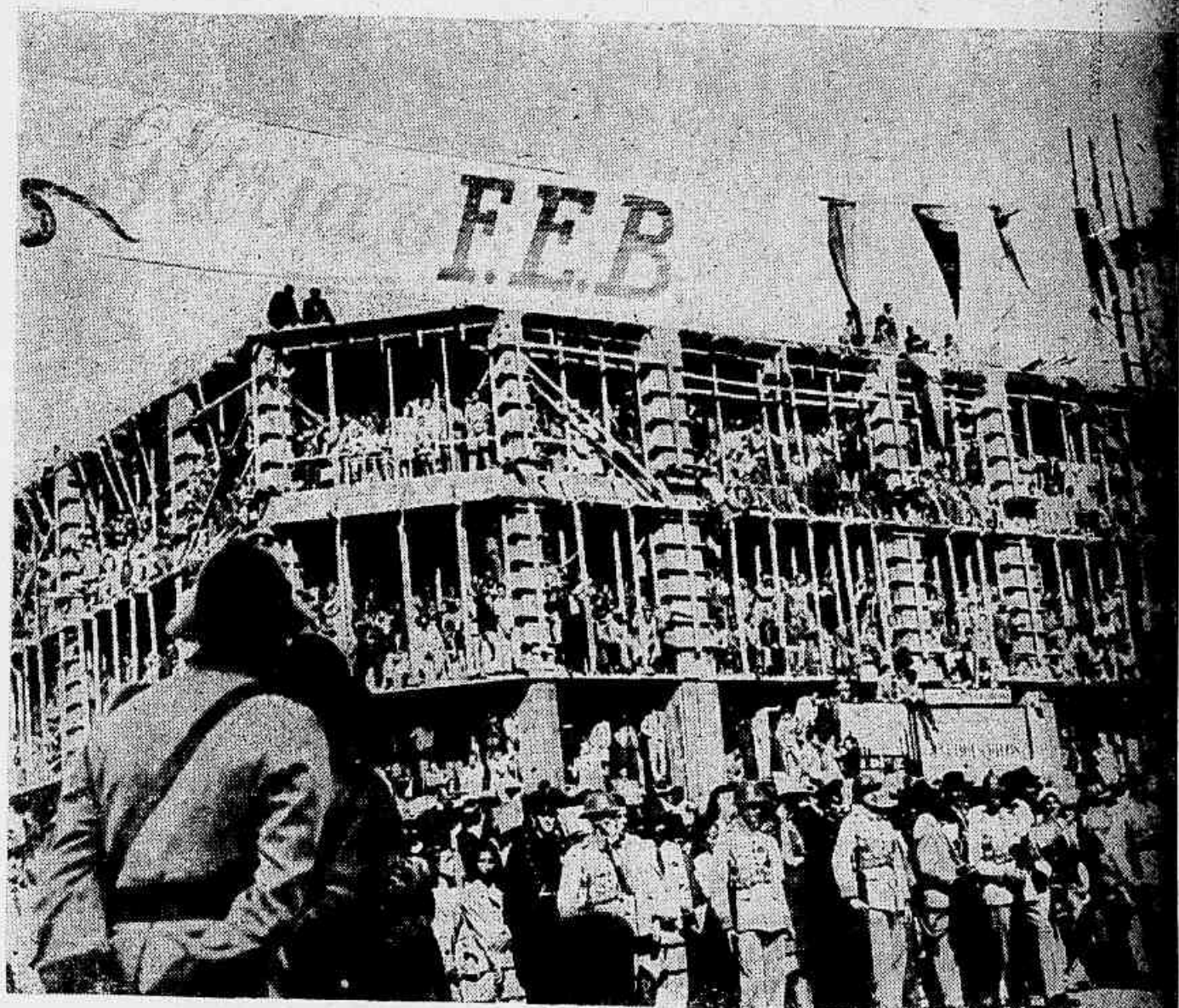
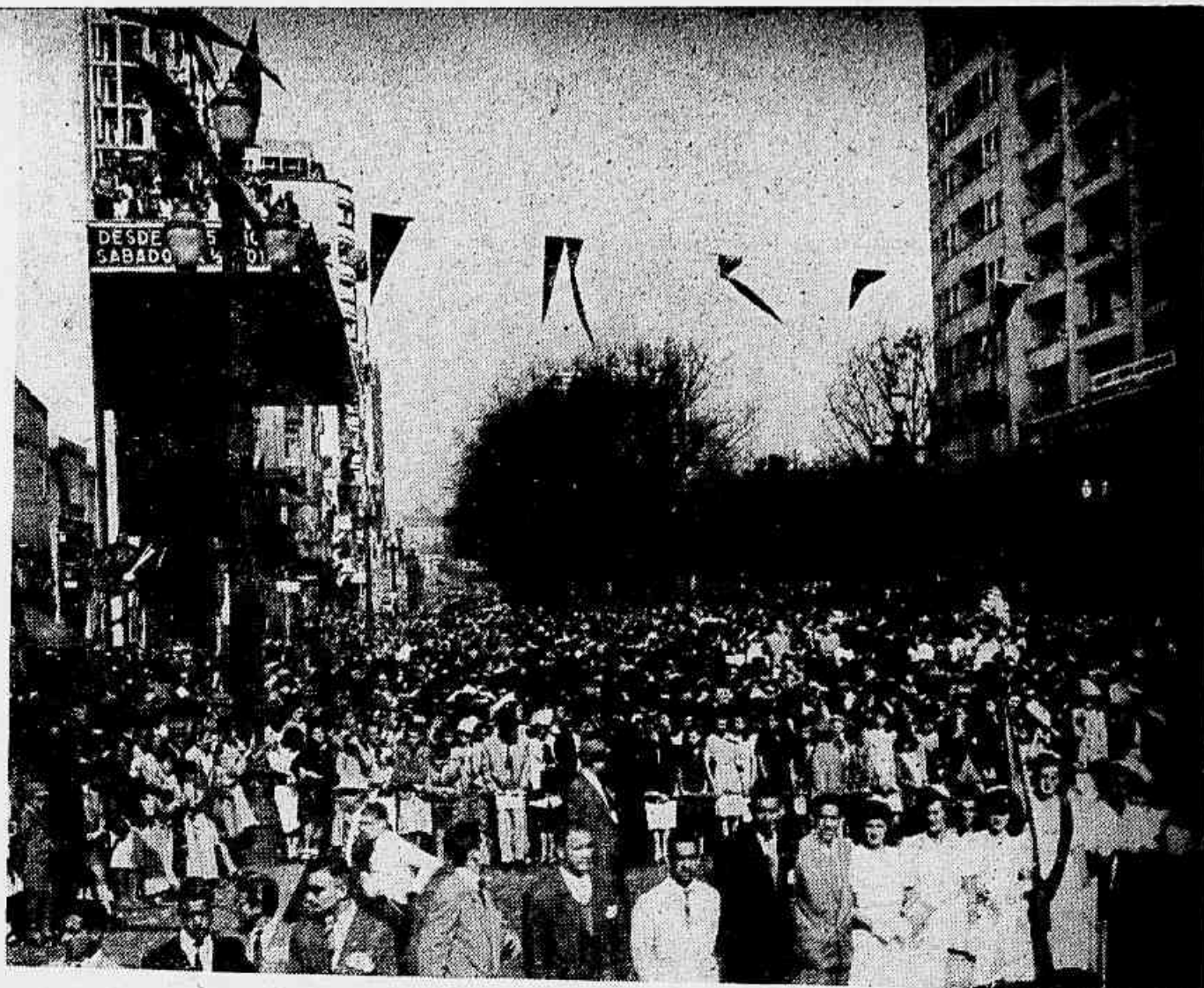
DE BOM HUMOR





O DESFILE DA F. E. B. EM SÃO PAULO

Repetiram-se em São Paulo as grandes homenagens dispensadas pelo povo aos bravos componentes da Fôrça Expedicionária Brasileira, quando o primeiro escalão aqui desembarcou. Também a cidade bandeirante se enfeitou, suas ruas ficaram repletas, e também ali os "pracinhas" tiveram de caminhar em fila indiana, porque não havia outro jeito para enfrentar o entusiasmo da população. A avenida São João teve também o seu Arco de Triunfo, e por ele passaram os denodados rapazes patrióticos, de volta de sua gloriosa jornada a serviço da causa humanitária por que se bateu o Brasil. Damos nesta página vários flagrantes tomados pela sucursal da REVISTA. Ao alto, o ministro da Guerra ladeado pelos srs. Fernando Costa, interventor em São Paulo, e general Zenobio da Costa, no palanque presidencial. Nos outros "clichés", aspectos tomados nas avenidas Ipiranga e São João, em vários pontos por onde desfilaram os soldados patrióticos. Foi um dia de maravilhoso entusiasmo cívico, ao qual se associaram tôdas as classes representativas.



Hidrex

O CHUVEIRO ELETRICO QUE NÃO FALHA!

ELEGANTE,
PRÁTICO E
ECONÔMICO

★
FUNCIONAMENTO
GARANTIDO
POR CINCO ANOS

★
O CHUVEIRO
"HIDREX" É O
COMPLEMENTO
DO BANHEIRO
MODERNO

PAN-LUX

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES PELA
"SERVE" Ltda.
LARGO DA CARIOCA, 5 - S. 503 - FONE 42-8391

A "SERVE" PODERÁ
FORNECER TODOS OS
APARELHOS ELETRICOS
INDISPENSÁVEIS NUMA
RESIDÊNCIA MODERNA



DIABETE -- OBESIDADE -- MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,
DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas de secreção interna.
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO
DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade
e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edifício Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 —
Cinelandia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 hs.

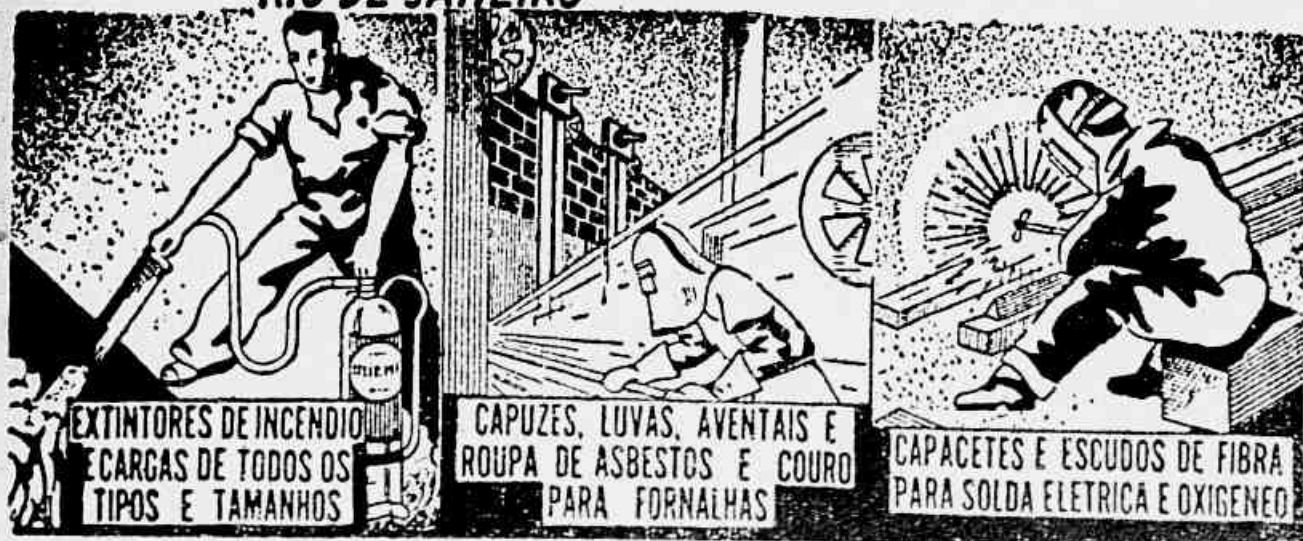
APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO
CONTRA TODOS OS PERIGOS:
NA TERRA • NO MAR • NO AR

INDUSTRIA BRASILEIRA

DIAS GARCIA & CIA. LTDA.

RUA VISCONDE DE INHAUMA, 23/25
TEL: 23-2017 END. TELEG. GARCIA

RIO DE JANEIRO



TEATRO

"SEM RUMO" RUMIO!

De tal modo se impôs a companhia Dulcina-Odilon que, hoje, o simples fato de ser renovado o seu cartaz, já constitui motivo de sensação. Dulcina sente a responsabilidade do prestígio que soube adquirir, com muito esforço, muita honestidade e muito talento. Ela forma, hoje, entre os mais legítimos expoentes da inteligência artística no Brasil. Ela é um reduzidíssimo número de colegas, é bom frisar. Este ano Dulcina fez quase que uma temporada inteira com a mesma peça, "Chuva". E teve tempo para preparar outro espetáculo de real interesse, que finalmente foi agora estreado. Trata-se da peça "Sem rumo", de Ernani Fornari. Em relação a Fornari, é mister reconhecer o seu acerto, sua meticulosidade na escolha de cada original. Ela quer um teatro para si mesma, à altura de sua reputação, e por isso é justo que nem todas as peças lhe agradem, é natural a sua exigência, como também se justifica que os autores, uma vez por outra, tenham de amoldar-se à personalidade ou às idéias da artista. Aliás, uma peça mesmo de méritos inferiores, nas mãos de Dulcina ganha um colorido absoluto. Muitos originais por ela representados, e que tanto agradaram, se nós os imaginássemos desempenhados por outros elencos mais fracos, não resistiriam. E autores que representados por outras companhias não logram sair da bitola comum, vão encontrar, sob a bandeira de Dulcina, esse prestígio invejável. Ela sabe de tal jeito montar as peças, ensaiá-las, retocá-las, dar-lhes um desempenho tão aprimorado, que, depois, se a peça já tem um valor pessoal, te-lo-á adquirido em dobro.

Mas voltemos ao original agora estreado que nos vem subscrito por um autor de responsabilidade e credor das simpatias do público. "Sem rumo" confirmou os atributos de Fornari, e desta vez o autor fugiu do tema histórico pelo qual enveredou duas vezes, como também se furtou ao problema social de sua primeira peça, "Nada", calcava-se no tema que então surpreendia a platéia. Era quando "Deus lhe pague" arrebatava as multidões. Depois, "Iaiá Boneca" associou-se ao sucesso de outra peça histórica nacional, embora de época distinta, que foi "Marquesa de Santos". Finalmente, "Sinhá moça chorou" louvou-se em um motivo revolucionário gaúcho e, por singular coincidência, possuía as mesmas e surpreendentes vibrações, não de uma peça mas de um filme e uma novela — "...e o vento levou". A guerra civil nos Estados Unidos, a revolução dos Farrapos no Rio Grande do Sul. Uma mulher de fibra em ambas as peças — e então, um novo triunfo para o autor. Desta vez suas normas foram outras. O título é simbólico: sem rumo, sem destino. Uma alma de homem rebelde, que não se submete às injunções de terceiros, homem que malbarata seu talento. Há um coração feminino que se une a esse homem, e o burila, e o faz um engenheiro arquiteto notável. Mas vem o dia em que o engenheiro certifica-se de ter sido tudo obra da mulher, e não quer continuar sendo um "pau mandado". Revolta-se. Volta à vida desordenada de outrora — e a peça vai por aí adiante. No fim esse homem, novamente sem rumo, desorientado e vencido, segue a sua estrada melancólico e sosinho, porque a mulher encontrou outros rumos... Como se vê, é tema diferente, mais atual e palpitante, o da nova peça de Fornari. No cinema temos visto algo de parecido. Dois filmes, pelo menos — "A mulher faz o homem" e "Sem tempo para amar" — já nos mostraram caracteres semelhantes. Mas, convenhamos, o autor aproveitou esse material com muito senso próprio e o desenvolveu com aquela sua maneira sutil de dialogar, por vezes demasiado literária mas sempre agradável de ouvir. A peça estava grande na noite da "première". Um diálogo de dois criados, no primeiro ato, forçava um pouco a nota, quando poderia ser sintetizado. O monólogo de Dulcina ao telefone, mesmo não se querendo lembrar "A voz humana", de Cocteau, é de efeito, mas talvez um pouco convencional. Isso não impede que "Sem rumo" fique longo tempo em cartaz, no Ginástico. O desempenho do elenco de Dulcina é o que sempre consegue realizar: correto, impecável e irrepreensível. Dulcina positivamente grande, a alma de todo o espetáculo. Este parte da artista, irradia-se pelos outros intérpretes e volta a Dulcina. Conchita e Pêra vivem a melhor cena da peça, logo no primeiro ato. Odilon, sentiu bem de perto o perfil do inconstante e malogrado Flávio de Assis. E tudo, enfim, é assim um convite ao público, que está aplaudindo "Sem rumo", outro sucesso da temporada. — C.

COTAÇÃO: 3



Dulcina vem de marcar outro sucesso: "Sem rumo". E prepara agora uma "reprise" da "Marquesa de Santos".

M U S I C A

TANNHAUSER

O Metropolitan se transportou, em parte, para o Brasil. Os artistas brasileiros contratados estão atuando como "guest artists". Estreou um corégrafo. Tudo isso já criou um interesse incomum pela estréia, porém houve mais. A ópera escolhida foi de Wagner — nunca um êxito de bilheteria entre nós — e Wagner em alemão. Por esse motivo houve protestos. Aliás, estes não se manifestaram somente antes do espetáculo, mas fizeram ato de presença durante ele. Não houve vaias, mas não faltaram bocejos, nem cavalheiros como aquele que, assim que a orquestra ia num "crescendo", se preparava para aplaudir: o prelúdio continuava. Depois de três rebates falsos de "fim", o pobre homem ficou tão perplexo que murmurou: "o bandido me enganou de novo". Houve um "psiu!" enérgico a seu lado.

Não ficaram por aí, porém, os incidentes. Na véspera do espetáculo vários cantores estavam gripados, inclusive o maestro, George Sebastian, substituído à última hora por Carl Alwin. Stella Roman, além de indisposta, estava um pouco nervosa, porque tinha sido publicada uma entrevista, que ela dizia não ter concedido, com observações pouco lisonjeiras a propósito dos Estados Unidos e da Panair.

A expectativa, portanto, era grande, e o êxito, apesar de todos os prognósticos, não estava assegurado.

Tannhäuser nos mostra um novo Wagner. Foi sua primeira tentativa para dar verdadeira grandeza ao drama musical, uma grandeza diferente da superficialidade aparatosa de "Rienzi" e do "Fliegende Holländer", estas de cunho pronunciadamente Meyerberiano.

O prelúdio foi executado com brilho pela orquestra, sob a batuta de Alwin.

Logo no início da ópera havia um evidente nervosismo em todo o pessoal do teatro. Houve pequenos contratemplos, como o que precedeu a entrada em cena de Cenus e Tannhäuser. Mas logo a voz agradável de Brenda Lewis dominou um dueto com Jagel, apesar dela se mostrar um tanto indecisa.

Notava-se, entretanto, uma inquietação em todos, que só desapareceu no final do primeiro ato, não reaparecendo no resto do espetáculo, que foi ótimo.

Logo de início Stella Roman obteve um triunfo com o "Dich Teure Halle", em que teve a oportunidade de mostrar uma voz aveludada, extensa e sobretudo uma arte extraordinária na maneira pela qual a empregou. Stella se manteve no mesmo plano durante todo o espetáculo.

Qualquer companhia é feliz quando tem um elemento tão útil como Jagel, senhor de um extensíssimo repertório, um artista consciencioso. Além disso, no terceiro ato Jagel deu grande relêvo dramático ao seu papel.

Daniel Duno foi discreto, mas eficiente, no papel de Wolfram.

Reservei para o fim os elogios a Lothar Wallerstein, cuja direção brilhante, sobretudo no segundo ato, contribuiu muito para o êxito.

Foi um barbeiro loquaz — dentro, portanto, da tradição de todos os "barbiere" — quem me contou que durante uma representação da "Cavalleria Rusticana" por uma companhia popular aconteceu um fato curioso.

Uma mulher, aterrorizada, veio dar o famoso grito e dizer: "Hanno amazzato il compare Turiddul". Diante dessa notícia tranquilizadora (pois o tenor, ao que consta, era infame), um espectador exclamou: "Hanno fatto molto bene!".

Wagner matou Elizabeth e Tannhäuser, no seu libreto, fazendo com que ele alcançasse a graça "in extremis". E no dia da estréia no Municipal todos exclamaram: "muito bem!". Mas, evidentemente, a intenção era outra.

Roberto Lyra Filho



Stella Roman, soprano do Metropolitan, no papel de Elizabeth, do "Tannhäuser", de Wagner, que desempenhou na estréia da Temporada Lince deste ano.



ROGER & GALLET

Destacando entre os seus insuperáveis produtos a Agua de Colônia, marca que tem uma fama secular!

Jean Marie Farin

A marca Francesa



Brilho duradouro em poucos minutos!

Brasso
— DÁ BRILHO AOS METAIS!

BRASSO



Uma Noite de Elegancia na «Boite do Posto Seis»

As vèzes, o palco deixa de ser o centro das atenções. Todo o interesse converge para a "boite" onde se concentram os "Big" da elegância, da intelectualidade, da aristocracia financeira do País. Foi assim, na noite de 7 de agosto, no Atlântico. O casal Alberto Bianchi, seguindo uma praxe que já se inscreveu nas tradições elegantes da cidade, recebia os seus amigos paulistas — o "set" social da terra bandeirante, que o "Grande Prêmio" trouxera à capital da República. A mesa, presidida pela graça fidalga de dona Euridice Bianchi, sentaram-se os nomes mais ilustres da metrópole dinâmica. Num frufu de sedas, numa fulguração de joias, o reporter distingue os sorrisos fidalgos que ilustram as mais belas legendas da alta sociedade brasileira: Magda Lupescu, Madame Urdariani, embaixatriz Nobre de Melo, sra. ministra do Iran, sra. ministra da Suíça, madame Reinizghan, madame Kovarick, princesa Czartorisk, sra. Desdemona Cintra, sra. Josephina Askar, sra. e sta. José Cortez, sra. Bebê Marcondes Machado. Entre os cavalheiros, anotamos em nosso "carnet", sr. Roberto Alves de Almeida, sr. Olympio Mattarazo, sr. João Dantas, sr. Francisco Dantas, sr. Alfredo Mesquita, ministro Urdariani, embaixador Nobre de Melo, sr. ministro do Iran, sr. ministro da Suíça, sr. Felix Kovarick, s. m. Carol da Rumania, príncipe Constantino Czartorisk, sr. Joel Monteiro. Outros. Muitos outros. O que de mais elegante há nos nossos meios diplomáticos, no cosmopolitismo que é hoje um dos grandes encantos das reuniões da elite carioca. E todos, vindos da Europa, da Ásia ou da América, achavam naquela noite de Copacabana, na mesa fidalga do casal Bianchi, no convívio de brasileiros ilustres, o que de mais belo e mais agradável a civilização criou para o encanto do coração e do espírito.

Personagens por ordem de entrada em cena

WILMOT!

— Quem é ele? — perguntou a moça que vendia cigarros.
O "maitre d'hotel" abanou a cabeça:
— Não sei. Reservou uma mesa hoje à tarde.
— A moça é bonita.
— Não há dúvida que ele sabe escolher uma companheira para se divertir.
A moça dos cigarros riu:
— Todo homem sabe. A questão é conseguir que a escolhida aceite o convite.
— Filosofia num cabaret?
— Você sabe lá o que é filosofia?
Com uma gargalhada cristalina a moça se afastou, deixando o "maitre d'hotel" indignado. Minutos depois ela vendia um maço de cigarros e uma caixa de fósforos a
GEOFFREY WILMOT.
A moça que estava com ele era, de fato, linda.

★

CURT!

O homenzinho fechou a pasta, trancou a gaveta da secretária e saiu batendo a porta. Uma mulher encarregada da limpeza viu-o passar e pensou, admirada: "Que é que fez Mr. Curt no escritório até tão tarde?"
Curt, porém, inconsciente do espanto da mulher, seguiu para sua residência.
O criado disse logo, ao vê-lo:
— Telefonaram para o senhor, Mr. Curt. É urgente.
— Deixaram o número?
— Foi um tal Mr. Shelt. Ele disse que o senhor sabe o telefone dele. Pediu também que assim que o senhor chegasse desse uma telefonada para ele.
— Shelt? Ele disse alguma coisa? Disse que acontecera alguma coisa?
— Não disse mais nada.
— Está bem. Pode mandar tirar o jantar.
— Sim, senhor.
— E diga à minha mulher que venha cá. Preciso falar com ela.
— Sim, senhor.
Com ar pensativo, Curt aproximou-se do telefone discou um número.
— Riverside 2234.

★

SHELT!

John Shelt estava ouvindo perfeitamente a campainha do telefone. Podia atendê-lo, se desejasse, mas ficou sentado onde estava. Sabia bem que era Curt, que atendia ao seu apêlo. Mas, na verdade, aquele nervosismo era um tanto ridículo e era preciso não fazer um papel daquele gênero. Além do mais, já dera uma providência. Sorrindo, Shelt disse, voltando-se para o homem que estava à sua frente:
— Deve ser Curt...
— Quem é Curt?
— Administra meus negócios.
— Ahn...
— Hoje à tarde recebi uma grande quantia em dinheiro. Isso se deu depois das seis horas e não pude depositar o que recebera no banco. O negócio foi feito no escritório de Curt. Vim para casa com o dinheiro, mas não estava muito tranquilo. Há gente de mais que sabe que eu estou com essa quantia aqui no meu apartamento.
— Não se preocupe. Eu protegê-lo-ei.
— Foi por causa disso que o convidei.

O interlocutor não pareceu muito satisfeito, mas nada disse.
— Bem — prosseguiu Shelt — vamos tomar qualquer coisa?
O homem porém protestou:
— Ainda não colocou o dinheiro no cofre?
— Há perigo?
— Nada de especial, mas por via das dúvidas...
— Tem razão. Está tudo nesta pasta. Um brilho estranho apareceu nos olhos do homem que Shelt convidara para protegê-lo.
— Aqui?
— Sim — disse o milionário, e abriu a pasta.

★

MARTIN!

O policial estava fazendo sua patrulha quando saiu da casa de apartamentos um "groom" esbaforido.
— Mr. Martin! Mr. Martin!
Eram velhos amigos. Há muito que Martin estava encarregado da vigilância daquela região.
— Que há?
— Uma coisa terrível!
— Fale! Que houve?
— Um... Um crime, Mr. Martin.
— Onde? Onde?
— Lá em cima... No último andar...
Mr. Shelt... Uma poça de sangue...
Martin não esperou mais.

★

— Fala O'Malley!
— Sargento, acabo de descobrir um crime...
O'Malley reconheceu a voz do guarda Martin.
— Onde? Que houve?
— Foi assassinado John Shelt, o milionário.
— Em casa?
— Sim, na sua residência. Estou aqui, chegar.
tomando conta de tudo, até o senhor O'Malley desligou e disse:
— Bem. Não saia daí.
— Brand, avise ao tenente que eu vou ao apartamento de John Shelt, que foi assassinado esta noite.
O colega deu um assobio.
— Puxa! Só queria saber quem é o herdeiro...
O'Malley não respondeu.

★

A sirene anunciou a aproximação do carro da polícia. Martin disse ao jovem "groom", que ainda tremia:
— Calma. A polícia vem aí.
Depois, acrescentou com um sorriso:
— Se você continuar assim eles são capazes de pensar que foi você quem o matou.
O outro não respondeu, mas o terror brilhava nos seus olhos.
— A propósito. — disse Martin. — E' bom eu ir tomando as declarações. Como é mesmo seu nome todo?
— GEROGE ADAM PAPELUKAS.
Martin repetiu, baixinho, o estranho nome, mas não mostrou que tinha achado graça.

Minutos depois O'Malley entrava na sala, seguido de uma turma de peritos.

A Investigação

— Pare de tremer e diga o que sabe — berrou O'Malley.
Mas o Papelukas não conseguia conter-se. Finalmente, porém, pôde dizer com voz entrecortada por estremecimentos:
— Eu vim aqui...
O'Malley contemplou o negrinho medroso e riu.
— Todos nós sabemos que você veio aqui.
— Pois é. E depois...
— Depois, nada. Conte isso direito. Por que veio aqui?
— O sr. Shelt sempre me mandava trazer os jornais de manhã.
— Hum...
— E ele vinha atender. Toquei e ele não atendeu. Pensei que estivesse dormindo ou tivesse saído. Mas ele não costumava fazer isso.
— E como chegou a descobrir que ele tinha sido assassinado? Foi você quem descobriu o cadáver, não foi?
Papelukas acenou afirmativamente.

— Por onde entrou? prosseguiu O'Malley.
— A porta dos fundos estava arrombada. Fui até lá para enfiar os jornais por debaixo dela, como fazia quando ele não atendia à porta, e encontrei arrombada. Levaram a fechadura...
— Estranho.
— Sim senhor — disse o menino — arregalando os olhos.
— Bem, pode ir, disse O'Malley.
Ele não esperou segunda ordem. Despençou-se pelas escadas, descendo os degraus quatro a quatro.
(CONTINUA NA PÁG. 41)

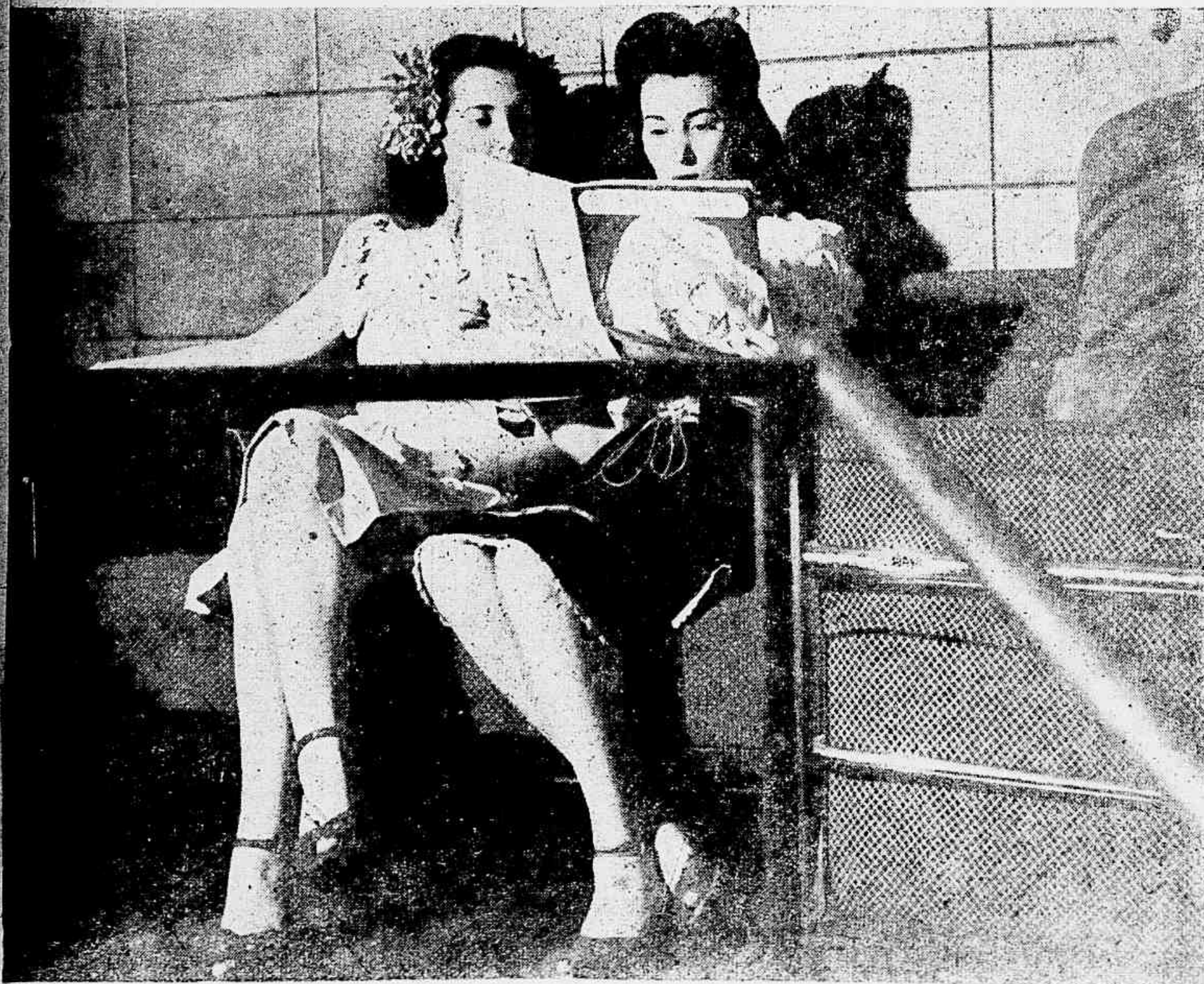


UM
Lapis
Conto de WILLIAM MAC HARG



A gloriosa estrelinha de "Sempre em meu coração" é uma encantadora adolescente, dona de uma voz maravilhosa. Mas para cantar é preciso estudo. E Gloria se prepara para enfrentar o microfone e a platéia do Metropolitan.

Sempre no coração de Gloria Warren...



Reportagem de ROBERTO LYRA FILHO

Fotos de VIANA

"Sempre em meu coração", depois do primeiro mês no cartaz passou a ser chamado "Sempre no Capitólio". Agora, poderíamos dizer "Sempre no Rio", pois é aqui que Gloria Warren emite os seus trinados e experimenta o português, que vem aprendendo com surpreendente rapidez.

Seu desembarque no Rio, depois de uma viagem que June Warren, sua irmã, qualificou de "exaustiva", foi bem misterioso. Guardas, nome trocado, uma corrida do avião ao carro que a esperava — e a "estrela" desapareceu até o dia seguinte, quando emergiu num "cocktail" oferecido à imprensa e, mais tarde, estreou cantando a canção que a fez famosa.

Gloria faz questão de ser original.

Enjoou muito, afirma, mas não na viagem: depois dela já no hotel.

Hospedou-se no Riviera, a dois passos do Casino.

June Warren, irmã de Gloria, é o porta-voz.

Foi ela quem esboçou a biografia de Gloria, enquanto esta não descia de seu quarto.

No saquão do Riviera June conta-nos como, mais velha que Gloria, ouvia a irmã tocar piano, aos quatro anos, recebendo os cumprimentos da cidadezinha em que nasceram.

Tinha nascido, também, uma nova mentina-prodígio. Hoje ela não é mais menina — é menina-moça — e raramente toca.

Agora, canta.

June, porém, continua ouvindo. A irmã da "estrela", sua maior amiga, sua conselheira, faz questão de precisar — Sou irmã dela, e não tia.

E' uma morena alta e elegante. Não precisa se preocupar, na verdade.

As duas irmãs que nunca brigam, June e Gloria Warren, aqui aparecem lendo a REVISTA DA SEMANA. E ambas se mostram muito interessadas pelas coisas do Rio, através do nosso noticiário. Estão porém vendo apenas as "catitas", pois nenhuma "peca" o português.

— Gloria é muito criança para pensar em namôro sério — prossegue June, respondendo a uma pergunta. Depois acrescenta, sorrindo:

— Afinal, eu sou a mais velha e preciso casar primeiro.

O sorriso comunicativo, aliás, é de família. Reconhecemo-lo na fisionomia de Gloria, que aparece, logo depois.

— Não quero que pensem que sou temperamental, mas quando me recuso a receber alguém é por que estou morrendo de cansada. Trabalho muito...

Com uma careta ela revela-se, logo, alegre, despreocupada e brincalhona.

— Acho que devia aos brasileiros uma visita de agradecimento, pelo sucesso de "Sempre em meu coração". Por isso, interrompi os preparativos para um novo filme e vim.

— Que acha do Rio?

— "Ci-da-de Ma-ra-vi-lho-sa". Meu português está melhorando.

E, para demonstrá-lo, Gloria toma um número da REVISTA e lê um trecho, quase sem erros de pronúncia. Em seguida, confessa rindo:

— Não entendi nada...

— Como entrou para o cinema?

— Sem mesmo saber como foi. Uma visita a Nova York. Um encontro com um escritor. Um telegrama dêle a Hollywood, e eu estava contratada...

— Que tal a estréia, Gloria?

— Eu estava nervosa. Era a primeira vez que enfrentava um público brasileiro, e o resfriado que apanhara me punha nervosa. Mas foi tudo muito bem e eu senti-me tão segura, depois dos aplausos, que cantei um trecho da "Traviata" que não esperava incluir no meu primeiro programa.

A "Traviata" leva a conversa para a ópera.

— Pensa em cantar ópera?

— Bem, ainda tenho muito que estudar, mas espero chegar ao Metropolitan, quando tiver mais tempo... Assim, com muito trabalho, tendo que estudar canções para os filmes, não posso me dedicar à ópera.

Até aqui não se falou na aparência de Gloria. Foi para aproveitar uma observação curiosa de June.

— Gloria enganou vocês.

De fato, as decepções anteriores levam-nos a esperar as "estrelas" menos belas do que nos parecem no cinema. Gloria revelou-se, ao aparecer pessoalmente.

— Fizem-me soltar os cabelos e aparecer sem "make-up"... Eu estava um horror!

A vida em Hollywood é dura. Uma vida de trabalho: acorda-se cedo e dorme-se cedo.

— É curioso: sabe que aqui no Rio os casinos fecham mais tarde do que em Hollywood?

Não é nas ruas, nos cafés, nos restaurantes que se encontra os "astros" e "estrelas".

Gloria conta o espetáculo cômico do desapontamento dos turistas que enchem as casas de diversões à cata de celebridades esquivas.

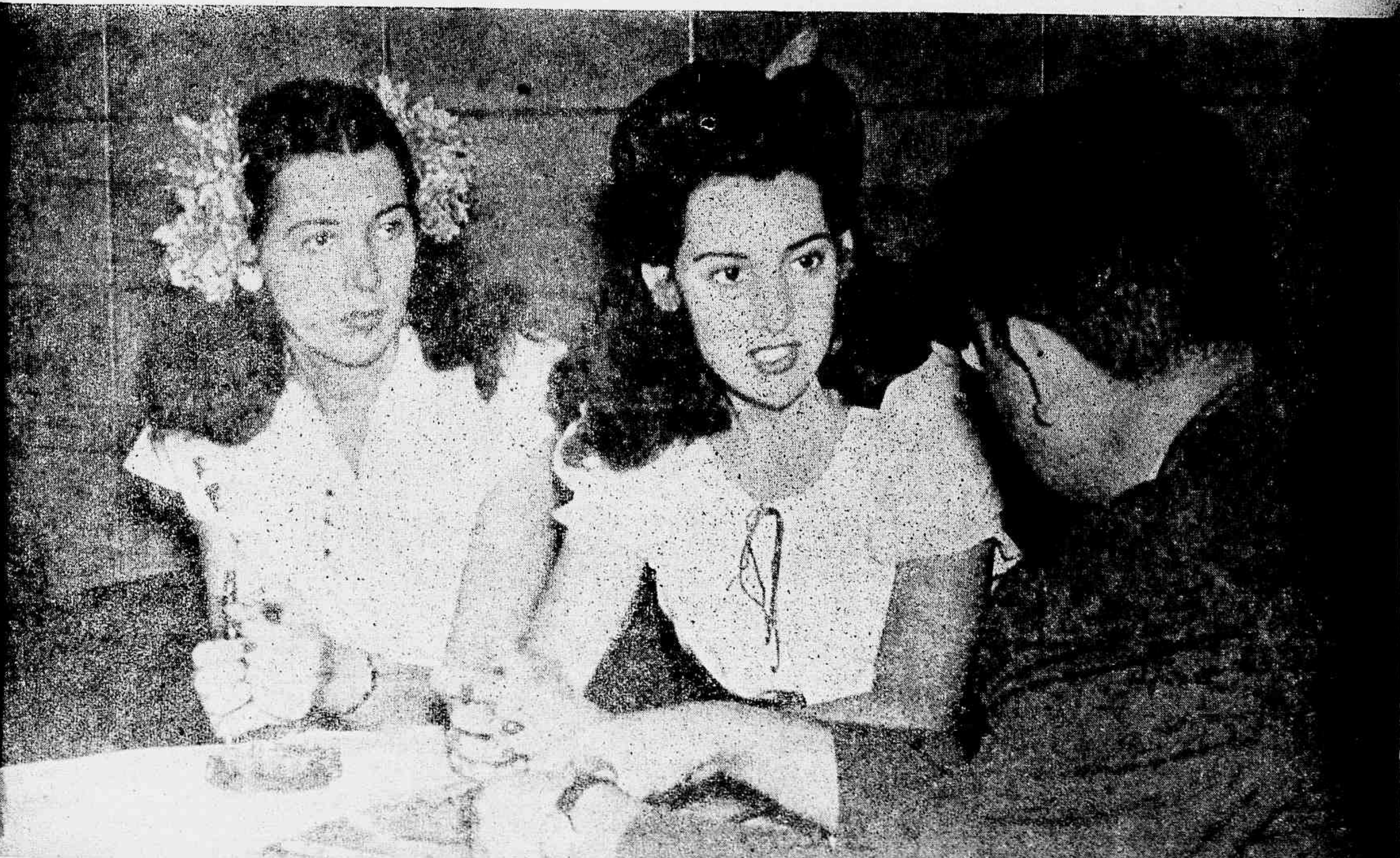
Ficam a contemplar-se; curiosos, fitam uns aos outros: "Será Marlene Dietrich aquela ali?" Tenho certeza que aquela é Tyrone Power".

(Continua na pág. 51)



"La cortina se abre"... Tudo agora se transforma. Gloria tremeu um pouco quando apareceu pela primeira vez, no "grill", ao público brasileiro. Agora, porém, o recinto está vazio. Apesar disso, a estrelinha olha resabiada para o fundo da "boite".

O nosso reporter conversa com as duas irmãs Warren. June, apesar de ser pouco mais velha que sua irmã, é uma espécie de conselheira, mas também a sua melhor colaboradora. A graciosidade de Gloria parece, aliás, ser mal de família.



ESCRAGNOLLE DORIA

VIDA SOCIAL

BRASILEIRA

O Rio de Janeiro do século passado teve festas de caráter bem distinto, umas de escôl, outras populares. A uma destas, a da Gloria, concorriam figuras representativas, a começar pelo Imperador e sua Família. Confundiam-se classes na ascensão aladeirada e de fadiga para chegar à igreja do Outeiro.

A data de 15 de Agosto, ano a ano, era assinalada por bailes aristocraticos familiares e populares, cada qual se recreando no seu meio e portanto se sentindo perfeitamente à vontade.

O carioca deveu ao Principe Regente, pela multiplicação de festas e solenidades, o gosto por elas, que no tempo do vice-reinado eram poucas e muito mais de cunho religioso que social.

Periodos de transição, a regencia e o reinado de D. Pedro I não deram ensanchas a muitas festas. Ainda menos largas lhes deu a Regencia, de tanto sóbe e desce de regentes. O tempo era pouco preservar Minoridade, sustentar lutas politicas, debelar lutas civis e indisciplinas militares.

Bem saudada pelo Brasil, ansioso por paz, a Maioridade sedativamente acalmou a nação e permitio-lhe progresso com ritmo, o verdadeiro progresso.

Sossego e folga de vida convidam a regozijos. Teve-as bastante o Segundo Reinado em seus dias melhores. Tentamos lembrar. () Por sua significação e por seus fins, um banquete oficial é festa de importancia. Bem o sabem a politica e a diplomacia festas em organizar banquetes.

Nos de ambas ha dous *menus*, um sobre a mesa, o outro não. O primeiro é de lista a manjares, o segundo é o *menu* dos apetites de conquistas, de combinações, de lucros, os convidados para a festa dispostos ao ludibrio mutuo.

Tal não foi o caráter de um banquete de 1848, de um baile de 1875, aquele a solenizar natalicio, este a memorar batizado.



D. MARIA II

Em honra da qual D. Pedro II, seu irmão, deu um banquete, a 4 de Abril de 1848, por motivo de aniversario natalicio, realisada a festa no palacio de São Cristovão.

Em 1848 a rainha de Portugal D. Maria II tinha anos, uns viçosos vinte e nove anos. A 4 de Abril de 1819 nascera ela na Real Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro onde D. João VI se achava governando.

Parte da infancia de D. Maria II transcorrerá no Brasil. Aí mais a trataram por Maria da Gloria para que em Portugal, uma vez rainha, houvesse quem a chamasse de Brasileira.

Para D. Pedro II o 4 de Abril da filha querida era sempre motivo de alegria e não raro a quiz partilhada convidando pessoas de categoria ou de estima a jantar no palacio de São Cristovão, de onde, em 1831, D. Maria da Gloria deveria sair para sempre na madrugada do Sete de Abril.

Em 1848, D. Pedro II, irmão de D. Maria II, entendeu assinalar o natalicio da real irmã dando banquete na casa onde ela viéra a mundo para na mesma casa conhecer bem cedo orfandade de mãe.

As dôres adormecem no tempo. A 4 de Abril de 1848 o tempo já adormecera aquelas dôres de vinte e dous anos atrás.

Por motivo do natal de D. Maria II, o Rio de Janeiro de 1848 ouviu salvas de fortalezas, vio navios embandeirados em arco. A tarde pessoas gradas reuniam-se no palacio de S. Cristovão concorrendo a banquete imperial.

Compreende-se que, dado o motivo da festa, nela se prestasse especial atenção ao representante de D. Maria II, o ministro de Portugal, o Conselheiro José Martins de Vasconcellos e senhora, tendo por secretarios o Snr. Bandeira de Mello e D. João conde de Paraty.

Incluam-se entre convidados de honra os membros da legação portuguesa, trazidos à companhia de ministros e conselheiros de Estados, nossos no momento aqueles Alves Branco, Vergueiro, Saturnino, Candido Baptista e Antonio Manoel de Mello.

O banquete transcorreu com o decoro de supôr. D. Pedro II bebendo à saude da distante irmã dele compatricia pelo nascimento.

A delicadeza de sentimentos da Imperatriz deu ao banquete nota muito louvada. Consistio a nota no apresentar-se a princeza D. Izabel, proxima de dous anos de idade, vestida de azul e branco, côres portuguesas alegres e lindas.

A princesinha ofereceu ao ministro de Portugal uma saudade, flôr vivedoura, pedindo-lhe que a enviasse a sua tia, o tal gesto de inspiração da Imperatriz, cunhada de D. Maria II, não se conhecendo ambas.

Correm vinte e oito anos. A 15 de Outubro de 1875 nasce o principe D. Pedro, filho dos condes d'Eu. O recém-nascido tem berço em Petropolis, cidade já no tempo tida como prolongamento do Rio de Janeiro serra acima.

Todas as ocorrencias do nascimento, todas as demonstrações publicas de satisfação que despertou o sucesso, foram registradas pela imprensa da época.

Mercê das mesmas e de fidedignas informações particulares, poude Cleto Ribeiro de Lessa, amigo do bom Brasil estudioso do seu passado, reconstituiu o momento de 1875. E o fez em palestra no Instituto Historico de Petropolis, este tão costumeiro em oferecer a auditorio palestras uteis a publico, ou publicações de prestimo, ja no tomo de sete volumes.

No setimo volume de seus *Trabalhos*, a Comissão incumbida de recolher quanto se refere ao Centenario da Fundação de Petropolis, insere documentada lição de Ribeiro de Lessa. Trata do acontecido na cidade e no Rio de Janeiro por ocasião do nascimento do principe D. Pedro, a 15 de Outubro de 1875, a data catolicamente de Santa Tereza, Doutora Unica da Igreja.

Para quantos se não limitam a vêr com os olhos, evocações como as de Cleto Lessa dizem muito ao socorro de imaginação reconstituidora.

Estamos por ela em 1875. Então como sempre a Igreja para batizando exige padrinho e madrinha e por muito humilde que seja o batizavel a pia o iguala ao filho do poderoso.

Padrinho e madrinha de D. Pedro foram o Imperador e a Imperatriz, batizante o bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda.

A solenidade devia ocorrer no Rio de Janeiro e ocorreu a 2 de Dezembro, natalicio de D. Pedro II.

Devendo o ato atrair concorrência tratou-se logo de regular o transito publico na zona da Capela Imperial e numa cidade onde se circulava sem probabilidade de morrer atropelado em qualquer idade.

Cerimonias religiosas exigem ornato e musica. O armador Joaquim Ferreira Lopes Sobrinho ornamentou a primor a Capela Imperial e com elogio de imprensa.

A orquestra para a cerimonia seria regida por Paulo Faulhaber e interpretaria composição de Hugo Bussmeyer, especialmente escrita para o ato.

Os programas das solenidades de Estado estavam a cargo da terceira directoria da Secretaria do Imperio, aquela directoria tendo por chefe o douto João Baptista Callogeras.

Elaborado minuciosamente foi o programa da cerimonia de 2 de Dezembro de 1875, dia no qual o Imperador entrava para o rôl dos quinquagenarios, idade ora reputada de principio de matusalenidade.

Na cerimonia do batismo de 2 de Dezembro, antes de entoado o *Te Deum*, cumpria ao ministro do Imperio, o senador José Bento da Cunha Figueiredo, lêr o extenso auto de batismo do principe do Grão Pará, titulo por disposição constitucional conferido ao batizando.

O auto de batismo se não poderia ser tido só em vernaculo. Couto de Magalhães, o indianofilo, verteria o documento para lingua indigena. No texto *nheengatu* o imperador figurava como *moruxana*, os ministros de Estados considerados *tuxauas*, o bispo batizador tido por *abaré-naçu*.

O auto vertido por Couto de Magalhães seria de vista na Exposição de Filadelfia. Não poderiam os Estados Unidos estranhar o documento passado a lingua selvagem. Bastar-lhes-ia lembrarem-se dos seus Pêles Vermelhas.

Tres dias após o batizado, os condes d'Eu, regozizados com o nascimento do filho, convidaram a sociedade carioca para um baile, não no palacio Izabel de sua residencia nas Laranjeiras, sim no Cassino Fluminense, ao Passeio Publico, o Cassino de mais amplitude de salão e salas.

Em certo tempo na praça da Constituição, o Cassino acabaria tendo sede no bairro da Lapa, vizinho da antiga Biblioteca Nacional, hoje o nome de Cassino trocado pelo de Automovel Clube que ninguem ignora na cidade.

Baile de importancia não pede, exige, grande *buffet*. Teve-o o baile de 5 de Dezembro de 1875. Mas atender a estomago desautorisa corridas a *buffet*. Não os teve a festa de 5 de Dezembro, dada a qualidade dos convidados, os de maior categoria encaminhados aos pares, ao *buffet*.

De tal existe prova, em lista copiada do original pelo Dr. Sebastião Benevenuto Vieira de Carvalho, da nobre familia do marquês e do conde de Lages.

Tendo honrosamente passado o Dr. Vieira de Carvalho, pela magistratura e pela administração publica vive ele hoje em Petropolis à guarda das lembranças dos seus maiores, figuras de dous reinados.

A lista conservada pelo Dr. Vieira de Carvalho, por tradição de familia respeitador do passado, abrange 128 nomes e tem por título *Relação das Pessoas Mais Graduadas Para Serem Conduzidas ao Buffet*. E' do punho do Conde d'Eu.

Na impossibilidade de citação completa, fique uma parcial. Na lista ao nome as senhoras segue-se o nome dos cavalheiros que lhes deviam dar o braço para levá-las ao *buffet*. Assim Snra. do ministro de Portugal — Duque de Caxias; Snra. do Ministro da Austria — Ministro de Portugal (José de Vasconcellos); Snra. do Conselheiro Diogo Velho — Ministro da Russia (Koskull); Viscondessa do Rio Branco — Ministro do Imperio; Condessa de Lages — Visconde de Abaeté Snra. do Conselheiro Paulino de Souza — Senador Zacarias; D. Leopoldina Barbosa (dama da Imperatriz) — Visconde do Rio Branco, Baroneza de Santa Anna (dama da Imperatriz) — Visconde de Inhomirim.

E na lista feminino ou masculino, não ha nome que não dê o tom e os habitos de uma sociedade



LINN MERRICK (Columbia)

SER bonita é um dom celestial. Vemos por aí dezenas de mulheres formosas mas sem brilho, pois a luz que faz brilhar a beleza é a luz da inteligência

NOS BASTIDORES FEMININOS

A elegância é resultado da inteligência. É uma espécie de reflexo.

A condição inicial de todo o "charme", o seu espírito, a sua essência, é a simplicidade. Uma simplicidade absolutamente natural.

Para ser elegantemente simples não é preciso senão conhecer os modelos da elegância. A graça, essa preciosa qualidade não será alcançada senão com a simplicidade.

A elegância é uma superioridade. Será também um dom nato? Só por exceção. Há mulheres e homens de

verdadeira deficiência mental que são por natureza elegantes; têm a compreensão da elegância como os outros têm da sabedoria. Contudo, isto é excepcional. O mais frequente é a elegância ser um fruto direto do raciocínio.

De modo que a primeira preocupação da mulher que pensa ser elegante deve ser a de cultivar sua inteligência, avivar sua sensibilidade, apurar os seus impulsos naturais.

Assim, pois, não há outro caminho para ostentar a extraordinária graça do harmonioso e do simples, isto é, do elegante, senão o de tirar de nossa própria razão o segredo da linha, do movimento e da cor.

Jesy Barbosa

A última cena

Conto de OSCAR LOPES
Ilustração de ARMANDO MOURA

TÔDA a gente a conhecia de vista. Ela era uma dessas criaturas que uma vez olhadas nunca mais são esquecidas. Alguns lhe sabiam o nome: Sara de Toledo; raríssimos podiam dizer, sem mentir, que lhe haviam apertado a mão.

Só encontrei, até hoje, três mulheres da sua estatura, que era o limite extremo do normal. Mais um centímetro — e tôdas três teriam tombado, irremediavelmente, no ridículo. Sara era uma delas; outra era uma dinamarquesa que passou dois meses o Rio de Janeiro; e a terceira não tinha importância.

Sara de Toledo era a mais bela de tôdas; foi mesmo uma das mais formosas mulheres que os meus olhos já viram. Os meus e os de muita gente. Era irresistível o movimento de pasmo que ela despertava nas turbas, acompanhado de um inconfundível murmúrio de admiração.

Não havia em Sara, talvez, uma gentileza imediata de traços. Êles pareciam antes solenes que mimosos. A impressão que êsse conjunto produzia nada tinha dêsse agrado e dessa simpatia que as criaturas apenas bonitas costumam espalhar em tôrno das suas fisionomias, quase vulgares. A sua beleza espantava, em vez de atrair. Admiradores emudeciam diante dela, e mais de um, à falta de palavras, teve que lhe fugir com o pranto nos olhos e o desespero no coração.

Apesar de tudo, havia nas suas formas uma proporção exata. Os membros e o busto tinham dimensões clássicas, e a distribuição plástica era perfeita. A sua carne, de infinita alvura, tinha tons de leite ou de âmbar, tal fôsse a luz que a iluminasse. Eram os seus cabelos, finos e em ondas raras, dêsse natural louro quente, que as águas oxigenadas ainda não conseguem oferecer. E os olhos, onae boiava uma serenidade olímpica, eram azuis, como de outros não sei que o sejam tanto.

Parecia bem justo que tôdas essas perfeições bessem, por tôda a parte, a mais espontânea homenagem. E, afinal, nada mais compreensível do que o embalo dos apaixonados em face dessa linda e grande mulher. As mulheres menos sujeitas aos assaltos galantes são as que passam a altura mediana. Se acendem um de logo, não sei por que, acordam um temor.

Mas no caso de Sara de Toledo — até uma o época de sua vida, bem entendido — êsse receio dos lanteadores era infundado e um puro produto de falta observação. Deslumbrados com o todo de Sara, falhavam discernimento para a minúcia. Com um pouco de calma e um pouco menos de paixão, êles teriam de rado na boca e nas mãos dela uma inconfundível expressão infantil. O mesmo sinal de ingenuidade havia no riso seus pequenos dentes, brancos e separados, e nas onhas pueris das suas mãos divinas.

E, na verdade, Sara de Toledo era apenas uma criança grande.

★

Conheci-a eu de perto e fui um dos seus amigos íntimos, por simples reflexo, pelo fato de ser um camarada fraternal do seu amante. Fui a testemunha casual do primeiro encontro de ambos, do seguimento glorioso de acaso, e soube ser, durante longo tempo, o confidente um e outro, o amigo discreto nos conflitos e o "raisonneur" pacificador, na hora das explicações.



Certa vez demandávamos em automóvel o cais do porto, desembocando de uma rua próxima à praça Mauá, eu e Jorge de Sales, quando, por uma confusão de carruagens no cruzamento das ruas, vimos, cortando a nossa frente, em direção do centro da cidade, outro automóvel carregado de sacos de viagem, chapeleiras e uma cadeira de vime. Primeira bagagem de viajante desembarcado.

Confesso que o que nos chamou a atenção não foi propriamente a bagagem. Automóveis, conduzindo malas e necessários de viagem, passam a todo o instante nesse ponto. O que nos impressionou foi a viajante, alta e leura, branca e formosa, cujo busto emergia, com austera elegância, do fundo da viatura.

"E' bela", disse eu, rompendo o silêncio que ambos havíamos guardado, no momento em que era restabelecida a circulação, e o carro da desconhecida retomava a corrida.

Jorge de Sales não me respondeu. Inclinando-se para o "chauffeur", ordenou:

— Siga aquele automóvel!

Na primeira intersecção de ruas, aproveitando uma parada momentânea a que éramos forçados pelo bastão da polícia, desci rapidamente e deixei o meu amigo prosseguir, só, a sua aventura.

Não me recorro dos episódios que poetizaram a conquista. Sei que, uma semana depois, Jorge de Sales me convidava para um jantar de intimidade com Sara de Toledo. Ele palpitava de felicidade, fazendo-me o convite. Sem surpresa aceitei a festa... nupcial. Como ia eu surpreender-me com outra rutilante vitória desse homem, que eu sabia ser o mais hábil dos galanteadores?

Um mês depois, ela havia perdido a natural cerimônia que eu levava a esse jantar de amantes e se tornara para mim um caríssimo objeto de amizade. Conheci pouco a pouco os tesouros daquela alma feminina que o meu amigo Jorge de Sales dissipava, e vi que a infantilidade do temperamento de Sara explodia com insólita frequência, em tremendos acessos de ciúme.

O passado dêle torturava-a e era motivo constante de recriminações amargas. E a pobrezinha não sabia nada! Adivinhava, pressentia, fantasiava. Um trecho de música que êle trautesse, um sorriso que êle não explicasse imediatamente, um objeto de uso, uma joia tornada mais assídua na "toilette" eram motivos para irrupções de cenas, cuja intensidade dependia das circunstâncias da hora.

Nós dois, eu e Jorge, tínhamos uma cautela sem desfalecimentos. E como Sara se fazia progressivamente minha amiga, cativando-me com a sua confiança elevada, fomos forçados a inventar nas nossas relações uma pausa tão grande que impedisse quaisquer confidências de Jorge a mim. Era como se êle, depois de longa ausência, tivesse, poucos dias antes do encontro dos automóveis, regressado à pátria. Para uma estrangeira como Sara, nada mais difícil de ser desmentido...

Mas apesar disso, como o seu amor, o seu ciúme era insaciável. De sorte que, na embriaguez de ventura em que vivia, Jorge não podia deixar de lastimar-se:

— Oh! as cenas horríveis que ela me faz!

E eram positivamente injustas as cenas: Jorge guardava uma fidelidade absoluta. Mais de uma vez, ora a brincar, ora irritado, êle exortava Sara a abaixar êsses acessos. Então, com expressão misteriosa, ela afirmava:

— Farei a última cena no dia em que tiver a certeza que me enganas.

Eu e o pobre Jorge não podíamos calcular o alcance dessa ameaça...

★

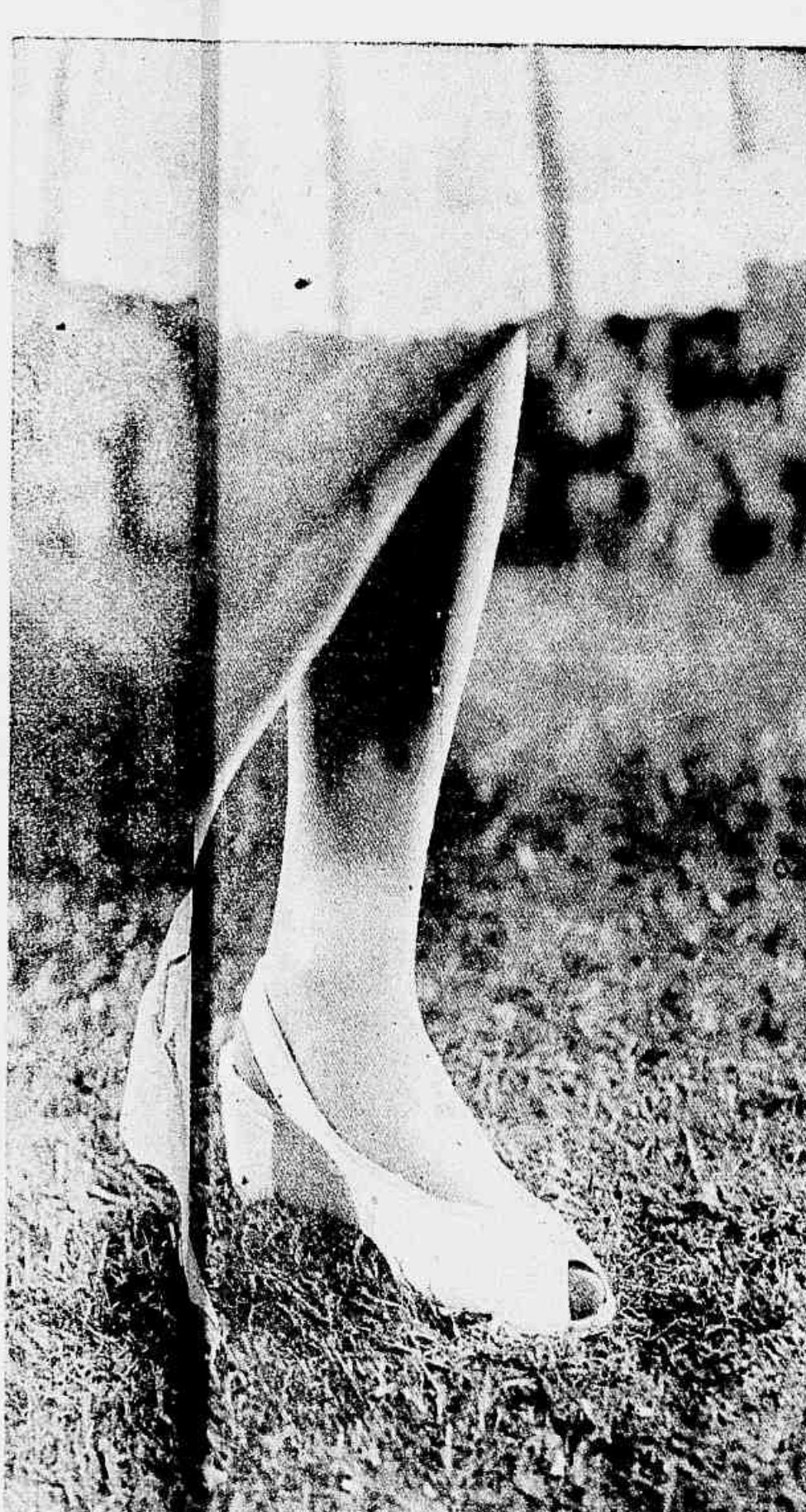
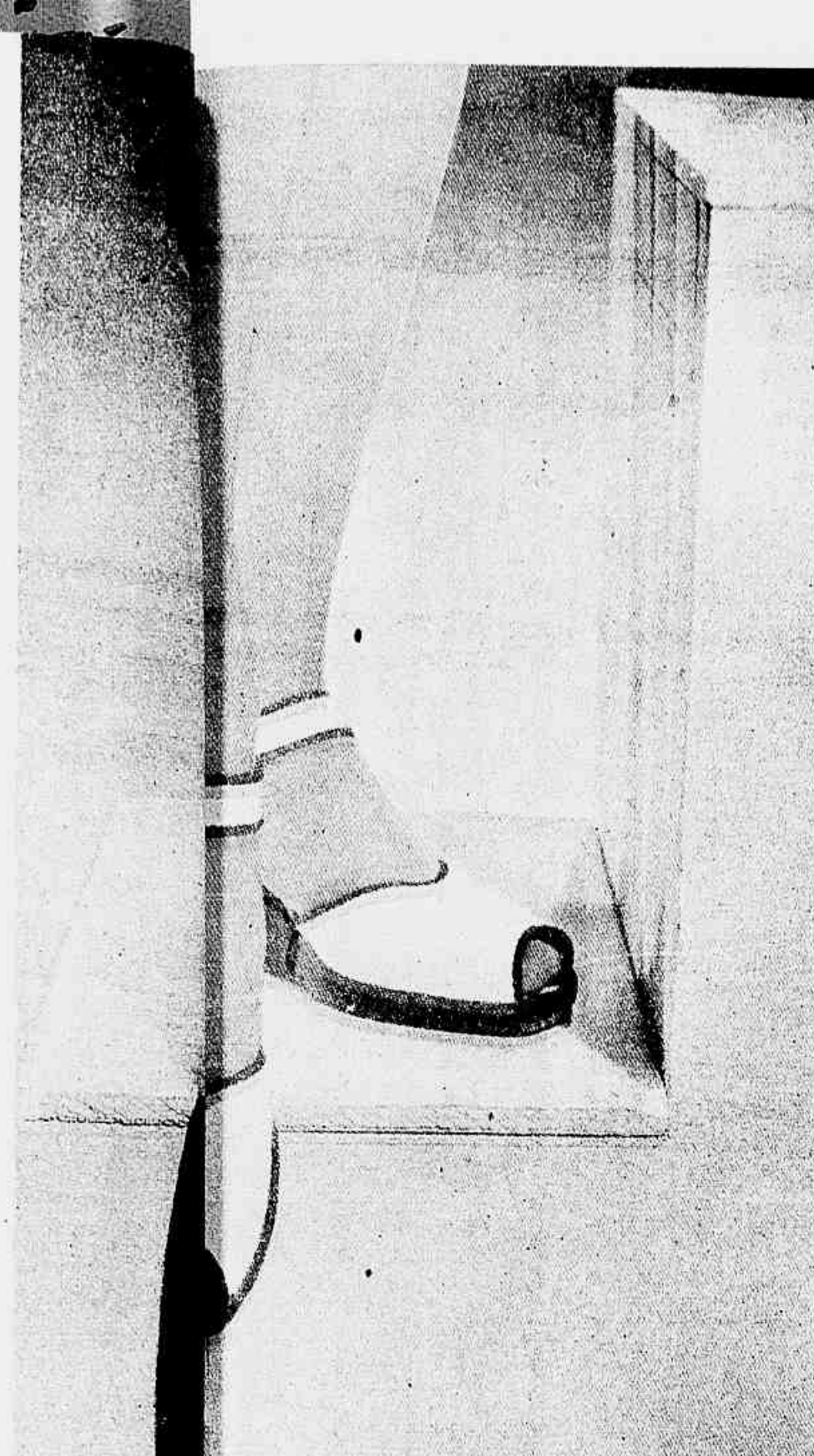
Jorge quis celebrar com um banquete o primeiro feliz aniversário de seus amores com Sara de Toledo. Pouco a pouco fôra admitindo mais testemunhas para o seu idílio, mais cúmplices para a sua vida secreta. Por mais elegante que fôsse a discreção desse "ménage" oculto, a felicidade dos seus amores rasgara as paredes da casa que os escondia. Os homens admiravam a constância de Jorge e a formosura de Sara; as mulheres não acreditavam na primeira e irritavam-se, silenciosamente, com a segunda. Uns e outros formavam três pares e meio, que, comigo, Jorge e Sara, completavam cinco para a decoração da mesa.

Os sete estranhos eram deliciosas pessoas. Marthe Leblanc, uma francesa morena, que fôra sucessivamente "cocotte" em Assunção de Paraguai, "première" em uma casa de modas de Montevideu e "chanteuse à voix" num "music-hall" do Rio de Janeiro, viera pelo braço do caricaturista Althemir, de quem se soubera fazer a musa bem-amada. Tôda a gente esperava do talento do artista um album de suprema perversidade, sobre o amor das cinquentenárias, quando o "charme" da francesa se evaporasse.

A poesia estava representada no cintilante Paulo Artur, o autor festejado dos "Marlins", contador inigualá-

Continua na pág. 42.





A graça de um vestido de baile, de um traje de passeio, de um "slack" e principalmente de "short", é grandemente realçada pelas linhas e pelo colorido do calçado. A elegância dos pés é de sumária importância, pois a primeira impressão que se guarde de uma mulher é sempre a provocada pelos sapatos. Nestas páginas apresentamos ao gosto de nossas leitoras alguns modelos moderníssimos de calçados, chegados de Hollywood, oferecidos pela elegância de Lina Romay, estrela da M. G. M. A partir do alto e da esquerda: modelo

fantasia, para esporte, em branco e marron; sandália de praia, com salto mexicano em madeira, com couro fino em x; modelo fantasia em preto e branco, para passeio; sapato em camurça, com enfeites de taxas prateadas; sandália branca para "slack"; e, finalmente, um lindo calçado de passeio, todo em pelica branca. Ai estão, pois, algumas sugestões às nossas leitoras para os seus futuros sapatos. A arte de pisar, realçada por um par de sapatos bonitos e elegantes, é, muitas vezes, o traço mar-

cante e da beleza de uma mulher. Calçar-se bem é pois essencial da mulher moderna, em tôdas as horas. A mulher bonita não pode descuidar-se, na organização da "toilette", dos sapatos que completarão a mesma. Eis, leitora, entre os magníficos modelos que temos, os de sua preferência, e calce-se como u-

A ARTE DE BEM CALÇAR



Lina Romay, atriz da Metro-Goldwyn-Mayer, que serve de modelo para os modernos tipos de sapatos que aqui vão, bem poderia exibir também vestidos ou chapéus. Nam só a anatomia de suas pernas é perfeita. Sua plástica provocante e um rosto cheio de "charme" são complementos que se harmonizam perfeitamente com seus maravilhosos tornozelos.

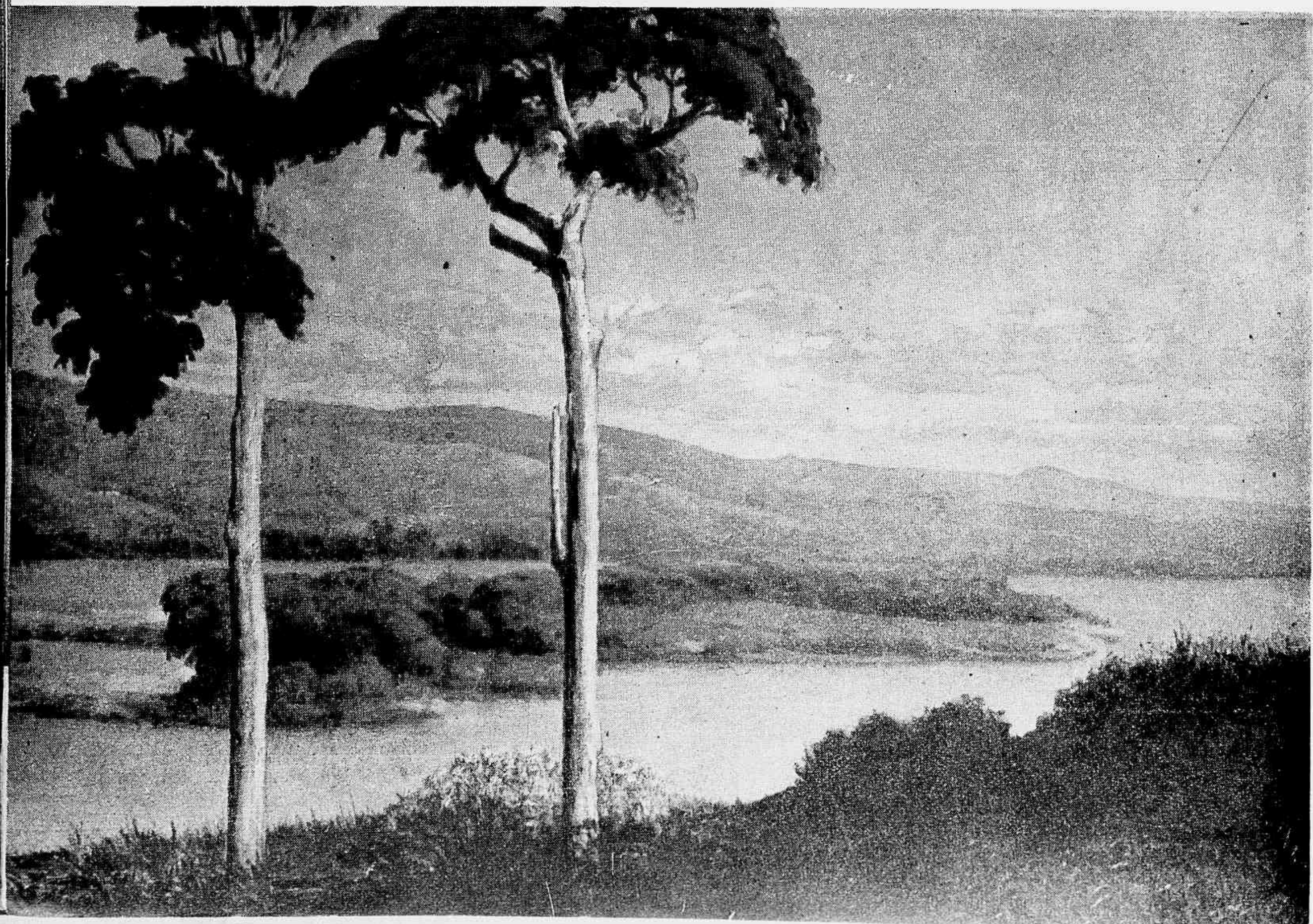




ARTES PLASTICAS

Ao alto, o quadro "Jardim Botânico", da pintora patricia Josina de Albuquerque, que figurou na exposição individual dessa conhecida artista, que esteve aberta ao público no salão nobre do Palace Hotel, de 16 a 31 de julho último. Essa mostra foi realizada sob os auspícios da Sociedade Brasileira de Belas Artes e obteve o mais amplo sucesso. Aliás tal era de esperar, em virtude da aceitação da pintura de Josina de Albuquerque em nossos meios artísticos e do êxito de suas exposições anteriores.

Em baixo: — No salão Laubisch-Hirth estiveram expostos os trabalhos do pintor Levino Fanzeres, quadro a óleos de um colorido natural e vivo, reproduzindo todos coisas e aspectos de nossa terra e de nossa gente. Paisagens do Paraná, de Minas e de outros Estados, bem como marinhas de uma expressividade original e singela, enfeitavam a mostra do laureado artista. Reproduzimos aqui o quadro intitulado "Vale do Rio Doce", que não foi o trabalho mais perfeito da exposição, sendo entretanto uma das mais belas paisagens reproduzidas pelo pintor.





"A banana está sendo vendida a Cr\$ 4,00 e Cr\$ 5,00 a dúzia."
(Dos jornais)

Enquanto o povo padece,
Num jejum tremendo e infundo,
O pobre cruzeiro desce
E a banana vai subindo.

— Pois está convidada a vir presenciar a minha lenta degradação, em vários episódios sensacionais. Estarei aqui tôdas as noites.

Sem dizer mais uma palavra, êle afastou-se.

Ela não podia deixar de acreditar que, de certo modo, traído pelos olhos dêle, certas expressões que passavam depressa, êle ainda tinha em si o germe de uma regeneração. Tôdas as noites, observava-o à mesa jogando com uma concentração extraordinária. Falava com ela à entrada e à saída. Enquanto jogava não lhe dirigia a palavra.

Certa noite, porém, ela notou que êle se levantava durante o jogo. Olhou para a mesa e viu o "croupier" arrebatá-lhe a última pilha de fichas. Um pressentimento terrível assaltou-a. Seria possível?

— Deixe-me, deixe-me! Chegou o fim.

— Não seja louco!

— Vai me obrigar a magoá-la.

— Que importa? Não posso consentir que faça isso.

Um momento de distração dêle e o pequeno revólver passou para as mãos firmes dela. A moça atirou-o no mar. Estavam à sacada — a famosa sacada dos suicídios, em Monte Carlo.

— Acabou-se tudo — disse êle, com ar desanimado.

— Não. Não é verdade. Ainda há esperanças.

— Para mim? Não. Você me fez o que podia fazer de pior. Sabe o que vai acontecer?

— Não pense mais em matar-se.

— Não penso mais nisso. Agora, porque você não me deixou acabar com isso de uma vez, tenho que continuar.

— Mas você não tem mais dinheiro?...

— E isso tem importância? Já tenho crédito. Lembra-se da última vez? Paguei o empréstimo...

— Pelo amor de Deus! Não faça isso...

— Mas você não compreende que não posso continuar sem jogar? Que preciso? Que é uma necessidade?...

Ela hesitou um instante; depois disse:

— Escute. Eu preciso acabar meu romance. Proponho a você uma coisa. Você suspende o jogo por uma semana. Eu acabo o romance com seu auxílio, pois preciso de quem me dê umas explicações sobre o jogo... Depois darei a você o dinheiro que você precisar para continuar a jogar...

Êle olhou subitamente para ela.

— Houve uma época em que eu não aceitaria dinheiro de uma mulher...

Depois acrescentou, rápido:

— Aceito.

— Ela nunca o perdoará.

— Mas era o único meio, mamãe.

— Tolice. Então não era fácil conseguir uma apresentação?

— Como, se ninguém sabia quem ela era?

— E ela veio direitinho pôr-se na boca do lobo...

(Continua na pág. 39)



— Não faça isso.

Êle interrompeu o gesto, antes de completá-lo e procurou a pessoa que falara. Era uma moça alta, morena, com um lindo sorriso. Com ar um tanto irônico, êle perguntou:

— Não faça o que?

— Não assine.

Imediatamente, os dois homens que o cercavam levantaram os olhos do papel e protestaram.

— Vê? — disse o rapaz. — Tenho que assinar.

Ela insistiu:

— Escute: eu tenho o dinheiro aqui na bolsa. Empréstimo-lhe. Vamos ao banco e lá você me pagará. Mas não assine.

A atitude dos dois homens que esperavam o pagamento mudou.

— Bem, nesse caso...

Antes que Roberto pudesse compreender perfeitamente o que se estava passando, um dos homens lhe entregava um recibo e saíam ambos, deixando-o com a desconhecida. Êle contemplou-a um momento em silêncio, e depois disse:

— Quer explicar?

Ela sorriu:

— Será preciso?

— Evidentemente não vou exigir que conte o seu segredo, mas desde que me envolveu nele...

— Perguntei se seria preciso explicar por que pensei que você teria adivinhado.

— Confesso que não tenho a mínima idéia.

— Pois bem. Eu sei que você não tem o dinheiro. Sei que o cheque que ia assinar era falso, um cheque sem fundos. Quis evitar que você fizesse uma loucura.

— Parece muito bem informada a meu respeito.

— Tenho observado as suas reações.

— Não compreendo.

— Sou escritora. Estou aprontando meu próximo romance, e êle trata das aventuras de um jogador. Por isso eu, que não gosto de jogo, vim a êsse casino. Frequento-o há duas semanas com a assiduidade e a aplicação de quem vai a um laboratório. Não quero parecer cabotina, mas conheço um pouco de psicologia. Faz duas noites que o venho observando. Você chegou com muito dinheiro, mas disposto a jogar loucamente. Por que? Talvez tivesse necessidade de dobrar a quantia. Não sei. O fato é que perdeu. Perdeu o que trazia e mais o que pediu emprestado.

— Uma bela lição de psicologia.

— Posso arrematá-la com um conselho?

— Ouço-a.

— Não torne a jogar.

— E se eu lhe afirmar que isso é impossível?

— Causar-me-á muita pena como um rapaz perdido, mas me dará a oportunidade de estudar o tipo do jogador que eu estava procurando.

ENCONTRO

Conto de
MARGERY THANE



Eliane, a galante primogênita do casal Leila Muniz-George Muniz, que completa seu segundo aniversário na próxima semana.



Realizou-se recentemente nesta capital, na igreja do Sagrado Coração de Jesus, à rua Benjamin Constant, a cerimônia religiosa do enlace da sta. Yeda Fenelon, filha do cineasta Moacyr Fenelon, com o sr. Paulo Ely Machado. A foto mostra os noivos assinando o contrato nupcial.

FIGURAS E FATOS

O escritor Jayme Adour da Camara pronunciando a sua brilhante conferência sobre a evolução do modernismo, no dia 4 deste, por ocasião do encerramento da exposição de Pola Rezende no Museu de Belas Artes. Foi uma reunião memorável assistida pelo alto mundo carioca, tendo Jayme Adour recebido calorosas homenagens de quantos ouviram mais uma demonstração de sua grande cultura.



Flagrantes apanhados durante a missa solene celebrada na igreja da Candelária, nesta capital, no dia 30 de julho p. findo, em ação de graças pelas bodas de ouro do casal dr. J. M. Ribeiro Junqueira e sua esposa sra. Helena de Andrade Ribeiro Junqueira. A solenidade contou com a presença de parentes e grande número de amigos do ilustre casal.



Petrolina



antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua **HIGIENE INTIMA.**



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



**INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo**

Livros

CHAMAVAM-ME CASSANDRA, reportagens de Geneviève Tabouis, tradução de Fernando Tude de Souza, 3.^a edição — Edições Científica — Rio de Janeiro, 1945.



Geneviève Tabouis representa a reportagem moderna com todas as suas exigências de atilamento, cultura, decisão prática, simpatia cativante. Todos os recursos e modalidades do ofício lhe são familiares. Em quaisquer partes onde se encontre pode exercer com eficiência e brilho o seu mistério. Conhece línguas; anda a par dos negócios de Estado; acompanha as diligências das chancelarias; dá conta dos manejos e lutas da política; sabe de todos os movimentos sociais e de todas as correntes de opinião. Senhora finamente educada, tornou-se por si própria mulher de ação. Está igualmente à vontade e a gosto, trabalhando ou preparando o seu trabalho, num congresso científico ou num banquete palaciano, num campo de manobras ou num motim operário. Jornalista na máxima extensão do termo. No meio, porém, de certas situações, o sentimento feminino se lhe manifesta em toda a delicadeza, em toda a intensidade. E a grande observadora, a grande comentarista, nteirada de todos os problemas e capaz de prever todas as soluções, comove-se como a criatura mais ingênua e de sa simplesmente a chorar.

Este livro, cujas primeiras páginas datam da capitulação francesa de 1940, recua no segundo capítulo, alguns lustros, para historiar jornalisticamente a política francesa, nas suas cogitações e conflitos internos, em todas as suas relações como o exterior. Desde então Geneviève Tabouis nos aparece em contacto com os mais altos personagens seguindo-lhes os passos e como se, ouvindo-lhes todas as palavras, lhes fosse surpreendendo todos os projetos e advinhando todas as intenções. Chegamos a não explicar muito satisfatoriamente a sua presença, em alguns lugares ou a maneira como obtém certas informações... Isso, porém, pouco importa. Basta o interesse que as suas narrativas infalivelmente nos despertam. E a sua figura aparece sempre. Fora dos ministérios, das conferências; dos arranjos, dissidências ou polémicas parlamentares; das negociações ou complicações internacionais, vemos a mesma jornalista na mesma atividade e, com o mesmo prestígio, por que a sua arte de observar para informar não des conhece nem regeita especialidade alguma. Está no mundanismo, nas letras, nos esportes, na finança e nas indústrias, onde quer que se trabalhe, se produza ou, de qualquer maneira, se influa no espetáculo da grande capital.

Depois da capitulação, é no estrangeiro que ela escreve. E não sempre para o jornal, mas para o livro. No entanto, a sua "maneira" continua, no registro do maior número de fatos, no detalhe agudo e vibrante, no comentário que se reduz a uma frase a uma palavra, mas sempre com a intenção de dizer tudo. Talvez Geneviève Tabouis fale um pouco de mais de si mesma. Mas isso que tem? Não fosse ela mulher!



A MULHER FANTASMA, romance de William Irish, tradução de Wilson Velloso — Livro na do Globo, editora — Porto Alegre, 1945.



Romance policial, agitado na marcha da ação; sensacional pelo inesperado de certos episódios; empolgante pela trama que, de certo ponto em diante, se torna cada vez mais nebulosa e de difícil solução — enfim, como dante se dizia dos melodramas, com todos os matadores.

Um homem é acusado do assassinato de sua esposa. Está inocente e tem um alibi perfeito: à hora de ser praticado o crime, estava ele, a distância do local e em companhia de outra mulher, a quem encontrara num bar, oferecera jantar, levava ao teatro, acompanhara por fim ao mesmo estabelecimento. Voltou então para casa, onde se lhe deparou a esposa estrangulada e a polícia já em pleno inquérito. Assim a mulher do bar o poria sumariamente ao abrigo de diligências e interrogatórios. Mas que fora feito dela? Onde teria ido? Como e por que desaparecera? Tal o ponto capital da intriga, o eixo em torno do qual as figuras se precipitam, na sucessão dos lances de efeito, com as revelações que surgem quando menos se espera, os quiproquós e suas presas mais do agrado dos leitores amantes do gênero tecnicamente chamado "detective".

Está claro que, no fim, tudo se resolve de acordo com a boa justiça e conforme cada personagem merece. Não impede, porém, tal previsão que aquele público especial, epecial mas numerosíssimo, se interesse, se emocione e, findo este romance, procure outro onde as aparências enganem, a polícia cometa toda sorte de gafes, o suposto criminoso consiga afinal provar a sua inocência — e tudo seja, pouco mais ou menos, a mesma coisa.



ROTARY, estudo e comentários por Ernesto Pallanda — Editado por A. J. Renner — Porto Alegre, 1945.



Como tantas outras instituições, a própria Maçonaria a quem tantas vezes foi já comparado, tem o Rotary os seus convictos e os seus fanáticos. Sem dúvida o autor do presente livro pertence àquela primeira categoria. Jornalista de longo tirocínio, acostumou-se a julgar as pessoas, com os fatos, por um critério bem seu. E se, algumas vezes, os preceitos da imprensa — na qual, que nos conste, ainda até hoje, não figurou como proprietário ou diretor absoluto — o levaram a servir-se do rodeio ou do enfimismo em vez de dar, nua e crua, a sua opinião, já, ao escrever um livro, pode proceder com liberdade e desassombro perfeitos. Todos nós precisamos de obedecer, até certo ponto, à orientação da folha que nos emprega; o livro, porém, nada, por via de regra, nos obriga a publicá-lo. Se fazemos livros, porque assim o desejamos. Vai nisso a nossa aspiração, a nossa satisfação ou o nosso vício — em suma: a nossa razão de ser. E eis porque nos livros verdadeiramente dignos desse nome se reflete a nossa sinceridade.

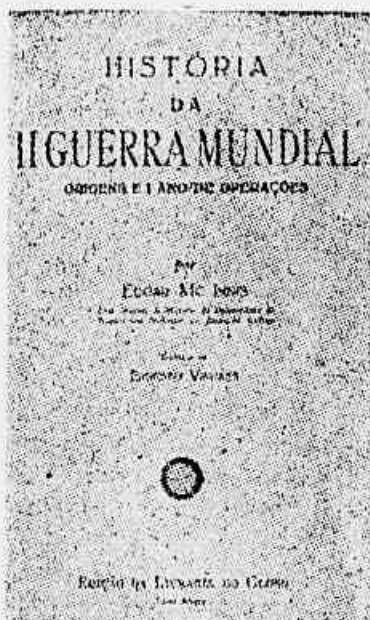
O Sr. Ernesto Pallanda escreve com clareza e não sem elegância. Não pretendeu porém, fazer obra exclusivamente de artista. Teve em vista prestar um serviço prático, realmente proveitoso, aos seus companheiros de profissão e a toda a gente interessada em conhecer o Rotary, tal qual é. Numa nota liminar, intitulada *Por que?* diz ele: "A prática de qualquer ação corre ponde de imediato a pergunta: Por que? No caso deste livrinho a resposta é imediata

Novos

quase intuitiva: Dentre as organizações mais eficientes e que mais desinteressadamente objetivam o progresso social, assunto que sempre nos preocupou, uma se encontra que nos parece ótimamente arquitetada, capaz de amplos frutos no terreno da ética profissional, das boas relações entre homens e grupos sociais, da cordialidade entre os povos". E, depois de explicar em que sentido e por que razões o Rotary não é total ou exatamente conhecido, conclui o Sr. Pallanda: "Nasceu assim este livro e ele aqui está, com o objetivo de ser útil a todos, mas principalmente aos jornalistas do Brasil, aos quais é cordialmente dedicado".

• • •

HISTÓRIA DA 2.ª GUERRA MUNDIAL, por Edgar Mc Innis, tradução de Ernesto Vinhaes — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.

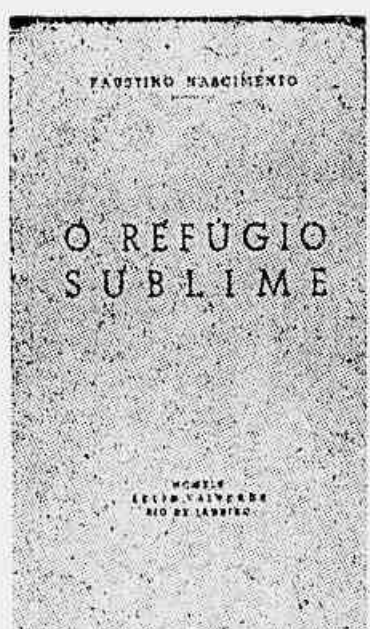


Não se trata de toda a Segunda Guerra Mundial. A maior parte do livro se consagra aos antecedentes, tratando com as possíveis particularidades e minúcias das causas do conflito que nenhuma diplomacia, nenhuma diligência, nenhuma prudência por parte das nações depois aliadas podesse evitar. E, finda essa matéria, vem a exposição, igualmente detalhada, das operações do primeiro ano, isto é: de 1 de setembro de 1939 a 31 de agosto de 1940, bem como das consequências que imediatamente se verificaram.

E' bem claro que nos primeiros capítulos reside o maior interesse da obra. Todos nós sabemos, mais ou menos, as circunstâncias em que se travaram as batalhas e a maneira como se decidiram. Quanto, porém, às razões políticas, ao movimento de chancelarias e embaixadas que antecedeu ou acompanhou a ação militar, poucos terão uma noção concretamente aproximada da verdade. As informações a esse respeito nos chegavam, através dos jornais, fragmentadas, em muitos casos contraditórias e sempre difíceis de guardar concatenadamente na memória. Quantas vezes nos não enganamos — ou, a rigor, não fomos enganados — na apreciação dos fatos... Quantas vezes não ficamos sem saber a que fonte oficial ou veículo informativo deveríamos dar crédito... O livro de Edgar Mc Innis vem regular essas incertezas e preencher essas lacunas. Procedendo ao mesmo tempo na qualidade de jornalista, a quem todos os dados ou indícios praticamente interessam, e na de comentarista capaz de estabelecer confrontos e contrastes para chegar ao mais justo critério, o autor de *The War, First Year* estabelece verdadeiramente as origens e o panorama da guerra. Os primeiros capítulos: "Em busca da paz" e "A filosofia de Hitler" são poderosamente elucidativos. Tornariam impossíveis mais discussões quanto aos responsáveis pela catástrofe que abalou o mundo e ainda não cessou de o perturbar — se houvesse apenas argumentadores de boa fé e capazes de reconhecer que estavam errados. Tudo, com efeito, nestas páginas se apresenta como irretorquível. E Edgar Mc Innis se faz respeitar tanto pela clarividência quanto pela imparcialidade. Enriquecem o volume quatorze mapas militares e numerosas fotografias.

• • •

O REFUGIO SUBLIME, versos de Faustino Nascimento — Zélio Valverde — Rio de Janeiro, 1945.



Depois dos *Ritmos do Novo Continente* nos dá o Sr. Faustino Nascimento *O Refúgio Sublime*, em que o rico sentimento do poeta e os recursos esmerados do artista de todo se confirmam ou ainda mais vitoriosamente se assinalam. A sua fidelidade à doutrina da elevação espiritual e das formas puras dá-lhe lugar de fidalgo destaque entre os que se opõem à balbúrdia dos modernizadores sem inspiração, falsos cultores da imagem e do ritmo, para quem o abandono ou a ignorância dos preceitos significa talento e a extravagância ou a baixeza de vocábulos quer dizer originalidade. Felizmente, o surto que se arrogava fóros de renovador e não passava de iconoclasta parece prestes a terminar. Durante algum tempo se diria que só as obras desse caráter davam aos autores a impressão de valer a pena publicá-las... Mas o seu número tem evidentemente diminuído, ao passo que surgem novos poetas, dos autênticos, os quais, no dizer definitivo do Sr. Guilherme de Almeida, em verdade fazem versos; e alguns nobres rimadores que, por uma crise da inteligência e do gosto, por simples divertimento ou mera experiência, se haviam afastado do crêdo primitivo, a ele voltaram, certamente arrependidos e mais devotos que nunca.

O Sr. Faustino Nascimento consagra ao ideal dominante n' *O Refúgio Sublime* as três primeiras páginas do volume. Porque o espaço concedido a estas notícias nos não permite reproduzir todo o poema, limitar-nos-emos à última parte:

Se ao teu mundo interior
Chegar, um dia,
O espectro do pesar,
Trazendo, em seu cortejo aterrador,
Uma pesada algema
Para te aprisionar:
Ante visão tão trágica e sombria
Foge e busca no amor, na arte pura ou num poema,
O REFUGIO SUBLIME...
— O amor, como a poesia e como a arte suprema,
Com o seu sagrado enlêvo os corações redime...
— A arte, a Poesia, o Amor!...
Eis a decifração
Do angustioso problema!...
— Num desses três recantos de esplendor
Hás-de sempre encontrar uma consolação!...

J. L.

• • •

CARTA ECONOMICA DE TERESOPOLIS — Recebemos um exemplar da Carta Econômica de Teresopolis contendo a resolução da Conferência das Classes Produtoras realizada naquela cidade em Maio do corrente ano.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Hemorróidas e Varizes

Tratamento sem operação

Para varizes (nas pernas) e hemorróidas internas, use via bucal. Para hemorróidas externas, use a pomada e tome juntamente o líquido. Não encontrando em Farmácias e Droguarias, peça para a Caixa Postal 1874 — São Paulo.

Hemo-Virtus

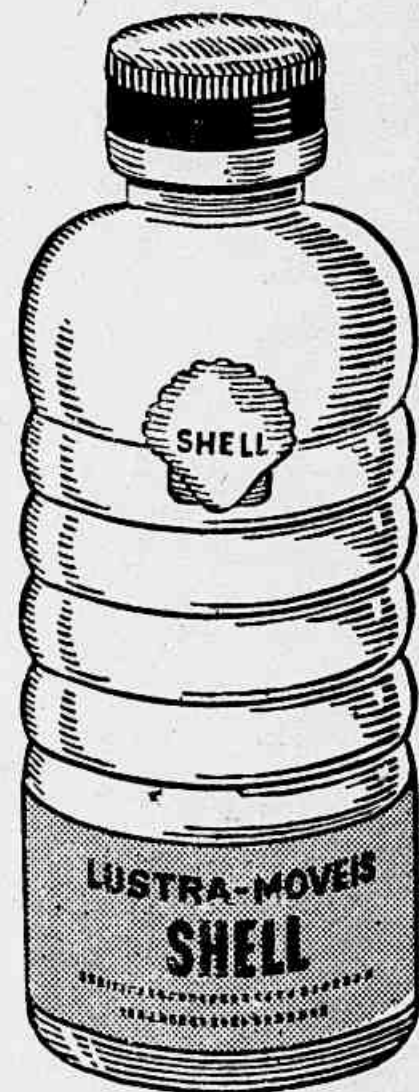
PETTINATI



CONSERVE SEUS MOVEIS
Sempre Novos

COM

LUSTRA-MOVEIS SHELL



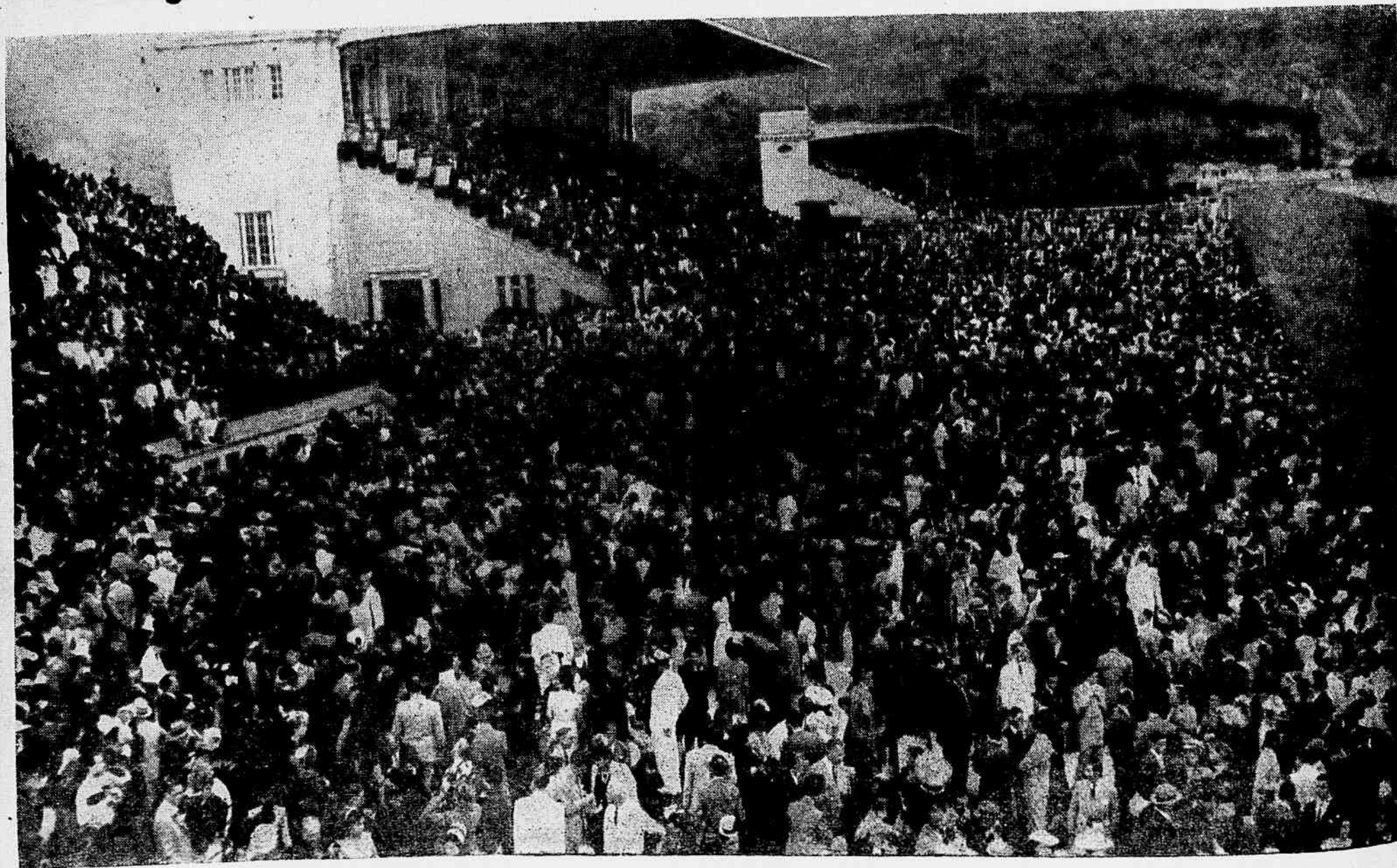
LIMPA - LUSTRA - PROTEGE

ANGLO-MEXICAN PETRÓLEUM COMPANY LTD
PRODUTOS DE PETRÓLEO



Jockey Club Mundano

ECOS DO "SWEEPSTAKE" — Apresentamos nesta página alguns aspectos fotográficos do "meeting" turfístico que assinalou a realização do "Sweepstake" de 1945. O "Grande Prêmio Brasil", alcançado por Filon, habilmente pilotado pelo jockey uruguaio Irinao Leguisamo, foi disputadíssimo, concorrendo ao mesmo um dos melhores grupos de parceiros nacionais e estrangeiros que já se conseguiu reunir na disputa dessa prova. Em baixo, um apanhado fotográfico de parte da numerosa assistência que acompanhou o desenrolar da grande prova. Ao alto, dois instantâneos colhidos na "pelouse".



Encontro

(Continuação da pág. 34)

— A senhora acha que eu sou lobo?

Pés doridos?

Este sofrimento se reflete nas rugas de seu rosto!



Obtenha alívio imediato com um Remédio ou Aplicação do Dr. Scholl! Custo reduzido.

Faces sulcadas pela dor; indisposição; nervos cansados; fadiga; falta de energia; menor capacidade de trabalho — estes são apenas alguns dos resultados nocivos que pode causar um mal nos pés. Liberte-se deste sofrimento! O Dr. Wm. M. Scholl, famoso cientista e autoridade em males dos pés, criou um remédio, uma aplicação ou um Suporte de Arco para o alívio de cada mal-estar nos pés. A venda nas drogarias, sapatarias, perfumarias e várias outras lojas em todo o mundo. Seu custo é reduzido. Procure a marca Dr. Scholl.

ARCOS DÉBEIS

Foot-Easer Dr. Scholl e exercícios apropriados aliviam o cansaço, pés doloridos, dores nos pés e nas pernas, quando devidos aos arcos fracos ou caídos.



CALOS DORES NOS DEDOS

Os Zino-pads Dr. Scholl aliviam imediatamente os calos, eliminando a pressão do calçado. Macios e acolchoados, impedem a formação de calos e bolhas d'água.



CALOSIDADES

Os Zino-pads Dr. Scholl, em tamanho especial para calosidades, aliviam a dor, suavizam a pressão sobre o ponto dolorido. Despreendem, rapidamente, e extirpam as calosidades.



JOANETES

Os Zino-pads Dr. Scholl, tamanho especial para joanetes, protegem as articulações sensíveis e dilatadas, eliminando a pressão do calçado.



PÉS QUENTES E CANSADOS

O Bálsamo Pétrico Dr. Scholl dá alívio imediato, eliminando a ardência e o cansaço dos pés muito doloridos.



JOANETES

O Redutor de Joanetes Dr. Scholl, de borracha macia, elimina a dor causada pela pressão do calçado, corrigindo-lhe a deformação e mantendo sua forma.



UNHAS ENCRAVADAS

O Onixol Dr. Scholl é excelente contra o sofrimento causado pelas unhas encravadas. Suave emoliente, permite que as partes inflamadas sejam removidas.



Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

SUPORTES DE ARCO-REMÉDIOS-CALÇADOS

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFÔRTO DOS PÉS

RUA SÃO JOSE, 114 - RIO
RUA AROUCHE, 71 - SÃO PAULO

— Não sei. O que você parece é um grande tolo. Agora arranhe-se.

— Mas mamãe, se a senhora quisesse...

— Não me meta nas suas aventuras...

— Mas isso não é aventura. Eu quero casar com ela...

A mãe deu um muchocho.

— Hum...

— Sério.

— Bem, eu vou falar com ela.

— E assim foi, minha filha. Você queria um jogador. Ele arranjou um jogador para você: ele mesmo. Você errou na psicologia, mas acertou no rapaz. Não é por ser meu filho, mas ele é bonzinho...

— Mas...

— Não há mas nem meio mas...

— Mas eu pensava que ele...

— Eu sei o que você pensava. Mas de qualquer forma estavam noivos, não é?

— Mas era diferente. Ele precisava de mim. Era fraco, jogador. Eu quis ajudá-lo, curá-lo. Ele precisava de amparo, auxílio...

— Quer me dizer com isso que ficou noiva de um rapaz de quem não gostava, só por piedade? Para curá-lo!

— Não...

— Então confessa que o ama...

— Mas...

— Issa. Essas moças de hoje são indecisas.

— Bem...

A mãe dele não esperou mais:

— Menino! Venha cá. Essa



aqui está precisando de um pouco de persuasão...

Ele veio sorrindo, um pouco envergonhado.

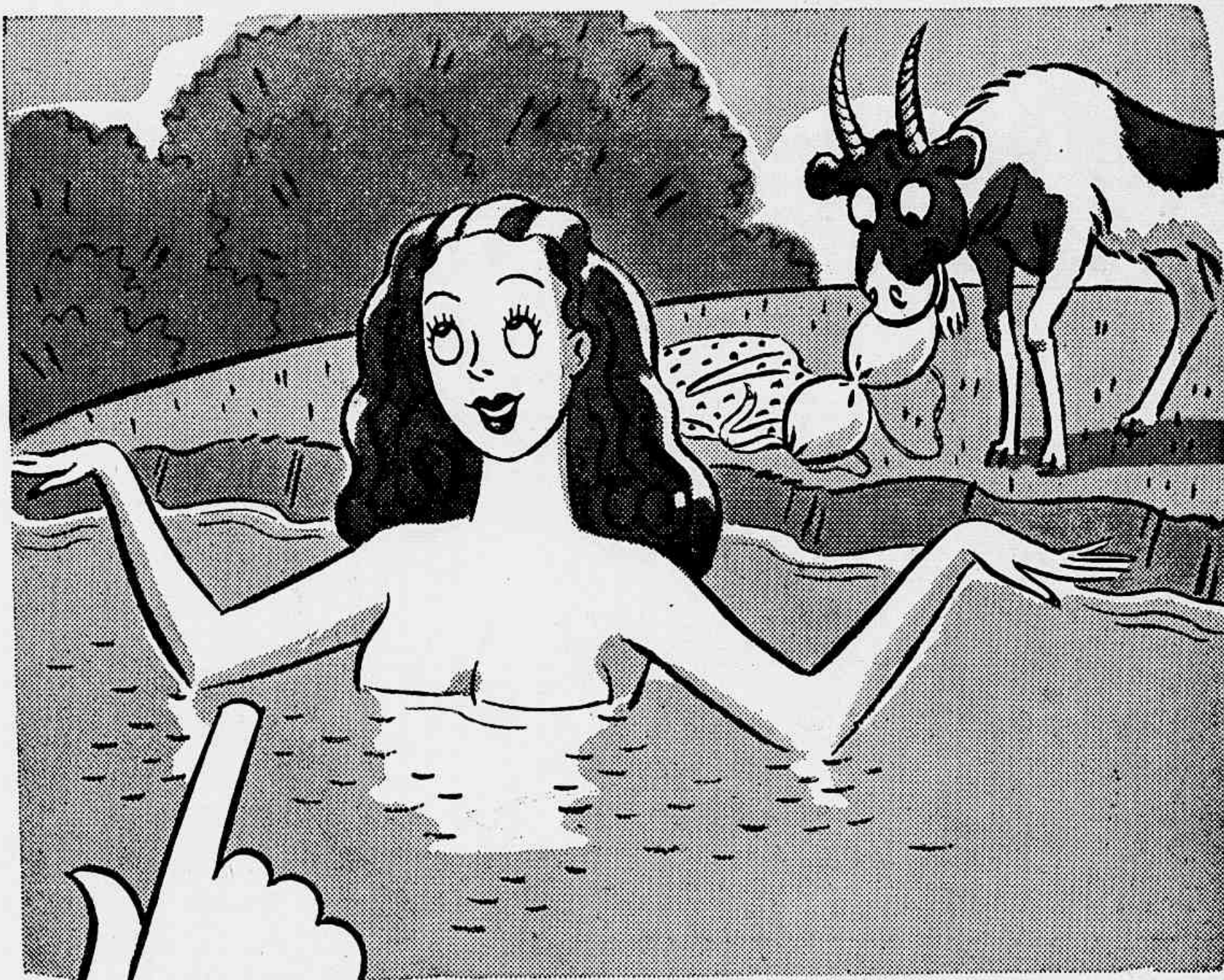
— Então? — disse a velha.

A romancista não sabia o que responder. Na falta de coisa melhor para dizer, começou:

— Bem...

E a experiência da vida da velha deduziu:

— Tudo resolvido.



*Você não sabe
o que está perdendo...*

...não tomando às refeições

MALZBIER da BRAHMA



Isso mesmo! Não calcula o que perde em sabor e energias! Principalmente se sua mesa carece de algum alimento indispensável! Graças à sua riqueza em malte, Malzbier da Brahma, além de ser uma delícia, é ainda altamente nutritiva. Ligeiramente doce, de baixo teor alcoólico, aí está a cerveja do lar. Prefira-a para redobrar o valor e prazer das refeições.

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA



Apenas um lembrete
de que a adorável fragrância
de Lavender de Yardley
voltará com a paz

Yardley
de Londres

FRONTO SOL
ANTICULAS
De Alta Qualidade
FRAZ DE LINDO BRONZADO
NATURAL
A VERDADE DA TUA A PARTIR

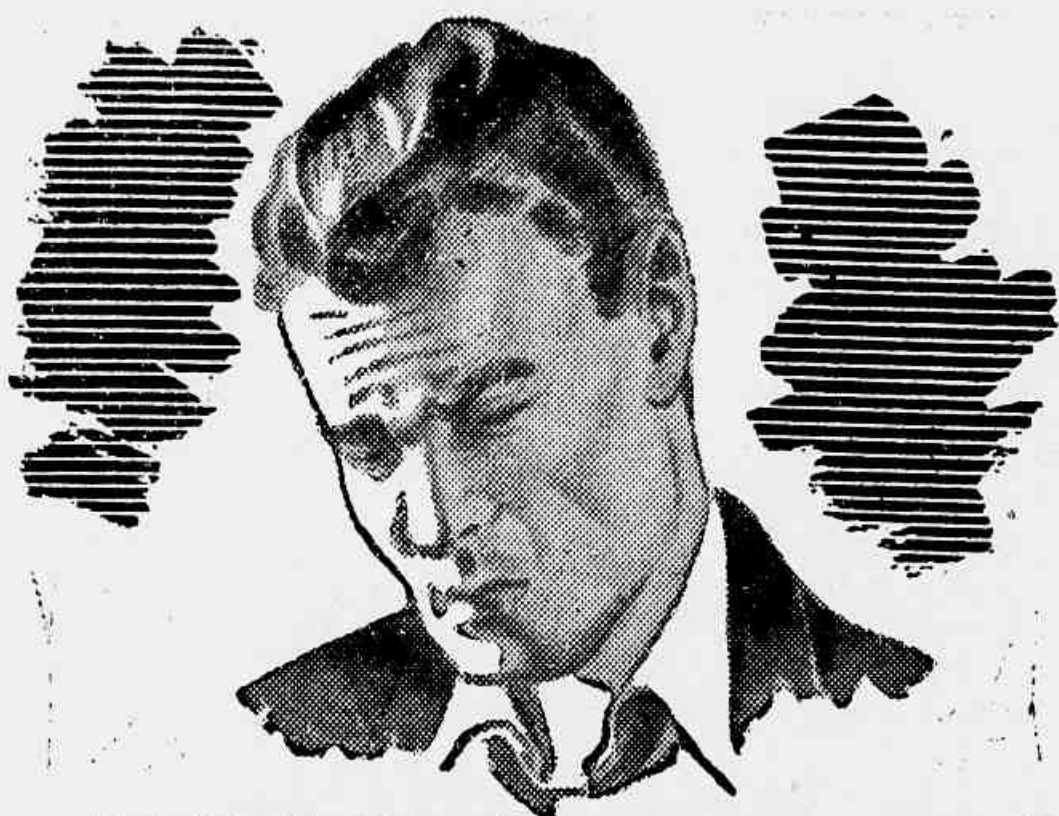
Labores Inconfundíveis
Exatidão Dura
Atendimento:
Rua Pin. 11-114. 7. 2-300
ALCO - LUCAS

Aqui estão tres esplendidos modelos para as festas de gala, as grandes bailes, os jantares no casino. O primeiro à esquerda é um modelo para as criaturas bastante jovens, em crepe "pé-perle" e tule, enfeitado com lantejoulas. O segundo, em seda roxa, adornado com quatro botões de "crass". O terceiro, em crepe azul burguesa, se destaca por um original recorte da blusa.



**VESTIDOS
DE GALA**

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE ORFÈRE
FABRICA DE RECEPTAS MEDICAS COM ELABORACAO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA 11-114
Joaquim
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4890 - RIO
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



INTOXICADO!

Todo o seu organismo envenena-se com as toxinas produzidas pela

PRISÃO de VENTRE

Qualquer médico lhe confirmará que a prisão de ventre é a causa de uma infinidade de distúrbios, porque o homem ou mulher, vítima da Prisão de Ventre é uma pessoa intoxicada. Os resíduos alimentares, privados de uma eliminação normal e diária, entopem os intestinos e intoxicam o organismo, roubando ao corpo sua vitalidade e resistência. As Pilulas Aloicas, na prisão de ventre, mesmo nos casos rebeldes, proporcionam resultados satisfatórios.

A Prisão de Ventre
Mina e Destroi sua Vitalidade
Arruína sua Força e Saúde
Rouba sua Personalidade
Antecipa a Velhice

PILULAS

ALOICAS

1 Laxante
2 Purgante

UM LAPIS

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 23)

— Com certeza foi correndo procurar refúgio debaixo da sala da mãe — disse O'Malley rindo. Depois noutro tom, prosseguiu:

— Mãos à obra. Peritos. Que descobriram?

— Nada de impressões digitais — disse um dos auxiliares.

— Hum... Fotografaram tudo?

— Sim, senhor — respondeu outro.

— Mandaram chamar o médico legista?

— Já...

— Bem, então sumam-se. Quero os relatórios mais tarde.

Ficaram sós no salão, com o cadáver de Shelt, O'Malley e Martin.

— Bem, Martin, agora conte-me tudo o que sabe a respeito deste velho.

— Pouca coisa. Não conhecia...

— Mas você não é vigia aqui há muitos anos?

— Quinze anos, para ser exato; entretanto nunca o tinha visto. Isto é, talvez o tenha avistado, mas não se podia dizer que o conhecesse. É uma dessas coincidências que o destino tem a mania de armar para nosso espanto.

O'Malley não sabia dos comentários que tinham sido feitos por uma moça que vendia cigarros, mas teve vontade de exclamar:

— Filosofia diante de um cadáver?

Não disse nada, entretanto.

— Bem. Mas sabe alguma coisa da vida dele?

— Só sei que ele vivia sosinho e que saía muito à noite, quando eu não estou de serviço. Trabalhando de manhã, como o senhor sabe.

— Sim. E sabe onde ele ia? Que lugares costumava frequentar?

— O "groom" me disse que ele costumava frequentar cafés onde se reúnem literatos e conversava com eles. Muitos o conheciam.

— Só isso é que você sabe?

— Sinto muito se não posso ser mais prestimoso, mas o fato é que, como disse pouco sabia do velho, exceto que era, como todos dizem, um velho "esquisito".

★

— Quem é Geoffrey Wilmot?

Curt levantou os olhos do trabalho e perguntou espantado:

— Pode me dizer, primeiro quem é o senhor?

O'Malley mostrou-lhe o distintivo.

— Da polícia, hein? — comentou Curt.

— Sente-se.

— Obrigado. Quem é Wilmot?

— Meu sócio. Por que pergunta?

— Havia uma nota em cima da mesa de Shelt. "Procurar Wilmot e Curt".

— Deve ter sido a nota para o nosso encontro ontem à tarde.

— Já sei de tudo a esse respeito.

— Mas talvez não saiba de um fato curioso.

— Qual?

— Shelt me telefonou ontem à noite, dizendo que queria falar comigo urgentemente. Ao chegar em casa recebi o recado e toquei para ele, porém não obtive resposta. Pensei que saíra e resolvi telefonar hoje pela manhã.

— Tomarei nota disso. Quero ver Wilmot agora. Mas, antes disso, uma pergunta: pode me dizer onde esteve ontem à noite?

— Em minha casa.

— Tem testemunhas?

— Infelizmente, não. Era dia de saída dos criados, e minha mulher foi a um baile com uns amigos. Chegou de madrugada.

— Bem. Chame seu sócio.

Wilmot recusou-se a falar.

— Quero saber somente o que fez esta noite — pede O'Malley com boas maneiras.

— E eu lhe digo que nada tem a ver com isso.

— O senhor sabe que eu posso descobrir os seus movimentos, se quiser me dar ao trabalho de investigar.

— Isso é o senhor que tem que decidir.

Quando O'Malley saiu, Wilmot foi para o seu escritório e tomando o telefone discou um número:

— Alô, Jean? Cuidado. Estão nos vigiando.

— Que houve?

— Explico depois. Não tente procurar-me.

— Está bem.

Wilmot desligou aliviado.

Porém a chamada tinha sido ouvida, porque a polícia tinha manifestado à telefonista a sua curiosidade a respeito das telefonemas que partissem dos escritórios de Wilmot e Curt...

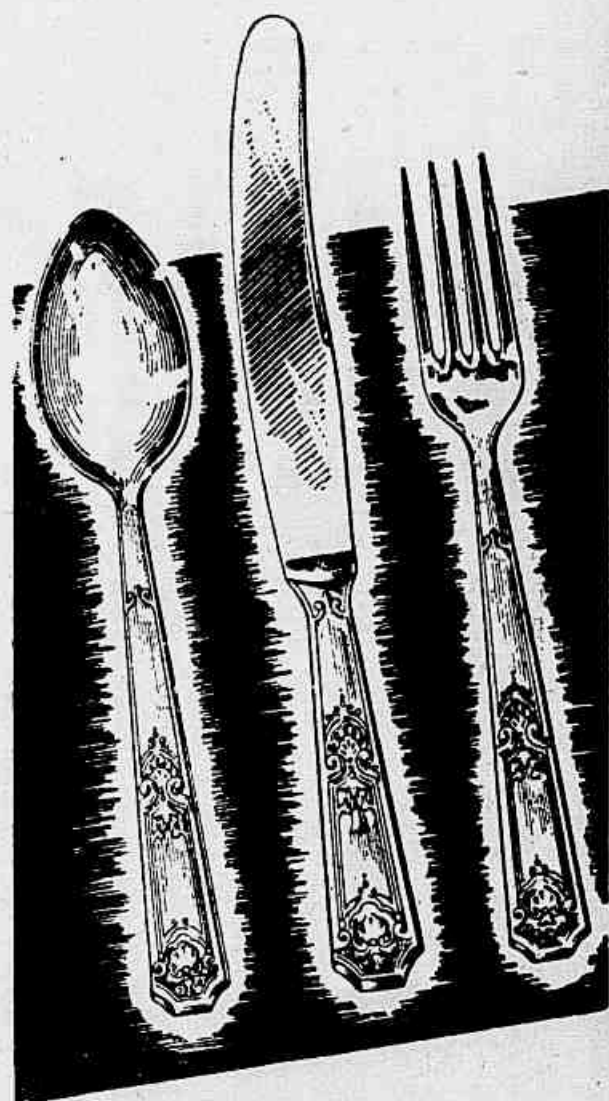
★

Mais uma vez no apartamento de Shelt, O'Malley examinava os móveis e tomava notas no seu caderninho.

(CONTINUA NA PAG. 51)



Silvo
limpa e lustra
sem "riscar"
a prataria!



Que Dôres
De Cabeça!

As dores de cabeça e nevralgias acalmam-se e aliviam-se friccionando as fontes e a testa com Mentholatium. Sentirá logo uma agradável sensação de frescura e bem estar. Insista sempre no legítimo



MENTHOLATUM

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto? O que lhe falta é um bom Tônico reconstituente.

Tome NUTROFOSFAN e ficará satisfeito. NUTROFOSFAN nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAÚDE.



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 45 - 5º. - São Paulo

Nome.....

Rua.....

Cidade..... Estado.....

R.S.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

— Se duvida, pode perguntar ao Sérgio, que me conheceu menina.

Por que duvidar? Já eu me ausentava mentalmente da companhia, para ver apenas o romance ditoso de Sara e Jorge. Mais de uma vez os surpreendi de mão dadas, como amantes da véspera. E eu pensava na imperfeição da vida, que um dia poria um fim àquele idílio exemplar.

Quando voltei a mim da abstração, os convivas falavam de paixão e ciúme. Citavam-se exemplos, contavam-se tragédias.

Com desenvolvida vaidade, Sérgio apontou Ruth como um terrível modelo de ciúme. Fei uma revelação! Ninguém havia desconfiado... E os olhos dela pousaram demoradamente nos olhos de Paulo Artur.

Althemir, mal educado e "gaffeur", disse, a rir, que toda a gente sabia ser Sara a rainha do ciúme.

Ela teve um encantador mover dos ombros nus, e depois, pausadamente, repetiu a frase célebre:

— Sou ciumenta porque amo. Farei a Jorge a última cena no dia em que tiver a certeza de que ele me engana. Todas as mulheres olharam Jorge como se se ofereces-

sem para colaborar na certeza a que Sara havia aludido. Mas Jorge atraiu a amante aos lábios e beijou-a nos cabelos.

E eu, ainda uma vez, perguntei a mim mesmo que grande ameaça encerraria aquela frase.

Lenta, em distensões moles de arcos, a orquestra principiou a valsa de Barthelemy:

"Ô mon amour, je te veux,
Pardonnant les tourments, que j'endure..."

Não sei de onde veio a minha horrível tentação. Certamente Mefistóteles me sopra ao ouvido ou se desmanchava em ouro líquido na taça por onde eu bebia.

Continua na pág. 49.



Saber conversar é um dos maiores encantos da Mulher...

A ELEGÂNCIA, a beleza, o "charm", são dotes preciosos para o sucesso social... Mas, para que eles brilhem em sua plenitude, para que a aproximação os torne ainda mais sedutores, é necessário que possua esse cativante dote do espírito que é — **saber conversar...**

Um dito oportuno, uma citação inteligente, é uma arma social do mais alto valor. E esta arma encontrará mensalmente nas páginas de Seleções.

Reunindo matéria agradável, informando sobre o que de mais importante se passa no mundo, Seleções é um verdadeiro espelho da vida universal. Lendo Seleções, jamais lhe faltará assunto para dar a suas palestras o encanto de saber conversar.



SELEÇÕES é lida pelas pessoas bem informadas em todo o mundo!



ELEANOR ROOSEVELT, esposa do grande presidente americano, diz: "A leitura do Reader's Digest é uma alegria, precisamente porque nele encontramos, condensada, uma variedade de assuntos capazes de estimular nosso intelecto, sob vários aspectos".



HENRY FORD, o gênio da indústria automobilística e autor de vários livros, diz: "Todos os meses espero com prazer a saída do Reader's Digest e há duas coisas que encontro sempre em seus artigos: interpretação sobre o presente, e indicações sobre o futuro".



EVA CURIE, a eminente biógrafa, filha ilustre de uma mãe ilustre, diz: "É um feliz augúrio que as edições internacionais de Seleções tenham sido recebidas tão entusiasmaticamente e faço votos que, em breve, sejam lidas em todas as principais línguas do universo."

SELEÇÕES publica, mensalmente, os melhores artigos de 500 revistas e o resumo de um livro famoso!

Representante Geral no Brasil: FERNANDO CHINAGLIA — Rua do Registo, 55-A — 2º andar — Rio de Janeiro

DE HOMEM A HOMEM!

**DEIXE DE PESSIMISMO
RAPAZ, FAÇA COMO EU.**



Tenho mais de 60 anos e desde que comecei a usar as Pilulas Maratú, sinto-me cada vez mais jovem. Este poderoso tônico nervino é composto de duas plantas brasileiras: a Catuba e a Marapuma (Acanthopanax viridis). Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos indígenas que usavam-nas como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Elas lhe restituirão o entusiasmo perdido, proporcionando-lhe uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Experimente-as e verá. As Pilulas Maratú são licenciadas pela Saúde Pública como tônico nervino, no tratamento da astenia neuro-muscular e suas manifestações.

**PILULAS
MARATÚ**

O SEGREDO DA MOCIDADE

VANDER

À BUSCA DA FELICIDADE

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do prof. Austregésilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram do homem o mais precioso dos bens, que é o sossego do espírito.

Benal encontra-se em todas as Drogarias.

KOLYNOS ILUMINA O SEU SORRISO...



PORQUE
DA SAÚDE
À BOCA!

Um sorriso saudável é o resultado da saúde geral do organismo. Um centímetro de Kolynos na escova seca lhe proporciona este sorriso, não somente porque limpa os dentes, mas porque combate a proliferação das bactérias que provocam muitas molestias infecciosas. A concentração de Kolynos e a ausência de água na sua composição o tornam um germicida poderoso e de efeito mais duradouro

E... como é agradável usar Kolynos! A sua espuma benéfica atinge todos os recantos da boca, as gengivas e a garganta, levando a todo o aparelho bucal uma sensação de frescor que comprova a ação total de Kolynos.

Não é em vão que mais dentistas e mais famílias usam e recomendam este creme dental realmente benéfico, que custa muito menos porque rende muito mais.

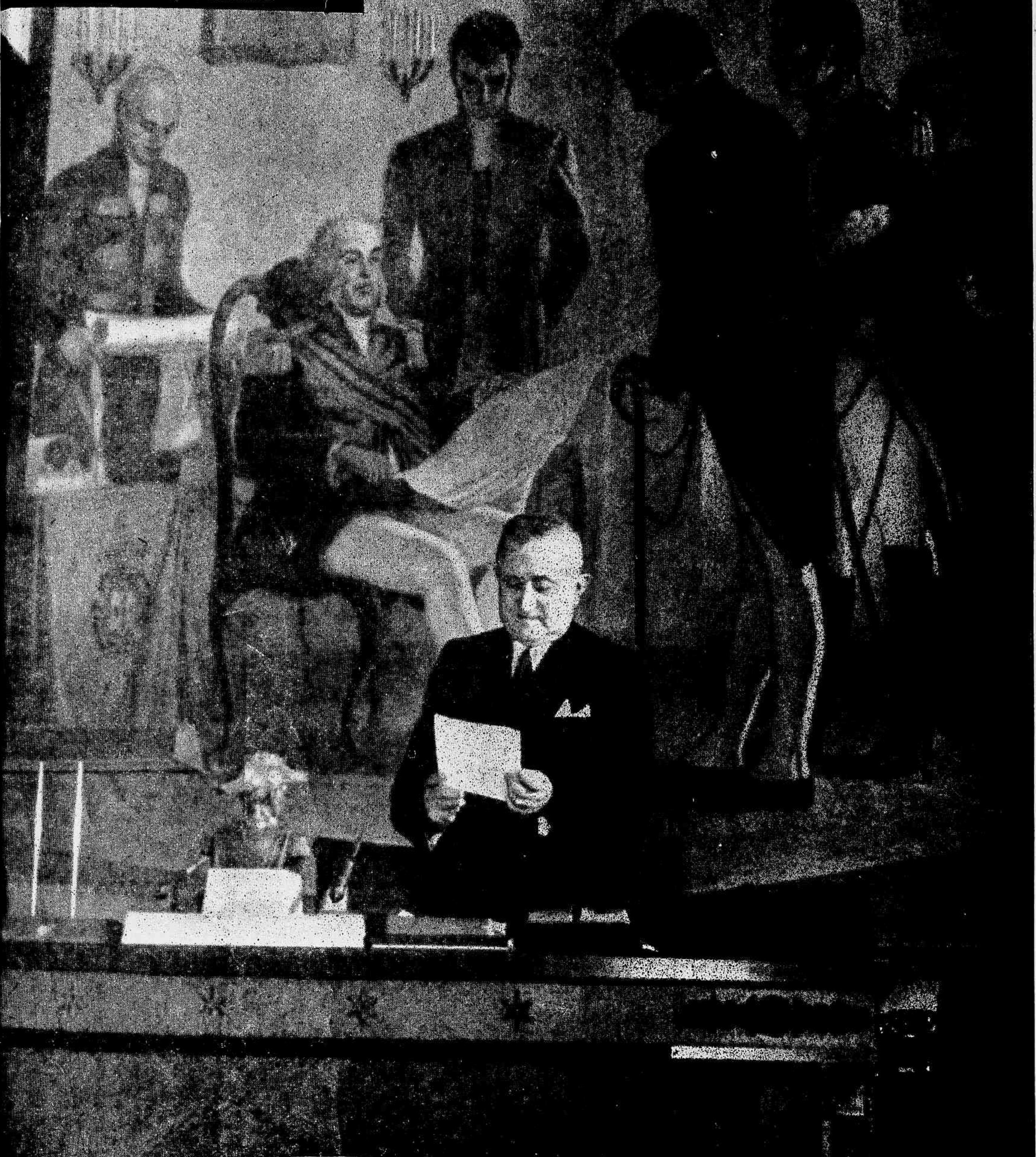


Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

ILUMINE seu sorriso
usando o CREME
DENTAL
ANTISSÉPTICO!

* Ouça na Rádio Nacional, às 2.ªs feiras
às 21,35 o Rádio Almanaque Kolynos.

O sr. Eurico Gaspar Dutra sempre soube encarnar as mais puras tradições do Exército brasileiro. Soldado, na mais completa expressão da palavra, ele não perdeu, porém, os traços característicos das verdadeiras personalidades, a simplicidade, a modéstia, a bondade.



EURICO GASPAR DUTRA

CANDIDATO À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

UM dos candidatos à suprema reção do País, é o sr. Eurico Gaspar Dutra. A história da sua candidatura porém ainda não foi devidamente contada. É indispensável que a opinião pública seja amplamente informada das razões, das origens, das circunstâncias em que foi levantada pelas principais forças políticas de todos os Estados, o nome deste brasileiro impoluto e os motivos que levaram o sr. Eurico Gaspar Dutra a aceitar esta indicação. Só assim se poderá pronunciar com segurança a respeito deste acontecimento de inegável significação para o futuro da nacionalidade.

Eis por que deliberamos fazer esta reportagem, com que estamos certos de cumprir um dever para com seus leitores.

O sr. Eurico Gaspar Dutra é um militar de raça. Voltado inteiramente para a sua missão de soldado, ele se tem ocupado até aqui de servir, engrandecer e aperfeiçoar o Exército brasileiro.

Não é pequena esta tarefa e, ao contrário, ela só tem avultado, quando se trata de um soldado da tempera de um administrador do calibre do sr. Eurico Gaspar Dutra. Grande trabalhador, ele começa o seu dia invariavelmente em plena madrugada, quando muitos de nós ainda dormimos. Organizado, metódico, dotado de grande resistência, pela observância intransigente de uma vida frugal e sadia, seu trabalho é altamente produtivo.

Ainda agora todo o Brasil recolhe as glórias e os benefícios conquistados para o País pelas Forças Expedicionárias Brasileiras.

Certo não se dirá que estes feitos gloriosos são obra exclusivamente sua. Mas o sr. Eurico Gaspar Dutra, chefe do Exército brasileiro, foi inegavelmente quem soube coordenar a equipe de técnicos e administradores, quem soube animar e prestigiar as verdadeiras capacidades, quem soube derrocar as grandes dificuldades, possibilitando assim a construção do magnífico instrumento militar, que tão bem se houve em confronto com os melhores exércitos do mundo.

Mas não foram estes serviços excepcionais, do soldado ao seu País, que determinaram a indicação do nome do sr. Eurico Gaspar Dutra para candidato à Presidência da República. Esta indicação foi um imperativo de suas qualidades de cidadão, qualidades públicas e privadas, de homem e de administrador, revelada com firmeza e sem alarde, no curso de toda uma existência que fizeram avultar aos olhos da Nação esta figura singular do momento político brasileiro.

Chefe de família exemplar, bom filho, bom marido, bom pai, o sr. Eurico Gaspar Dutra exerce com acerto o seu papel no seio da sociedade.

O seu dia de trabalho começa quando muitos de nós ainda dormimos. Graças a uma vida frugal e sadia e inspirada no bem da Pátria, ele enfrenta com firme disposição suas tarefas cotidianas.





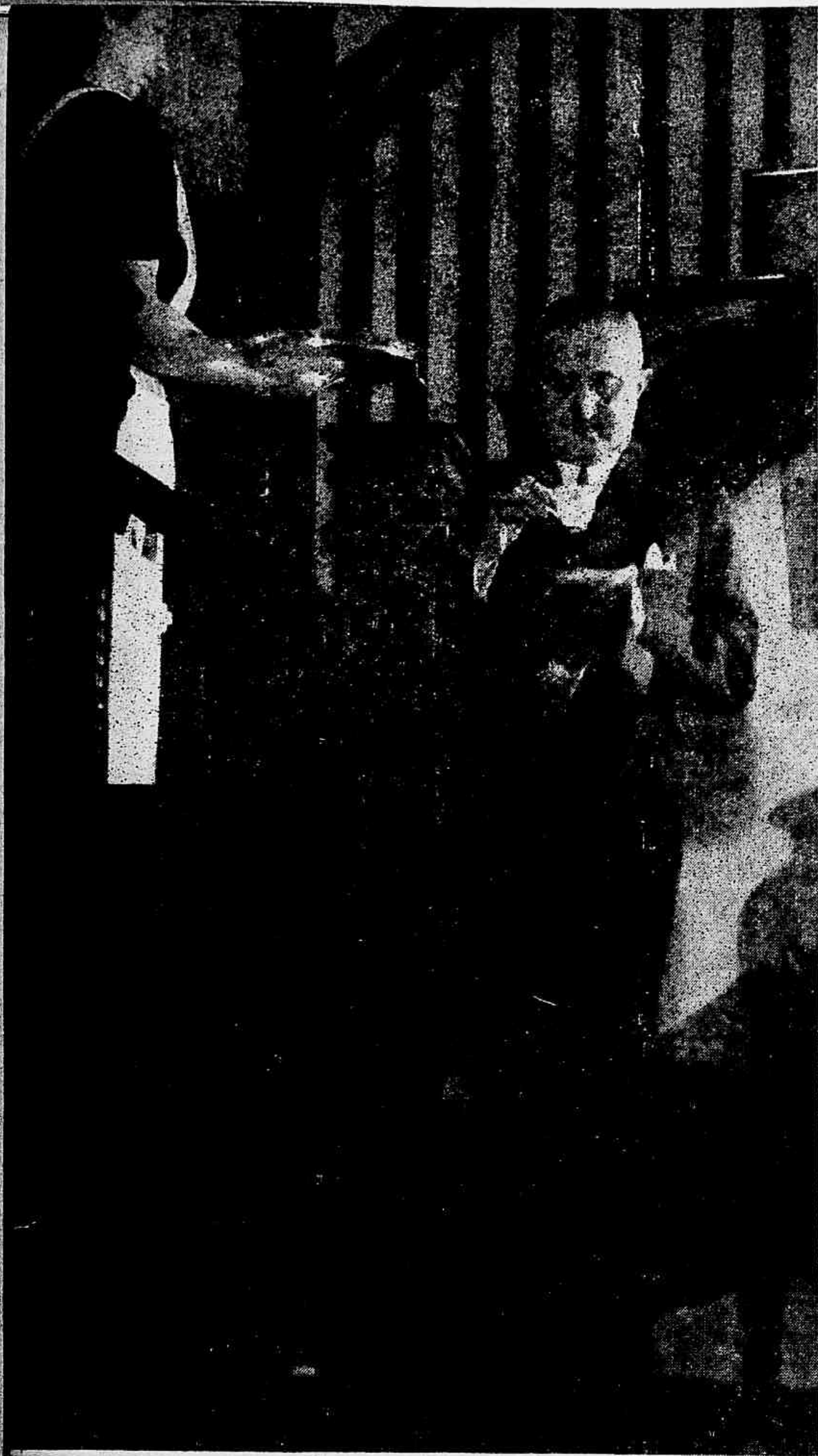
No seu posto, no Ministério da Guerra, ele sempre encontrou energias para superar todas as dificuldades. Sereno, equilibrado, mas tenaz, as questões mais intrincadas e complexas sempre tiveram solução em suas mãos.

Homem simples, modesto, atencioso, ele sabe ouvir, examinar todos os problemas. Trabalhador infatigável,

idealista, patriota, ele vai ao fundo das questões, medindo-as pelo critério do bem da Pátria. Administrador equili-

brado, ele foi o reorganizador do exército do seu País.

O homem e o administrador, com



À ESQUERDA — Como bom brasileiro, o sr. Eurico Dutra não dispensa o cafezinho, produto básico da nossa economia. Quem tanto o aprecia deve saber como cuidar dele. À DIREITA — Em casa, o sr. Eurico Dutra aproveita de forma produtiva o seu tempo, estudando assuntos de interesse para o País, acompanhando os problemas nacionais.

suas qualidades típicas, foi o que en-
contraram, no sr. Eurico Gaspar Dutra,
o Partido Social Democrático e as gran-
des forças políticas de todos os Estados
do Brasil.

A Convenção Nacional do Partido
realizada no mês passado, nesta capi-
tal, deu organização definitiva a esta
agremiação política e aprovou o pro-
grama que o Partido defenderá. Neste
programa inscrevem-se propósitos
grandes e patrióticos empreendimentos.
É evidente que para a realização de
tão grandes tarefas, um homem como
o sr. Eurico Gaspar Dutra está perfeito-
mente talhado. Daí o entusiasmo com
que todos abraçaram a sua candidatura.

O sr. Eurico Gaspar Dutra, um administrador que se ad-
aptou com a reorganização do Exército e a formação da
Força Expedicionária Brasileira, e a quem o Partido Social
Democrático vai confiar os destinos do Brasil.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



A última cena

Continuação da pág. 45.

Disse os primeiros versos do canto, seguindo os ziganos e a encarar perversamente Jorge. Sara olhava-me com os seus grandes olhos azuis. Ao fim da primeira estrofe, sem tirar os olhos de Jorge, exclamei:

— Jorge, lembras-te?

Não havia do que lembrar-se. Mas, sem decerto saber por que, Jorge sorriu e confirmou:

— "Como no"?

Sara empalideceu.

Exclamei:

— Felizardo!

E ela, com a voz alterada, ainda procurando dominar-se:

— Felizardo? Antes, egcista...

Alguém indagou:

E Sara:

— Por que não conta as suas felicidades.

— Tinha graça contá-las! — disse eu, fugindo com os olhos.

— Um dos dois vai contar! — gritou a grande Sara, imperiosamente.

A galeria não lhe diminuía o ímpeto. Ela pensava que os seus sentimentos deviam andar ao sol e não compreendia que uma cena em público pudesse ser um ridículo. Sara de Toledo era natureza dos pés à cabeça.

— E' uma história que já passou — murmurei.

Sorri nova taça de "champagne" para confirmar a impressão de embriaguez que eu queria dar. E depois:

— Águas passadas...

Mostrava-me enleado, como arrependido já da minha indiscreção. Agora compreendia a força que me havia tentado. O que eu queria era descobrir a ameaça terrível que Sara prometia na sua última cena. E eu forçava essa explosão decida-

siva da sua alma, infinitamente amante. Depois, terminada a experiência, eu saberia recompor a tranquila ventura de Jorge.

E a última cena vinha aí, rápida e violenta, como a enchente de um rio.

— Águas passadas? — interrogeu Sara. — Desde quando?

— Há três meses, a correnteza lá vai... E, fazendo um gesto de tenor, cantei com música:

"Ó mon amour, je te veux..."

Ela ergueu-se, grande e bela. Os convivas estavam atônitos. Um mais indignado sussurrou:

— Está bêbedo!

Eu assistia ao desenvolvimento da mi-

Continua na pág. 58.

★ Água de Colônia
★ Brilhantina
★ Extrato
★ Loção
★ Óleo perfumado
★ Pó de Arroz
★ Sabonete

Perfume
Organdy
de **BAZIN**

Obra prima da perfumaria!

A VENDA EM TODO O BRASIL

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperidades e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

P. Ferraz

Lábios ARDENTES... FACES AVELUDADAS...

O desejo de toda mulher cuidadosa, é manter-se atraente, apresentando uma cutis bem tratada. Realize esse ideal, usando os produtos de Mme. GRAÇA, criados para as mulheres de fino trato. Para limpar a cutis, eliminando sardas e manchas, use o ÓLEO DE VIOLETAS, que torna a sua face aveludada. Ao deitar-se, aplique o CREME ANTI-RUGAS, que enrijece a pele, dando-lhe uma aparência juvenil, eliminando as rugas e a flacidez. Aos seus lábios, o BATON SEMARAP dá um encanto duradouro e uma tonalidade ardente... Use os produtos de Mme. GRAÇA, indispensáveis aos cuidados da beleza feminina.



- Rouge
- Pé de Arroz
- Loção Acnea
- Adstringente
- Balsemo Branco

Catálogo gratis pelo Correio

Distribuidores Gerais: ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃO • Rua da Alfândega, 181 - RIO



Veja Publicidade

Os distúrbios sexuais na mulher e o seu tratamento moderno

Data de 1933 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo as primeiras dráguas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral. "PANSEXOL" feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo
Remetemos pelo reembolso Postal
Cr\$ 25,00 o vidro

Produtos PANVITAL - Rua da Estrela, 1
RIO DE JANEIRO

Mmes. EVA e SYLVIA no seu Instituto de Beleza

— Insc. S. N. F. M. —
Rua Ouvidor, 138, 1.º — Tel. 42-8775

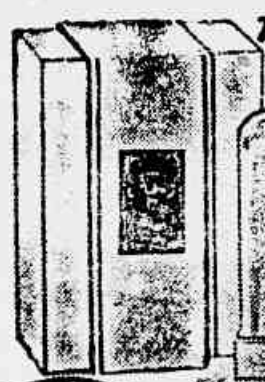
LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

DOIS MODELOS

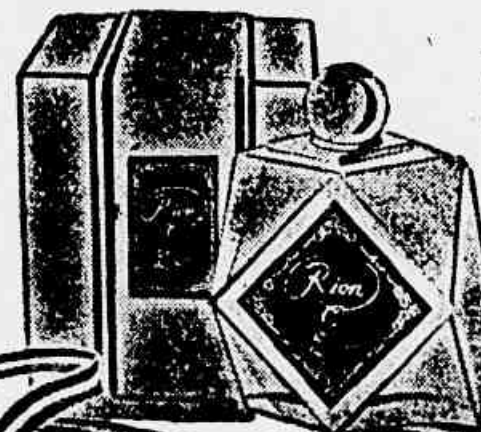
À esquerda — Lindo conjunto em lã escura. A blusa leva ao centro o bordado que segue a linha dos enfiados da saia, seguindo depois em linha circular pelas bordas dos dois bolsos superiores. À direita — Um modelo simples em cujo corte original e discreto tudo o encanto da elegância singular caracteriza a mulher perfeita.

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES

Rosa



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

Sempre em meu coração...

(Continuação da pág. 25)

Ouvindo esse nome, June faz:
— Wow! (Uau!).
E "fan" de Tyrone. E, como é natural, não gosta de Anabela.

— E' feia!
Gloria ri. Tiram o retrato juntas, as irmãs.

— Irmãs, em geral, brigam como cão e gato. Nós, não. Só raramente... para quebrar a monotonia...

Passeando pela avenida Atlântica com Gloria Warren, vamos passar, apressados, os "fans" da "estrela". Se eles soubessem quem ia ali...

No Casino, Gloria senta-se ao piano e acompanha a orquestra que está ensaiando um "swing".

— O que a música americana tem de irresistível é o ritmo...

E, para prová-lo, dança com o reporter. June instalou-se no palco e escreve uma longa carta — "a mamãe".

Gloria vem olhar por cima do ombro da irmã, fazendo sugestões.

June pergunta, ansiosa, ao reporter:

— Levarão a mal se eu informar à mãe de que a vida, no Rio, é mais cara que nos Estados Unidos?

Gloria voltou ao piano e vai iniciar o ensaio.

— Até breve — diz, despedindo-se, num português correto.

June tenta imitar Gloria, com um "até logo".

E ficam as duas, uma preparando-se para o espetáculo, a outra contando, com todas as minúcias, o que aconteceu, numa carta escrita em papel de um bloco imenso, espalhando folhas já escritas, em seu redor.

Beim no centro do palco, atrás das moças, um Buda contempla indiferente o espetáculo gracioso.

Reparámos nas duas cestas de flores que têm uma história interessante...

— Em Miami — explicara June — conhecemos dois oficiais australianos. Gloria ficou com um; o que sobrou ficou para mim. Dividimos fraternalmente...

Mas o fato é que ambos se lembraram da estreia de Gloria, apesar de termos passado somente dois dias juntos, e mandaram as flores, com os seus "best wishes". Agora elas adornam o Buda, uma de cada lado.

Um "fan" pediu a Gloria que lhe dedicasse uma fotografia com estas palavras: "always in my heart". Ela obedeceu, mas pôs a frase entre aspas, para evitar equívocos. Afirmou, porém, que quando se despedir do Brasil o levará "always in my heart". Sem aspas.

UM LAPIS

(Continuação da pág. 41)

— Mais alguma coisa? — perguntou Martin, que estava ao seu lado.

— Quería pedir-lhe um favor — respondeu O'Malley.

— As ordens.

— Preciso sair e não tenho no momento quem fique tomando conta do apartamento. Quer ficar aqui umas duas horas, enquanto vou fazer uma investigação importante?

— Pois não.

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traícoiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol.

Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

O QUE ACONTECEU

Primeiro eliminei os suspeitos. Wilmot nada tinha a ver com o caso. Sua recusa em responder era por outros motivos. Ele tinha tido um encontro na véspera com uma senhora casada e... Bem, isso não nos interessa. Restava Curt, Martin, o "groom", ou um estranho. O caso da

fechadura eliminou a ideia do estranho.

Francamente, um ladrão não se teria dado ao trabalho de arrombar tão ostensivamente um porta, quando era fácil entrar por uma janela. Quem teria um motivo para matar Shelt? O "groom" não tinha nem motivo nem coragem. Curt não tinha motivo. Mas Martin tinha. Investiguei a vida dele e verifiquei que precisava urgentemente de dinheiro.

Porém para ter certeza eu precisava de um estratagemma qualquer. Como? Ninguém o vira entrar ou sair. Ele apagara todas as impressões digitais. Que fiz eu? Tomei nota no meu caderno: "Talvez te-

nham esquecido de tirar as impressões digitais que possam existir em tal e qual lugar". Depois coloquei nesse lugar uma ponta de meu lápis-tinta que tive o trabalho de amassar até reduzir a pó. E espalhei-o em cada um desses lugares. A seguir pedi a Martin que ficasse no apartamento e "esqueci" as notas que tomara sobre a mesa. E ele, sendo o assassino, teria interesse em apagar as impressões. Em caso contrário, não. Ao chegar derramei água sobre as suas mãos. Elas se tingiram de vermelho, pois o pó do lápis-tinta se coloriu. O lenço dele também estava sujo com o mesmo pó...



Mme. Bastos, autora

SENHORA!

Torne-se independente com uma profissão honrosa e elegante!
ARTE DE CORTE E ALTA COSTURA. Estude pelo MÉTODO TÉCNICO DE MME. BASTOS, PROFESSOR SEM EXPLICADOR

podendo ser diplomada por correspondência, cumprindo as exigências que o referido livro lhe indica. Preço Cr\$ 500,00.

Pedidos à sede da Escola de Mme. Bastos, à praça Tiradentes, n.º 50, 1.º e 2.º andares.

Com **ESMALTE LALAQUE**
suas unhas
brilham como joias!



Nas cores:

- Branco
- Rosa natural
- Rosa rubra
- Rosa coral
- Rosa antigo
- Cardinal
- Ruby
- Cyclamen
- Grenat

ESMALTE
Lalaque

Protege e embeleza as unhas!
É econômico, de fácil
aplicação e muito duradouro.



A VENDA
EM TODO O BRASIL

se atinge; é a sensação do que possuímos mas não está conosco; é qualquer coisa que nos fará plenamente felizes mas não sabemos quando, onde e nem o que será. É uma espécie de intuição que penetra no segredo das esferas.

LUIZ — Bravos! Sim senhora! Que filosofia profunda e poética! Você é um amor de criatura, Heloisa. Como deve ser agradável a companhia permanente de uma mulher como você!

REGINA — Pois eu conheço um homem que já teve a companhia de uma mulher assim e passou por ela como quem passa por um tesouro ignorado.

LUIZ — Mas isto é uma cegueira muito comum entre os homens. Os homens em geral são uns desastrados. Na gula de atingir os frutos esmagam todo um jardim.

REGINA — E você tem certeza de que nunca esmagou uma florzinha? Que nunca deixou de enxergar as belezas de um coração?

LUIZ — Eu, Heloisa? Eu fui o maior dos criminosos, o maior dos egoístas. Mas tenho sido castigado. A vida se incumbiu de me castigar. E agora parece que chegou o momento máximo da minha punição. Talvez hoje mesmo aqui neste mirante, debaixo do olhar destas estrelas, aqui mesmo eu chegarei ao alto do meu calvário.

REGINA — Que é isto, Luiz? Que tem você? Como está exaltado! Você está ficando trágico! Assim eu vou-me embora. Assim você me assusta!

LUIZ — Pois bem, Heloisa. Eu quero lhe dizer tudo. Quero começar lhe dizendo... não... É melhor esperar... Não, Heloisa. Eu não vou lhe dizer.

REGINA — Diga, Luiz. De que se trata? Vamos, diga.

LUIZ — Heloisa... eu sei que você...

(Encerramento)

CAPÍTULO XXV

LOCUTOR — Por motivo de dissolução da firma, André recebe um radiograma pedindo para não prosseguir a viagem para a Europa. André obedece às instruções e regressa em companhia do seu amigo e criado. Zé Pedro, não tendo conseguido falar com André, resolve ir a São Paulo falar com Regina, e depois de alguns dias é que volta para a colônia de pescadores, para a colônia de S. Vicente. Ao chegar não encontra Luizinha, que foi dar um passeio. Zé Pedro pede então a Josefa para contar a Luizinha o seu insucesso. Josefa diz que agora a Luizinha tem uma preocupação: é o filhinho do Zé Poveira, de quem ela vai ser a madrinha. Enquanto isso, em S. Paulo, Regina e Luiz continuam atraindo Walter para a solução definitiva dos papéis que lhe foram roubados. E aí iniciamos o capítulo de hoje.

(Música)

REGINA — Que é isto, Luiz? Que tem você? Como está exaltado! Você está ficando trágico! Assim eu vou-me embora. Assim você me assusta!

LUIZ — Pois bem, Heloisa. Eu quero lhe dizer tudo. Quero começar lhe dizendo... não... É melhor esperar... Não, Heloisa. Eu não vou lhe dizer.

REGINA — Diga, Luiz. De que se trata? Vamos, diga.

LUIZ — Heloisa. Eu sei que você me ama. Você até hoje não me confessou. Mas eu sinto no próprio ar que você respira e vejo nos seus olhos o afeto que você me tem. O amor, minha querida, não se esconde. O amor é como o sol: ninguém o pode ocultar.

REGINA (brejeira) — Você está se enbriagando com a luz das estrelas. Vamos descer. Esta noite estrelada está lhe fazendo mal.

LUIZ — Não é das estrelas, Heloisa. O meu delírio vem da luz dos seus olhos, que me olham como que zombando. Mas eu vejo no fundo de suas pupilas um segredo esplêndido, um mistério que me atrai como um abismo tentador. E eu quero me afogar nesta voragem.

REGINA — De fato, há um segredo nestes olhos que o estão olhando apenas com desconfiança. Mas não há voragem nenhuma, Luiz. Se um dia você decifrar este segredo terá talvez uma decepção. A minha história é simplesmente uma história banal.

LUIZ — Decepção terá você quando ouvir o que lhe vou contar. Talvez que os preconceitos, as leis, o próprio código civil se ergam para nos separar. E eu não sei o que será de mim sem você!

REGINA — Não dramatize coisas tão simples, meu amigo. Eu não sou insubstituível.

LUIZ — Não diga isso, Heloisa. Você é o amor definitivo, o amor decisivo e supremo — o último amor.

REGINA — No entanto os poetas só costumam cantar o primeiro amor...

LUIZ — Coisas de poetas... O primeiro amor é apenas romance, inexperiência, curiosidade. Ao passo que o último é o oásis, é a sombra acolhedora, é a fonte de água fresca depois de uma exaustiva peregrinação. Perder o último amor é perder o resto da vida. E eu tenho tanto medo que você me fuja! Se ao menos você estivesse na mesma situação em que eu me encontro, talvez eu tivesse coragem de lhe propor uma vida à margem da sociedade, uma fuga aos preconceitos. Mas nem esse consolo, nem essa esperança me resta. Em tudo você está acima de mim. Mesmo assim eu continuo de mãos estendidas, implorando o seu amor. Querendo uma estrela, o mísero réptil!

REGINA — Vamos embora, Luiz. O ambiente aqui neste terraço não está bom para os seus nervos. Vamos, sim?

LUIZ — Não, Heloisa. Eu preciso lhe falar. Se descermos, aquele maldito alemão virá imediatamente perturbar a nossa conversa. E eu tenho necessidade de lhe falar.

REGINA — Mas você mesmo não disse que falando eu lhe fugirei? Por que não adia então esse relato que nos poderá separar?

LUIZ — Eu não quero viver de sonhos. Prefiro a dura realidade. Eu preciso lhe dizer...

REGINA — Não diga, Luiz. Espere um pouco mais. Estamos tão felizes nesse enlévo... Eu já lhe disse que primeiro temos de enfrentar o Walter. Depois enfrentaremos o nosso problema. Olhe: você vai me prometer... você promete?

LUIZ — Que quer que eu prometa, Heloisa? Você já sabe que eu farei tudo por você.

JUSTINO — E' isso mesmo. Olhe, daqui a pouco a gente vai chegar em Pernambuco. E vou tratar de ver as morenas de minha terra p'ra me consolar. Hum... eu estou ficando nervoso só de pensar que vou ver os canaviais de minha terra. Eu vou ficar com saudades suas, mas se eu ficasse no Rio ia ser pior. Com aquela mulata me atentando eu nem sei o que ia ser de mim.

ANDRÉ — Bom. Chega de tagarelice, Justino. Olhe, não se esqueça de escrever. Quando voltar eu apanharei você aqui outra vez.

(Batidas na porta)

ANDRÉ — Entre...

VOZ DE HOMEM — Um radiograma para o dr. André Montenegro. Aqui está, doutor. (Pausa).

ANDRÉ — Mas, será possível? Que teria havido? (Lendo) "Cumpre-me comunicar"... Oh!... mas então...?!

(Encerramento)

CAPÍTULO XXIV

LOCUTOR — Zé Pedro envida todos os esforços para falar com André. Chega a S. Paulo mas é informado de que André está em Santos para embarcar para a Europa. Zé Pedro rumo para Santos. E apesar de toda a velocidade não conseguiu falar com André. Assim que chegou, o navio já estava ao largo. A bordo André começa a despertar a curiosidade de duas personagens, uma delas chega a se declarar apaixonada pelo jovem melancólico. André não pode dar atenção, porque seu coração ficou naquela praia distante onde um dia conheceu a seia que havia de desviar-lhe os sentidos. E o capítulo terminou quando André recebeu um radiograma...

JUSTINO — Mas, vamos falar com franqueza: se, de repente, por causa dessa guerra que estão dizendo que vai estourar, o navio desse uma volta atrás, a gente gostava, não é?

ANDRÉ — E' isto mesmo, Justino. A gente foge com vontade de ficar e desejando um motivo para voltar. Mas a guerra não impedirá que a nossa viagem continue.

JUSTINO — E' isso mesmo. Olhe, daqui a pouco a gente vai chegar em Pernambuco. Hum... eu estou ficando nervoso só de pensar que vou ver os canaviais de minha terra. Eu vou ficar com saudades suas, mas se eu ficasse no Rio ia ser pior. Com aquela mulata me atentando eu nem sei o que ia ser de mim.

ANDRÉ — Bom, chega de tagarelice, Justino. Olhe, não se esqueça de escrever. Quando voltar eu apanharei você aqui outra vez.

(Batidas na porta)

ANDRÉ — Entre...

VOZ DE HOMEM — Um radiograma para o dr. André Montenegro. Aqui está, doutor... (Pausa).

ANDRÉ — Mas... será possível? Que teria havido? Então... a... a..... a companhia dissolveu-se? A viagem foi suspensa... Mas que contratempo!

JUSTINO — O que há, "seu" André, e que há?

ANDRÉ — Eu não vou mais à Europa, Justino. Por causa da guerra. Um dos sócios da empresa era estrangeiro, de maneira que a empresa foi desmembrada.

JUSTINO — Então a tal guerra está mesmo enfiada?

ANDRÉ — Sim, Justino. A nossa fuga foi interrompida. Temos que enfrentar o perigo outra vez. Você, a Ritoca, e eu, a Luizinha. Eu tenho tanto medo de me encontrar com ela!

JUSTINO — Mas será que não dá tempo nem de eu ver os engenhos? De ver os canaviais?

ANDRÉ — Se você quiser pode ficar aqui algum tempo. Mas eu tenho que regressar no primeiro navio.

JUSTINO — Não. Isto é que não. Então seu companheiro dos tempos de criança vai ficar se divertindo e deixar você sozinho com essa tristeza? Não. Eu sou companheiro p'ra tudo. Não se lembra dos tempos que você chorava por causa de seu pai, quando ele demorava p'ra lhe visitar? Não se lembra que eu chorava junto com você?

ANDRÉ — Não me recorde essas coisas, Justino. Há mais de vinte anos eu venho tentando esquecer o abandono, a humilhação da minha meninice e não consigo. E' um rancor que não passa.

JUSTINO — Mas seu pai tem feito tudo por você. Se você está formado, se você hoje tem sua profissão, deve tudo a ele.

ANDRÉ — Sim. Eu reconheço que ele tem sido meu amigo. Mas não perdôo a vergonha que ele sempre teve de mim, me ocultando de todos como se eu fosse uma peste.

JUSTINO (num grito) — Estamos chegando. Olhe lá. Olhe lá os coqueiros! Que bonito, não é? Não parece que aquilo tudo está enfiletrado para esperar a gente? O coqueiral, não parece que está cumprimentando os que chegam? Veja como as folhas se mexem. Não parece um leque de gigante?

ANDRÉ — Você apreciando os contornos da sua terra! E eu, vendo no sorriso desta cidade como que a zombaria do destino, e no alvoroço desta chegada a vertigem da fatalidade!

JUSTINO — Não quero ouvir coisas tristes agora. Eu estou sentindo o cheiro da minha terra. Eu estou alegre e quero que você se alegre comigo. Vou apanhando as mais, não é?

(Passos e ruído de arrumação)

JUSTINO — Recife! O rio! As pontezinhas! Os coqueiros! O caldo de cana gostoso! E as morenas! Hum... as morenas do norte!... Vamos, "seu" André. Dê um sorriso para essa terra onde nasceu este caboclo que lhe quer bem!

ANDRÉ — Não, Justino. Sua terra merece mais alguma coisa que um sorriso de artifício. Prefiro olhar a sua terra com emoção, mas com sinceridade. Não quero usar a alegria fingida que eu uso para enganar as mulheres. Elas são umas falsas. Ao passo que a cidade que aí está me abre o leque dos coqueiros numa acolhida tão hospitaleira!

(Música)

ZÉ PEDRO — Vá lhe contar tudo, Zefinha. Eu não

tenho coragem de lhe dar a notícia. Ela vai ficar tão triste. Coitada de minha menina.

JOSEFA — E por que demorou tanto, se não tinha conseguido nada? Por que não voltou logo, Zé Pedro? A pobre da Luizinha está numa aflição...

ZÉ PEDRO — É que eu passei por S. Paulo p'ra conversar com a dona Heloisa.

JOSEFA — Ora, Zé Pedro. Você foi afligir a Heloisa? Mas para que? Não adianta nada. Fazer duas pessoas sofrerem em vez de uma... que adianta isto, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — Espere, Josefa. Você nem me deixa acabar de contar e já vem ranzinzando. Eu ia falar com dona Heloisa, mas chegando lá encontrei as coisas tão bem encaminhadas, e ao mesmo tempo vi que ela está metida numa tal complicação, que resolvi não lhe dizer coisa alguma.

JOSEFA — Ah... bem... isto, sim. Mas qual é a complicação, hein?

ZÉ PEDRO — Imagine que o tal alemão que roubou o invento do dr. Luiz, cada dia arranja uma armadilha p'ra ver se o dr. Luiz cai. E a dona Heloisa está ajudando o marido a sair das malhas do tal bandido.

JOSEFA — Eu acho tudo isto uma bobagem tão grande! Esta gente gosta de perder tempo. Não era melhor denunciar essa quadrilha à polícia e obrigar êsse homem a devolver os papéis?

ZÉ PEDRO — Não seja tola, Zefinha. Você não sabe que o dr. Luiz precisa que o invento fique em segredo até botar a mão nos papéis que lhe roubaram?

JOSEFA — Ah, é verdade. Ele ainda não apresentou o invento ao governo.

ZÉ PEDRO — E então, mulher? — O que você gosta é de dar palpites...

JOSEFA — Eu ando tão nervosa, Zé Pedro... Eu vejo a Luizinha tão triste, tão desesperada, que já nem sei mais o que digo.

ZÉ PEDRO — Pobre da nossa menina! Olhe, Josefa, eu acho bom você ir falar com ela. Eu não tenho coragem. Quando sai daqui lhe dei tanta esperança. Mas se não fôsse aquele maldito enguiço no carro, a estas horas o tal André estava era aqui. Ah, isto eu garanto que estava. Mas agora, com esta guerra, agora é que ele tão cedo não há de voltar.

JOSEFA — Isto foi horrível! A Luizinha quando souber dessa guerra vai perder completamente a esperança. Com certeza ele vai ficar preso por lá uma porção de tempo, não é?

ZÉ PEDRO — Hum... foi o diabo istol! Parece uma coisa do destino. Aquêlê enguiço do carro, aquilo então foi uma coisa tão esquisita! Imagine você que eu fiquei quase meia hora parado na estrada e não apareceu ninguém para me socorrer. Não parece uma coisa do destino?

JOSEFA — Destino. A tia Alzira é que costuma dizer que êsse negócio de destino é a maior ofensa que se faz a Deus. Ela acha que Deus não ia preparar tantas maldades para as criaturas.

ZÉ PEDRO — Escute, Josefa. Onde é que ela está?

JOSEFA — Quem? A tia Alzira?

ZÉ PEDRO — Ora. Que me importa a tia Alzira! Eu estou perguntando pela Luizinha.

JOSEFA — Está com o afilhado. O único prazer que

ela tem é estar com aquela criança. Aquela menina é um consolo para ela. Nasceu em boa hora aquela criança do Zé Poveira.

ZÉ PEDRO — Bem. Então eu vou voltar para Santos. Hoje à tarde eu tenho o serviço de um casamento. Fale com ela, Josefa. Eu vou me embora depressa. Eu não quero encarar a Luizinha.

JOSEFA — Vá, seu covarde. Eu falo com ela. Eu sou um pouco mãe de Luizinha. E só as mães sabem consolar nestas horas de aflição.

(Música)

LUIZINHA (chorosa) — Sim, Josefa. Eu procurarei ter coragem. Eu vou fazer o possível para resistir.

JOSEFA — Você acha então que não é preciso mandar falar com sua mãe?

LUIZINHA — Não, Josefa. Vamos deixar a mamãe terminar sosegada a sua tarefa.

JOSEFA — Então você me promete que vai procurar comer, que vai fazer o possível para não perder a saúde? Porque do jeito que você vai, sem alimentar-se, sem tomar um pouco de sol, você acaba definhando. Olhe-se no espelho. Veja como emagreceu, veja como está pálida. Assim você acaba adoecendo, Luizinha.

LUIZINHA — Não, Josefa. Tudo, menos me olhar ao espelho. Eu tomei horror a mim mesma.

JOSEFA — Que pecado, Luizinha! Você que é tão linda; você, a quem Deus Nosso Senhor premiou com tanta beleza, desprezando êsse bem que Deus lhe deu.

LUIZINHA — E para que quero eu mais esta beleza? De que me vale ser bonita, se eu não tenho mais André para me olhar?

JOSEFA — O mundo dá tantas voltas, minha filha! Mire-se no exemplo de sua mãe. Sua mãe tinha vinte anos quando foi obrigada a separar-se de seu pai, e agora, dezenove anos depois, está fazendo o velhote andar de cabeça à roda por causa dela. Quem sabe se daqui a alguns anos o André não vai ficar ainda mais apaixonado por você? Anime-se, Luizinha. Tenha fé em Deus.

(Intervalo)

LUIZINHA — Já lhe disse que vou fazer o possível, Zefinha. Eu vou ver se esqueço que tenho coração.

JOSEFA — Mas não fale assim, com êsse desânimo, Luizinha. Assim eu não posso acreditar na sua promessa. Será possível que nem depois da história que eu lhe contei você não queira acompanhar o exemplo de sua mãe?

LUIZINHA — Minha mãe esperava um filho. Sabia que a sua vida ia continuar. Sabia que tinha um dever sagrado para cumprir; tinha o maior dos estímulos — um filho — ao passo que eu não tenho nada, a não ser o peso de uma acusação. E não posso me defender. O que mais me dói é essa injustiça que eu não sei explicar, de que eu não posso me defender.

JOSEFA — Sua mãe esperava um filho. Mas você já sabe agora que muito breve vai conhecer o seu pai. Isto não lhe dá ânimo, Luizinha? Pense em seu pai e procure alegrar-se.

(Música)

REGINA — Então, Luiz? Encontrou a chave do cofre?

LUIZ — Não. E foi desde aquele dia em que fomos convidados para ir à casa do Walter que a chave desapareceu.

REGINA — Então você acha que ele esteve em seu quarto durante a nossa ausência?

LUIZ — Sim. E foi para isso que ele não quis seguir em nossa companhia. Depois que saímos ele conseguiu entrar em meu apartamento. Encontrou a chave. Eu a tinha deixado sobre a mesa de cabeceira. Mas ele não chegou a abrir o cofre. Com certeza não teve tempo.

REGINA — Como sabe?

LUIZ — Encontrei tudo como havia deixado.

REGINA — Mas isto não prova coisa alguma. Ele também penetrou no apartamento e nada desarrumou. Tanto assim que, só hoje, depois de tantos dias, você percebeu que ele esteve lá.

LUIZ — É verdade. O homenzinho até parece um gato. Mas, coitado. Ele está iludido com aquele cofre. Naturalmente pensa que vai encontrar ali a definição dos papéis que me roubou.

REGINA — Você, naturalmente, os tem bem guardados agora.

LUIZ — Eu nem os trouxe comigo. Veja só se eu os trazê-los para a boca do lobo.

REGINA — Mas ele, que ignora a delação da Suzete, imagina com certeza que você os tem consigo.

LUIZ — Por certo. Daí o seu agarramento comigo. Não nos deixa sossegados, aquele patife. Eu já estou cansado de aturá-lo. Que ele queira executar o seu roubo, eu concordo, mas que me roube os momentos que posso ter ao lado de você, isto é que eu acho em demasia.

REGINA — Mas ele tem sido providencial para mim. Eu estou até com vontade de aderir ao Walter.

LUIZ — Providencial? Por que?

REGINA — Você não reparou que ele chega sempre quando você está se excedendo nos madrigais?

LUIZ — E você não gosta que eu lhe fale dos meus sentimentos? Que contrassenso é este se eu sei que você gosta de mim?

REGINA — É que ainda não chegou a hora, meu amigo.

LUIZ — Já está você com os seus mistérios. Já está você a falar em horas. Você não sabe que o amor é inimigo dos relógios?

REGINA — Pois não devia ser. O relógio também marca a hora das entrevistas, o momento das aproximações...

LUIZ — É, mas quando chega esse momento ele começa a martelar sobre os segundos, sobre os minutos, como uma máquina infernal, destruindo aquilo que tanto se esperou.

REGINA — Mas quando esse momento é definitivo, quando a gente sabe que tem o futuro nas mãos, o relógio passa a ser um bom companheiro da nossa vida.

LUIZ — Eu já não creio mais nessa felicidade, na sereníssima felicidade de todos os dias. A felicidade que eu já tive e não soube conservar.

REGINA — Quem sabe se algum dia ela não vai

voltar para você? Quem sabe se você não vai achar de novo a felicidade que perdeu?

LUIZ — Agora é um pouco tarde, Heloisa. Talvez seja tarde de mais. Se eu encontrasse agora o que perdi, eu me sentiria colocado em um dilema terrível.

REGINA — Um dilema? E por que?

LUIZ — Por certo. Depois que você me apareceu nada mais do meu passado me interessa. Toda a minha saudade, todas as minhas lembranças, toda a minha nostalgia como que se diluíram ante o esplendor da sua presença e do sentimento que você me inspira. Eu tenho a impressão de que tudo aquilo era um anseio disfarçado e que era só você, apenas você, que o meu coração desejava.

REGINA (emocionada) — Cale-se, Luiz! Oh, Luiz! Você não sabe o que está dizendo. Cale-se, por favor.

WALTER (chegando) — Boa noite, meus simpáticos amigos. Há vinte e quatro horas que não tenho o prazer de vê-los. E eu já estou tão acostumado à companhia de ambos... Sinceramente, eu me sinto tão deslocado aqui no hotel sem a companhia do doutor e de madame Casa Branca.

REGINA — O senhor é muito amável, sr. Walter. Venha fazer-nos companhia. Sente-se aqui.

LUIZ — Quer um cigarro, caro amigo?

WALTER — Pois não. Com o máximo prazer. Então não quiseram tentar outra ida à minha casa? Foi lamentável o contratempo daquele dia. Mas não façam a menor cerimônia, hein? Quando quiserem dispor daquela casa é só pedir as chaves. Aquilo lá é uma delícia, doutor. É um lugarzinho esplêndido para um "se jour"... para uma lua de mel...

LUIZ — Muito obrigado. E não tenha dúvida. Qualquer de nós disporá de sua casa na primeira oportunidade, não é, madame Casa Branca?

REGINA — Como não, sr. Walter? É questão apenas de aparecer a oportunidade.

WALTER — Ah, é verdade. Encontrou afinal a chave do seu cofre, doutor? Que coisa tão misteriosa, não é?

LUIZ — Não. Não há mistério nenhum. Naturalmente foi algum ladrão de joias. Entrou no quarto, apanhou a chave, mas não teve tempo de passar uma revista no cofre. E sairia logrado se o houvesse conseguido. O cofre só contém papéis...

WALTER — Mas poderiam fazer alguma chantagem se, por acaso, pusessem a mão nos seus papéis. O senhor precisa ter mais cuidado, doutor.

LUIZ — Realmente. Os papéis têm um grande valor para mim. Mas não creio que interessem a mais alguém.

(Música)

REGINA — Que noite esplêndida, Luiz. Tem-se a impressão perfeita do infinito.

LUIZ — Que impressão é essa, Heloisa? Gostaria que você me explicasse.

REGINA — Eu não apliquei o termo próprio. Em vez de impressão eu deveria ter dito sensação.

LUIZ — E qual é a sensação do infinito?

REGINA — É justamente a sensação do que não se explica mas se compreende; do que está perto mas não



O Samba vai a Buenos Aires

DESTA VEZ, A PORTADORA É ANDYARA PEIXOTO

Reportagem de M. M.

Andyara Peixoto está de partida para Buenos Aires. Não para uma viagem de turismo, Kodak a tiracolo, "slacks" para flunar em Baía Blanca, cigarreiras longas para as tardes lentas nas "terrasses" floridas de elegâncias. Nada disso. Andyara Peixoto vai atuar na Radio Belgrano, o que equivale dizer: conquistou uma etapa vitoriosa de sua carreira, a etapa com que sonham oitenta por cento dos nossos artistas, a etapa que poucos conseguem alcançar. É natural, portanto, que Andyara esteja satisfeita. E que tenhamos encontrado, numa destas manhãs em Copacabana, o seu sorriso ainda mais luminoso, o seu olhar ainda mais radiante.

— Feliz, Andyara?

— Ora se estou! Quem não gostaria de ir a Buenos Aires, principalmente agora, que a volta da paz nos dá um desejo louco de abraçar o mundo inteiro?

— Já conhece a Argentina?

— Ainda não. Será minha primeira viagem fora do Brasil. Aliás, pensando bem, nesta nossa América essa história de fronteira não convence muito. Acredito na "Boa Vizinhaça" de todo o meu coração. O próprio castelhano é tão parecido com o português que me sentirei em casa.

— Como foi descoberta pela Radio Belgrano?

— Ih! Já contei essa história tantas vezes! Ora, meu amigo, uma "estrela" como eu não podia deixar de cortar os céus continentais...

Sorri alegremente. E o sorriso bonito compensa a resposta que não foi dada. Mas fica séria depois, quase grave:

— Cantar em Buenos Aires é uma grande responsabilidade, sabe? Os argentinos se interessam cada vez mais pela música brasileira. Aliás, Walt Disney ensinou a todos os americanos do sul e do norte — e certamente ensinará a todos os povos — que o Brasil é um país de pitoresco e de poesia, de música e de ternura. Samba hoje em dia é música universal como uma contribuição pessoal à propaganda de nossa terra, de nossos autores, de nossa sensibilidade artística. E acho tão séria essa tarefa que, às vezes fico assustada.

— Ora! Você vencerá como sempre.

— Não sei. O certo é que estou trabalhando para isso. Estudo, organizo programas, seleciono autores, procuro números inéditos. Quero vencer com meus camaradas brasileiros, com esses sambistas que colhem música no cotidiano carioca, como se colhessem flores num jardim. Eles é que fazem a vitória dos artistas, não acha?

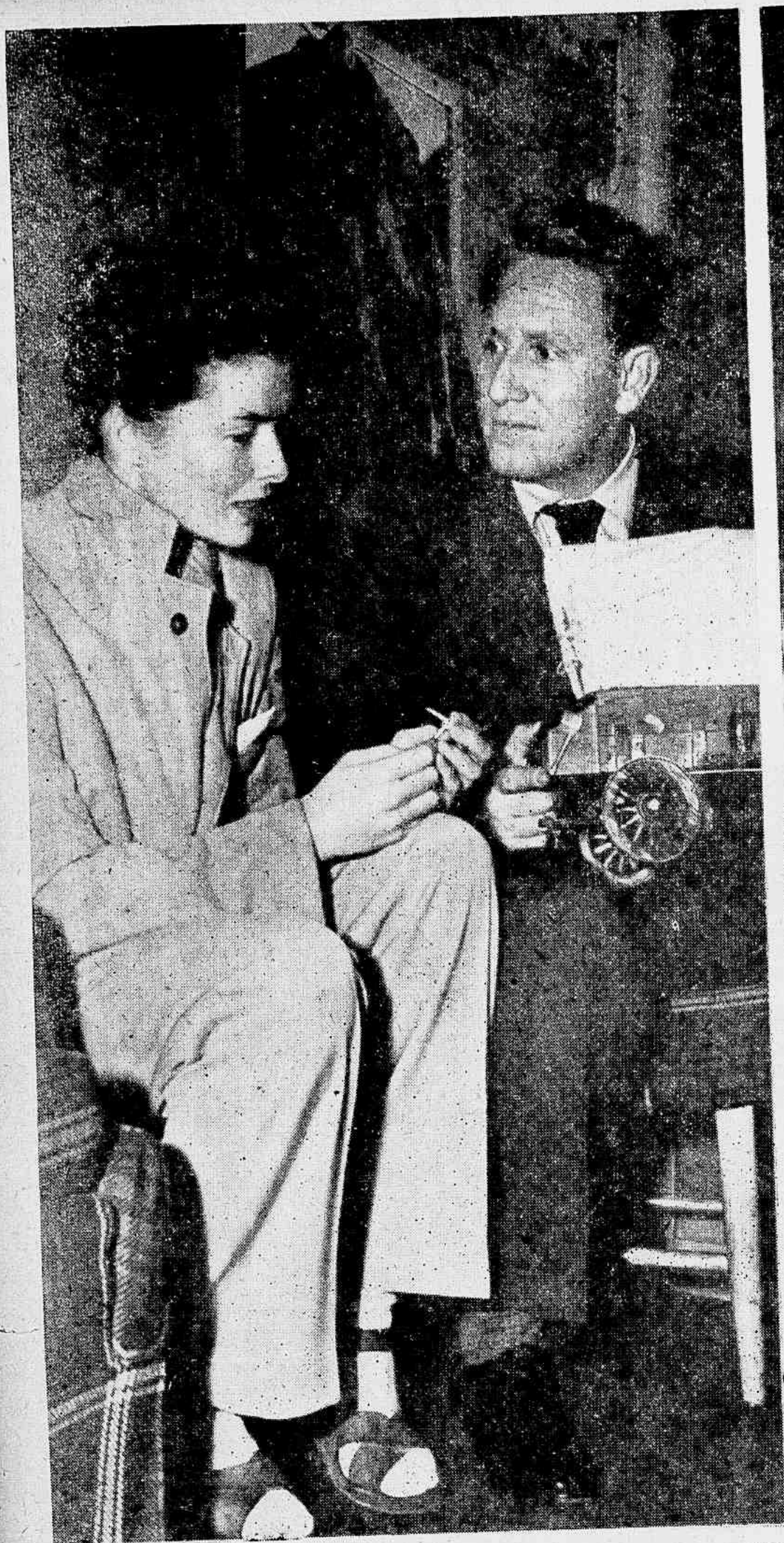
— Que músicas levará você para Buenos Aires?

— Um punhado. Procurarei cantar todos os sambas mais bonitos que eu conheço. Canções e ritmos regionais também. "Canta, Brasil!", "Exaltação à Bahia", "Você já foi à Bahia?", "Na Baixa do Sapateiro", "Brasil Moreno", "Meu amor, onde é que está?" e muitas outras. São composições tipicamente populares, cheias de ingenua e colorida beleza. Com elas, tenho certeza de que agradarei. Logo, sou grata aos compositores nacionais. E tenho razão, não acha?

Preferimos achar, naquele momento, que os autores devem muito a Andyara Peixoto, por ter emprestado à música popular o encanto de sua voz morena, de sua sensibilidade jovem e cheia de frescura.

Vinha uma lagosta, como um enorme fruto colorido rolando pela praia. A artista fez um sinal. E de longe ainda nos disse adeus, rissonha e vibrante como se já estivesse a caminho de Buenos Aires, a caminho do seu grande triunfo.





A REVISTA EM HOLLYWOOD

Luiz Serrano manda-nos, de Hollywood, mais alguns sugestivos flagrantes cinematográficos. Nesta página, três aspectos de Spencer Tracy, o conhecido "astro" da Metro, nos intervalos de uma filmagem com Katherine Hepburn. Nas duas gravuras superiores, Kat e Spencer palestram como dois bons amigos, e o ator mostra à "estrêla" a miniatura de um veículo feito por ele mesmo nas horas de folga. Em baixo, Spencer, Victor Fleming e o diretor Harold Bucquet. Na página ímpar, em cima, Shirley Temple e Jerome Courtlan, protagonistas de "Kiss and tell", da Columbia; Ginger Rogers e Joseph



Cotten no filme "Ver-te-ei outra vez", que se anuncia aqui no Rio para o próximo dia 30, nos cinemas S. Luiz, Vitória, Rian e América. Em baixo, George Rigaud em "Paris Underground", e finalmente Deanna Durbin em "Vivo para cantar". Ainda a propósito de "Ver-te-ei outra vez": Trata-se de uma produção Selznick International, dirigida por William Dieterle, inspirada na grande música que é "I'll be seeing you", melodia de Irving Fahl, de extraordinário sucesso na América do Norte nestes dois últimos anos.



EM
DD
e Hol-
stivos
Nesta
pencer
a Me-
filma-
n. Nas
Kat e
s bons
estrê-
o feito
folga.
leming
et. Na
Shirley
protá-
da Co-
Joseph

SEU ESPÊLHO NÃO DESCOBRE O

"Inimigo Invisível"

Você tem um "inimigo invisível". Quase todos nós o temos: a acidez bucal de origem bacteriana que, não sendo neutralizada, pode causar a cárie dos dentes.

A limpeza comum dos dentes não elimina toda a acidez bucal de origem bacteriana. Para isso, você necessita do dentífrico adequado. O Creme Dental Squibb é esse dentífrico adequado, pois contém Leite de Magnésia Squibb — ingrediente especialmente destinado a combater e neutralizar a acidez bucal.

Seu dentista é a maior autoridade para julgar um dentífrico. Consulte-o sobre as qualidades do

COMBATA O SEU "INIMIGO INVISÍVEL" ASSIM:

- 1) Escove os dentes com Creme Dental Squibb, pelo menos duas vezes por dia. Isso garante uma limpeza eficiente e segura.
- 2) Depois, antes de enxaguar a boca, espalhe o Creme Dental Squibb, fazendo-o atingir todos os dentes. Isso proporciona-lhe o benefício completo da ação neutralizadora do Leite de Magnésia Squibb — combatendo assim seu "inimigo invisível" — a pernicioso acidez bucal de origem bacteriana. Além disso, você sentirá que o Creme Dental Squibb deixa na boca uma sensação agradável de limpeza e frescura.



CREME DENTAL
SQUIBB

L.001

CASA UNIVERSO

Incuubem-se de qualquer encomenda de peixe e camarão tanto para a Capital como para lóte.



Encomendam e despacham peixe para São Paulo e para qualquer lugar. Encarregam-se de fornecer a hotéis e confeitarias

Abonante Francisco & Cia.
Rua XI - 98 a 104 - Mercado Municipal - Tel. 42-3018
RIO DE JANEIRO

A última cena

Continuação da pág. 49.

nha obra. Ia forjar a história da traição recente de Jorge, quando notei um lampejo de cólera absoluta partir dos olhos de Sara:

— Ah! infame! infame! infame!

A ameaça ia desvendar-se. Aquela cólera ia abater-se em algum ato de pavorosa violência. Vi, porém, o corpo inteiro de Sara vibrar num tremor convulsivo e aquela grande e deslumbrante mulher enrolar-se na cadeira, que abandonara, e debruçar-se sobre a mesa, e chorar, chorar, como jamais vi chorar outra mulher. Eu olhava, pasmado, o desfecho da última cena. A certeza de uma traição de Jorge eu lhe havia revelado na embriaguez que fingira. E em vez de uma represália, de uma violência, Sara tinha tido apenas a fraqueza das lágrimas. Pobre rapariga!

Jorge fez-me um sinal que eu só compreendi e carregou-a para fora da sala. Os tziganos haviam deixado de tocar.

— Que idéia foi a tua? — perguntou-me Paulo Artur.

— E' o meu segredo...

Cinco minutos depois o jantar retomava o seu curso. Sara e Jorge estavam de novo à mesa.

Terminado o banquete, no primeiro ensejo, Jorge me apertou as mãos, às ocultas de toda a gente, e agradeceu com estas palavras a minha obra:

— Sara está curada. Ela fez a sua última cena. Já agora sei o que era a ameaça da pobrezinha. Não desfaças nunca o que fizeste hoje. És o amigo sem par.

E só depois desse dia começou a ser mais conhecida a alma de criança da grande Sara de Toledo.

Ao eminente cardiologista dr. Divo Orcioli



Dr. Divo Orcioli

Atacada seriamente do coração, procurei o conhecido cardiologista dr. Divo Orcioli, com consultório à rua Buenos Aires, 250, 1.º andar, onde a ciência aliada à dedicação deste ilustre sacerdote da medicina, iluminado por Deus, em breve tempo, restituiu-me integralmente a saúde. Faço público este agradecimento, espontaneamente, para recomendar-lo aos que sofrem do coração, pois abaixo de Deus a ele devo minha vida. A este abalizado especialista minha eterna e profunda gratidão. — (a.) JULIA SPENA — Rua do Matoso, 135.



Um GUIA GRATIS para SUCESSOS CULINÁRIOS!

- É o novo livro "Receitas com Maizena Duryea", onde encontrará 74 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.



MAIZENA DURYEA

Verifique o
acampamento indio
e o nome Duryea



A MAIZENA DURYEA 50
Caixa Postal, 6-B - São Paulo 37
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"
NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

HEMORRHOIDAS? tome

Lic. 3518-14-3 925 D.M.S. P. ENCONTRA-SE EM TODAS AS
Pílulas de Herva de Richo
SANTO ANTONIO
Gonorréias! Optimas! INFRALIVEIS!

a sua
e era a
deslaças
o amigo

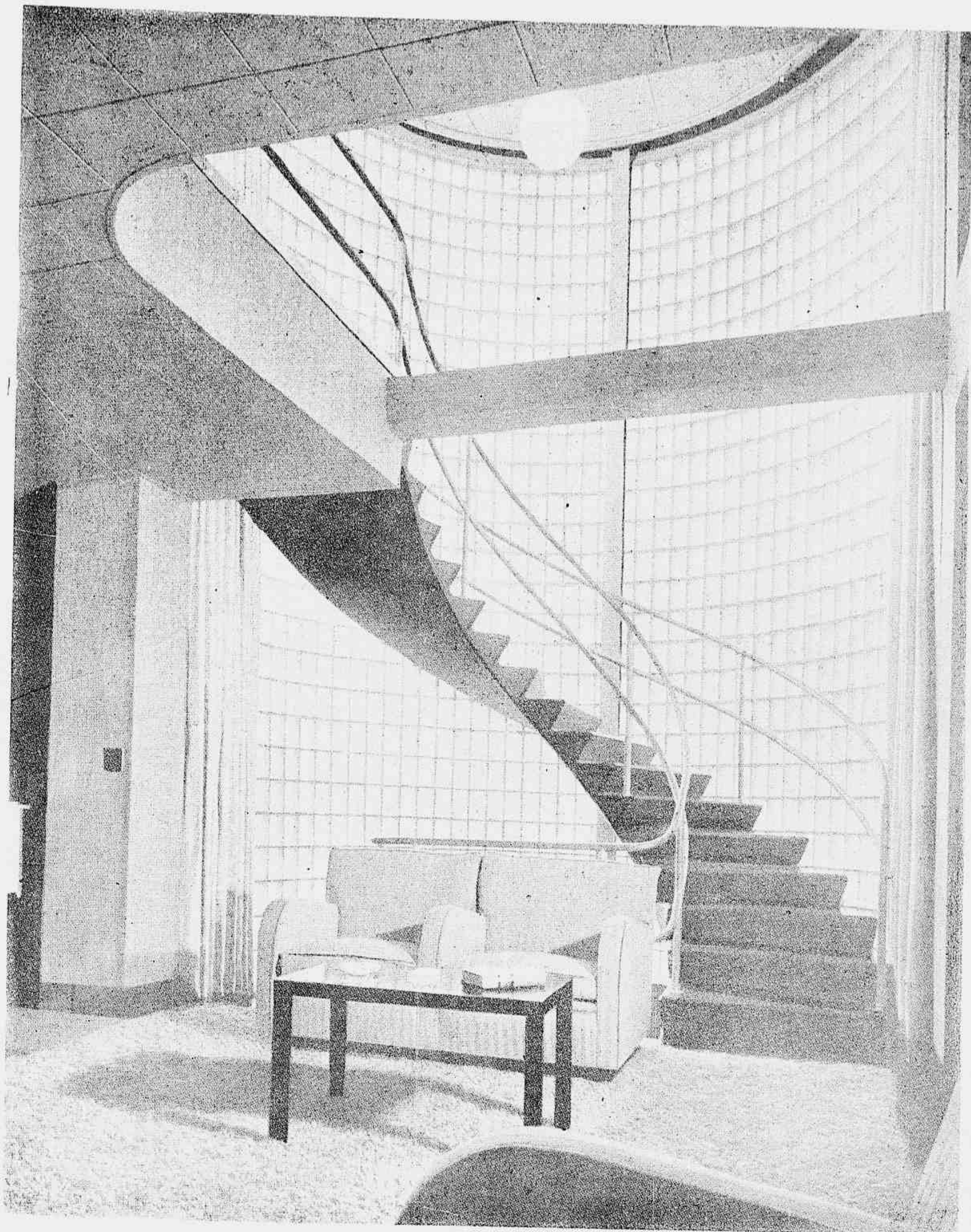
u a ser
mça da

ogista

io, pro-
dr. Divo
Buenos
ia aliada
dote da
m breve
e a saú-
ento, es-
lo aos
aixo de
ste aba-
e pro-
SPENA

Aproveitando o patamar de entrada, os moradores desta moderna residência mobiliaram-no com gosto e distinção, organizando assim um belo "living-room" original e elegante. As linhas curvas da escada em espiral, construída em cimento e aço laminado, harmonizam-se perfeitamente com os traços retilíneos dos móveis, num contraste discreto e de grande efeito ornamental.

Integram o mobiliário apenas uma mesa de cristal e pés negros e uma poltrona dupla estofada, em veludo claro de duas tonalidades. Um grande tapete cinzento e felpudo cobre todo o pavimento.



LINHAS EM CONTRASTES

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ

Prada